

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUÍSTICA

Lucas Augusto Souza Pinto Alvares

**GUERRA CONTRA O TERROR - EIXO DO MAL: ENUNCIADOS QUE
SEMANTIZAM O MUNDO ÁRABE NO OCIDENTE**

Cáceres

2016

Lucas Augusto Souza Pinto Alvares

**GUERRA CONTRA O TERROR - EIXO DO MAL: ENUNCIADOS QUE
SEMANTIZAM O MUNDO ÁRABE NO OCIDENTE**

Dissertação apresentada como conclusão do PPGL – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat.

Professor Orientador: Dr. Taisir Mahmudo Karim

Cáceres

2016

Alvares, Lucas Augusto Souza Pinto

Guerra contra o terror – eixo do mal: enunciados que semantizam o Mundo Árabe no Ocidente./Lucas Augusto Souza Pinto Alvares. Cáceres/MT: UNEMAT, 2016.

141f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.

Orientador: Taisir Mahmudo Karim

1. Semântica do acontecimento. 2. Guerra ao terror – atentados terroristas. 3. Eixo do mal – Oriente/Ocidente. 4. Mídia – atentados terroristas. I. Título.

CDU: 81'37

Lucas Augusto Souza Pinto Alvares

**GUERRA CONTRA O TERROR - EIXO DO MAL: ENUNCIADOS QUE
SEMANTIZAM O MUNDO ÁRABE NO OCIDENTE**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim Unemat – Orientador

Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães Unicamp – Convidado

Prof. Dr^a. Neuza Benedita da Silva Zattar Unemat – Convidada

Prof. Dr. Albano Dalla Pria Unemat – Suplente

Seria o caso de eu dizer uma vez mais que não tenho um Oriente 'real' a defender. Tenho, contudo, enorme consideração pela fortaleza das pessoas daquela parte do mundo, bem como por seu esforço de continuar lutando por sua concepção do que são e do que desejam ser.

Edward W. Said, *Orientalismo O Oriente como invenção do Ocidente.*

A diferença entre o revolucionário e o terrorista está na razão pela qual cada um luta. Pois, quem defende uma causa justa, luta pela liberdade e pela libertação de sua terra dos invasores, colonos e colonialistas, não pode definitivamente ser chamado de terrorista.

Yasser Arafat. Discurso na Assembleia Geral da ONU em 13 de novembro de 1974.

Em primeiro lugar a Deus.

À minha esposa Tânia Mara Busetto,

Minha mãe Maria Madalena Souza Pinto,

A meus irmãos

Aos meus amigos

E aos meus mestres que me guiaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela força e coragem concedidas durante minha jornada na busca pelo conhecimento. Agradeço minha esposa e minha mãe que de perto deram suporte durante todos os momentos desta trajetória, amo vocês. Aos meus amigos e colegas pelas boas conversas, momentos de felicidade e companheirismo. Aos meus irmãos e ao meu pai que muito contribuíram para a finalização deste processo. Agradeço à instituição Unemat que com seus professores e estrutura impulsionaram minha caminhada neste caminho infinito e grandioso. Meus sinceros agradecimentos também aos meus nobres mestres do Programa de Pós-Graduação em Linguística, que compartilharam seus conhecimentos e nunca, nunca deixaram de resolver ou solucionar qualquer dúvida, principalmente meus orientadores Edileusa Gimenes Moralis e TaisirKarim que me acompanharam até o final. Minha gratidão eterna a vocês dois.

RESUMO

Os dias que se seguiram após os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 foram caracterizados pela tensão, doméstica e internacional, e pela preocupação de líderes mundiais quanto a segurança de suas fronteiras. Se uma potência como os Estados Unidos sofreu ataques tão violentos dentro de seu território, seus aliados na Europa e na própria América corriam também este risco. Muito se falou, se escreveu sobre este fato, sobre este acontecimento notadamente ousado e ao mesmo tempo perturbador. Dizeres ao redor do globo manifestavam-se a favor e contra os ataques, hoje sabidamente confirmados, perpetrados pela organização terrorista Al Qaeda liderada à época por Osama Bin Laden. Este foi um momento esplendoroso para a mídia mundial, principalmente para organizações midiáticas ocidentais. A exploração da dor, do sofrimento e da história construída e produzida atrás destes atentados, além de comentários de especialistas sobre Oriente Médio e a relação deste com o Ocidente, fizeram aumentar a espetacularização do ocorrido e os sentimentos de ódio e euforia. A longa tradição histórica das potências ocidentais em formar, reformar e transformar um Oriente “inventado por elas” marca apenas um ponto de partida para as relações entre estas duas regiões. Um Oriente “próximo”, porém “distante” ao mesmo tempo encontrava-se agora enfraquecido, inventado e dominado pelas potências dignas de representar o eurocentrismo do século XIX. É nesta medida que buscaremos reconhecer a relação entre estas duas “entidades”, o Ocidente e o Oriente e que pautaremos historicamente nosso processo analítico na e pela linguagem que significa e ressignifica através do funcionamento da língua na e pela enunciação. O desenvolvimento desta pesquisa se dará pela análise e observação de como as expressões **guerra ao/contra o terror** e **eixo do mal**, enunciadas por George W. Bush, ex-presidente dos Estados Unidos após os atentados contra as Torres Gêmeas em 2001, significa semanticamente o Oriente para o Ocidente. Para dar conta dos resultados de nossas análises, que se darão na linha de pesquisa “Estudos e Análises dos processos Discursivos e Semânticos”, nos valeremos aqui da teoria da Semântica do Acontecimento (Guimarães 2002), das teorias sobre a enunciação de Emile Benveniste e Oswald Ducrot, e, da Análise de Discurso (Orlandi, 1999). Além das teorias sobre a língua e a linguagem, manteremos um diálogo com disciplinas importantes como a História, Filosofia, Sociologia, Ciências Políticas e Relações Internacionais.

Palavras-chave: Semântica; Eixo do Mal; Guerra ao Terror; Acontecimento; Mídia.

ABSTRACT

The days that followed the terrorist attacks of September 11 were characterized with tension, domestic and international, and worry of world leaders in relation to their border security. If a powerful nation like the United States, suffered such violent attacks inside its territory, its allies in Europe and America ran the same risk. A lot has been said and written about such fact, about this event notably bold and, at the same time, disturbing. Sayings around the globe declared being against or in favor of the attacks that were perpetrated, as confirmed today, by the terrorist organization Al Qaeda, led, at the time, by Osama Bin Laden. This was a magnificent moment for worldwide media, especially for the ones of the Western World. The exploitation of the pain, the suffering and the story constructed and produced based on these attacks, in addition to Eastern World specialist's commentaries and the relation between it and the Western World, augmented the speculation about the event and the feeling of hate and euphoria towards it. The long Western World historical tradition of the powerful nations of forming, reforming and transforming the Eastern "invented by them" marks only the beginning of the relations between these two regions. A "near" but "far" Eastern World found itself weakened, invented and dominated by the powers worthy of representing the Eurocentrism of the 19th century. It is to this extent that we will seek to acknowledge the relation between these two entities, the Western and Eastern World, and that we will historically guide our analytical processes on and through the language that signifies and redefines through the performance of the language on and through the enunciation. The development of this research will be made through the analyses and observation of what the expressions **war with/ against** the terror and **axis of evil**, pronounced by George W. Bush, ex-president of the United States, after the terrorist attacks on the Twin Towers in 2001, mean semantically the Eastern to the Western. To cope with the results of our analyses, that will be developed in the research "Estudies and Analyses of Discursive and Semantic Process", we will be using the Theory of Event Semantics (Semantica do Acontecimento -Guimrães 2002), the Theories of Enunciation of Emile Benveniste and Oswald Ducrot, and the Discourse Analyses (Orlandi, 1999). In addition to the theories on language, we will maintain a dialogue with important disciplines such as History, Philosophy, Sociology, Political Sciences and International Relations.

Key Words: Semantics; Axis of Evil; War to Terror; Event; Media.

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela I</i>	48
<i>Tabela II</i>	49
<i>Tabela III</i>	50
<i>Tabela IV</i>	50
<i>Tabela V</i>	52

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO I	16
RELAÇÕES ORIENTE – OCIDENTE NOS SÉCULOS XIX, XX e XXI: BREVE PERCURSO	16
1.1 O Homem, O Estado e a Sociedade: Origem e Transformação	17
1.2 Eurocentrismo e Imperialismo: Civilizados e Incivilizados.....	23
1.3 Século XX: Destruição, Decisão e Transformação	26
1.4 Da Segunda Guerra Mundial Até 2001: Nova Era de Terror, Decisões e Transformações.....	34
CAPÍTULO II.....	40
FOLHA DE SÃO PAULO: DESCRIÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA.....	40
2.1 O Discurso e a Mídia: Algumas Considerações	41
2.2 “Eixo do Mal” e “Guerra ao/contra o Terror”: Pesquisa e Ocorrências no jornal Folha de São Paulo.	45
2.3 Eixo 1939 – 1945.....	46
2.4 Eixo do Mal 2001 – 2005.....	47
2.5 Guerra ao Terror e Guerra Contra o Terror 2001 – 2005.....	48
2.6 Dos <i>Recortes</i> e da organização no corpo do texto.	50
CAPITULO III	53
CONSIDERAÇÕES E DISCUSSÕES TEÓRICAS.....	53
3.1 O Acontecimento e o Político: Construção De Sentidos e Significados Na e Pela Linguagem.....	61
CAPITULO IV.....	67
A GUERRA AO/CONTRA O TERROR E A SIGNIFICAÇÃO DO ORIENTE NOS DIZERES DO OCIDENTE	67

A CONSTITUIÇÃO E OS DESLOCAMENTOS DOS SENTIDOS: EIXO E SEU FUNCIONAMENTO COMO MEMORÁVEL.	86
CAPÍTULO VI.....	104
A DIVISÃO DESIGUAL DO REAL PELA LÍNGUA E A SEMANTIZAÇÃO DO ORIENTE PELO OCIDENTE	104
6.1 Acontecimento, Política e Silenciamento: Eixo Do Mal e a Significação Oriente Pelo Ocidente.....	107
Considerações Finais	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
ANEXOS	129

INTRODUÇÃO

Muito se ouviu falar em terrorismo após o fatídico dia de 11/09/2001 quando, dois aviões de passageiros atingiram as torres gêmeas do World Trade Center em Nova Iorque nos Estados Unidos da América, até então, a intocável nação ocidental, o ataque que matou aproximadamente 3.000 pessoas, repercutiu no mundo todo. O ataque ao WTC, doravante neste trabalho, de suposta responsabilidade dos terroristas árabes, foi comparado a um filme hollywoodiano, um espetáculo que no primeiro momento pareceu ao mundo uma ficção com sofisticados efeitos especiais, mas, logo, aquilo que se apresentava como ficção se dobra ao mundo real como a tragédia do século XXI, o inatingível é atingido, e o maior símbolo do poder capitalista norte-americano se transforma em pó.

É importante lembrar que, as relações conflituosas entre o Ocidente e o Oriente Médio não são recentes. Desde as campanhas de expansão do Império Romano que, subjuguou os povos árabes às suas leis; as campanhas das Cruzadas que pretendiam reunificar o mundo cristão e retomar a cidade de Jerusalém dos Turcos; o expansionismo europeu por meio das políticas de colonização que levaram países como a França e a Inglaterra a “formar” as novas fronteiras da região após a Primeira Guerra Mundial; a Segunda Guerra mundial que levou à criação da Organização das Nações Unidas, ONU, e também do Estado de Israel na região da Palestina; o interesse pelo controle de recursos minerais como o petróleo, encontrado em abundância em países como Iraque e Arábia Saudita e as duas Guerras do Golfo, são exemplos claros de como o Ocidente sempre se interessou e se “intrometeu” na região do Oriente Médio.

Retomando o fato dos atentados sofridos em território norte-americano, algo jamais visto na história, o governo estadunidense passa a agir de acordo com uma nova agenda de política externa, pautada, no que seria chamada de “Doutrina Bush”. Essa “Doutrina” buscou, dentro de seus objetivos principais, implantar junto com seus aliados ocidentais, políticas da **guerra ao/contra o terror**, que, tinham como principal alvo os países que compunham o **eixo do mal**, o Iraque, o Irã e a Coreia do Norte. Esta expressão enunciada pelo Ocidente passa a nominar o grupo composto pelos três países.

A partir de então, a mídia ocidental passou a divulgar com uma frequência cada vez maior o nome de Osama Bin Laden, saudita, líder da organização considerada terrorista, Al Qaeda, grupo que supostamente fora responsável pelos atentados ao WTC, e de seus homens de confiança dentro da organização. As inserções do tema terroristas árabes cada vez mais ganhavam espaços nos principais jornais televisivos do Ocidente, essas inserções midiáticas passam a construir um imaginário do Ocidente sobre Oriente Médio que acaba por produzir sentidos negativos em relação ao ser Islâmico e o ser muçulmano, são sentidos construídos pelo Ocidente para os ocidentais, assim, a mídia ocidental constrói o imaginário de ser islâmico e muçulmano para o Ocidente.

A forma sensacionalista da mídia, que, busca sempre prender a atenção do seu público alvo, utilizando-se muitas vezes de discursos e imagens fortes sobre conflitos que envolvem o lado do bem (o Ocidente - o cristão) e o lado do mal (o Oriente Médio – o Islã e os muçulmanos) acaba por cristalizar a imagem negativa do Oriente islâmico em detrimento ao Ocidente cristão, são os bandidos/terroristas contra os mocinhos/soldados do bem, como num filme do cinema hollywoodiano. Desta forma o que estará em questão neste trabalho, será a análise destes acontecimentos enquanto enunciados, enquanto acontecimentos enunciativos.

É nesse sentido que interessa-nos tratar mais profundamente os episódios ocorridos a partir do dia 11 de setembro de 2001, a questão que levantamos aqui nos leva a procurar compreender o funcionamento enunciativo das expressões **“guerra ao/contra o terror”** e **“eixo do mal”** produzidos pela mídia ocidental. Esses enunciados nos levam a um questionamento de caráter interpretativo: como a vinculação de notícias com essas expressões enunciadas no ocidente constroem sentidos que passam a significar o Islã e os muçulmanos para os ocidentais? Mais ainda, porque esses sentidos aparentemente direcionam argumentos de valor negativo para o islã e muçulmanos?

O caráter interpretativo de **“guerra ao/contra o terror”** e **“eixo do mal”**, constrói sentidos que passam a significar no Ocidente a ideia de que os países árabes/muçulmanos são um mal que deve ser curado, principalmente o Irã¹ e o Iraque, pois, esses seriam o “berço” do terrorismo moderno no mundo. O funcionamento enunciativo dessas

¹ É importante levarmos em consideração o fato de que o Irã não se caracteriza por ser um país Árabe, apesar de ser comumente considerado como um Estado árabe. Grande parte do Estado iraniano antigamente fazia parte do Império Persa até ter sido dominado e “islamizado” pelo povo árabe. No ano de 1935 por decreto real, o nome do país foi mudado de Pérsia para Irã.

expressões semantiza negativamente o islamismo e os muçulmanos, isto é, a mídia ocidental ao enunciar de forma demasiada, acusando os Estados árabes de principais financiadores do terrorismo global e de estarem produzindo armas de destruição em massa, acaba por construir sentidos de que “lá” está o perigo para o Ocidente.

Para darmos conta das questões aqui levantadas nos propomos desenvolver neste trabalho, um estudo semântico-enunciativo, considerando que o sentido se dá, conforme Guimarães (2002), no acontecimento do dizer, para tanto, nossas análises se darão a partir do aporte teórico-metodológico da Semântica do Acontecimento, desenvolvida por Guimarães (2002), levando em consideração estudos de enunciação elaborados por Benveniste (1995;2006) e Ducrot (1987). Como dissemos, tomamos como objeto de análise as expressões “Guerra contra o Terror” e “Eixo do Mal”, são expressões de domínio político-ideológico enunciadas pelo Ocidente que, aparentemente, produzem sentidos unívocos em relação do que vem a ser o Islã/muçulmanos² e árabes para os ocidentais.

Como *corpus* para a realização das análises tomaremos recortes de acontecimentos enunciativos midiáticos veiculados pelo jornal Folha de São Paulo nos anos de 2001 a 2005 que trazem as expressões acima referidas. Além destes, utilizaremos recortes do jornal “Folha da Manhã” que compreendem o período de 1939 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, que trazem em seus textos a palavra **eixo**.

Para melhor compreensão das análises realizadas neste estudo, nos propomos aqui a estruturar esta pesquisa em três capítulos que trarão sua composição em sequência: história; descrição dos recortes e da pesquisa; e análises. No primeiro capítulo nos propomos a relatar, de maneira breve, a constituição social e política (ciências políticas), da sociedade e da sociedade internacional de Estados assim como, os principais acontecimentos da relação entre Ocidente e Oriente determinados entre os séculos XIX, XX e início do XXI. Já no segundo capítulo traremos a descrição da pesquisa realizada e as ocorrências das expressões que compõem o *corpus* deste trabalho no jornal Folha de São Paulo. No terceiro e último capítulo desta dissertação realizaremos as análises dos acontecimentos enunciativos com base na teoria da Semântica do Acontecimento (Guimarães 2002). Desta forma, buscaremos observar como o Oriente, o Islã e o povo

² Aqui uma pequena diferença deve ser levada em conta. Islã significa uma religião enquanto que muçulmano significa “o praticante da religião islâmica”.

árabe passam a ser significados no Ocidente pelo acontecimento enunciativo das expressões **guerra ao/contra o terror, e eixo do mal**.

Na busca em compreender e contribuir com os estudos enunciativos e entender desta maneira, o conflito sócio-histórico entre um Ocidente cristão e um Oriente islâmico/muçulmano é que nos propomos desenvolver este trabalho no Programa de Mestrado em Linguística da UNEMAT.

CAPITULO I

RELAÇÕES ORIENTE – OCIDENTE NOS SÉCULOS XIX, XX e XXI: BREVE PERCURSO

Pensar os Séculos XIX, XX e XXI como os ciclos de maior desenvolvimento econômico, comercial, cultural e bélico da história da humanidade sem, pelo menos, citar as relações entre uma Europa imperialista e colonialista e um Oriente – mais especificamente o Império Turco Otomano e, posteriormente os países Árabes –, seria descartar importantes acontecimentos que configuraram o mundo como o conhecemos.

Não é de se estranhar que hoje ao falar em Oriente Médio, em Islã ou povo Muçulmano, a civilização Ocidental os relacione a predicativos passados como *bárbaros*; *incivilizados*; *violentos*; e, em termos mais contemporâneos, *terroristas* e *fundamentalistas*. As relações entre estas distintas culturas se caracterizaram historicamente mais pelos conflitos e imposição realista de interesse nacional do que pelas relações amistosas e de acordos.

Por outro lado, enunciações que partem de governos ocidentais e aliados referentes a acontecimentos na região médio oriental do globo, faz com que o Ocidente signifique uma única história desses acontecimentos, uma verdade inquestionável sobre o Oriente. O silenciamento³, conceito utilizado no sentido que propôs Orlandi (1997), de povos oprimidos e *vencidos*, o menosprezo pela luta daqueles que buscaram e ainda buscam um lugar à luz do direito internacional e dos direitos fundamentais do homem, se torna cada vez mais significativo ao passo que informações sobre o Oriente reguladas pelo Ocidente são paulatinamente e estrategicamente bombardeadas sobre toda uma população por meio da mídia ocidental.

Várias alternativas ao longo de mais de um Século foram tratadas para tentar, ao menos, encontrar uma resposta satisfatória para esta relação que se construiu sempre em uma linha tensa. E, é nesta relação conflituosa entre Oriente e Ocidente que respostas de cunho religioso – islamismo; judaísmo; e cristianismo -, cultural, comercial, colonial e

³ Ver Eni Puccinelli Orlandi, *As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos*, 4ª edição, editora Unicamp, 1997.

imperial, que tratados, acordos internacionais e livros⁴ (como por exemplo: *Orientalismo* de Edward Said e *A Crise do Islã* de Bernard Lewis), tentam expor motivos inerentes a cada um dos lados destas histórias.

A história apresenta o quanto são antigas as manifestações políticas, sociais, culturais e econômicas tanto do Oriente quanto do Ocidente. Desde o nascimento de Cristo até a sua morte; a expansão e dominação do Império Romano; a expulsão dos Hebreus e as conquistas do Império Otomano; as Cruzadas e a inquisição católica, são apenas alguns pontos de partida para o entendimento das relações entre estas duas civilizações.

E por este motivo, por ser uma relação que ultrapassa uma história de mais de dois milênios que não nos atreveremos aqui a descrever toda a história (constituída por acontecimentos) que constitui e estrutura as relações entre Oriente e Ocidente. Limitáremo-nos aqui, a um breve relato histórico, que abrange o século XIX, o Século XX e o início do terceiro milênio. Para tanto, devemos nos valer também das teorias e dos paradigmas sociais, filosóficos e das Relações Internacionais que ajudarão a compor todo um cenário capaz de *explicar*, em partes, certos pontos desta relação conflituosa entre os povos ocidental e oriental.

1.1 O Homem, O Estado e a Sociedade: Origem e Transformação

Existem, segundo estudos das Ciências Políticas, duas correntes de pensamentos que procuram explicar a origem e o surgimento da sociedade humana. Estas correntes são as *Naturalistas* – que buscam explicar a formação da sociedade por uma necessidade inerente ao homem -; e, as *Contratualistas* – que de maneira discrepante à primeira, tentam explicar o surgimento da sociedade não pela necessidade (Dallari 2003), mas pela vontade do homem, tendo assim a forma de um *contrato social*. Apesar da grande contribuição das teorias *Contratualistas* e de grandes pensadores filiados a esta filosofia,

⁴ Acordo Sykes-Picot; Correspondência Hussein-McMahon; Declaração Balfour; Carta da Liga das Nações; Tratados de Sèvres/Lausame; Instrumento Mandatário da Palestina; Memorando MacDonald; Declaração de Biltmore; Resolução 181 da Assembleia Geral da ONU, entre outros. Ver André Gattaz: *A Guerra da Palestina: Da Criação do Estado de Israel à Nona Intifada*.

como Thomas Hobbes⁵ e Rousseau⁶, as expressões e teorias *Naturalistas* são hoje as mais aceitas pelos filósofos.

Para os autores e pensadores *Naturalistas*, o pensamento de Aristóteles de que o homem é um animal por natureza *social e político*, é a mais remota expressão que surge como base e inspiração para aqueles que acreditam na necessidade natural de sociabilidade do homem. Dalmo de Abreu Dallari⁷ (2003) ao citar Cícero nos apresenta que:

A primeira causa da agregação de uns homens a outros é menos a sua debilidade do que um certo instinto de sociabilidade em todos inato; a espécie humana não nasceu para o isolamento e para a vida errante, mas com uma disposição que, mesmo na abundância de todos os bens, a leva a procurar o apoio comum (Idem 2003. P. 10)

Seguindo nesta teoria, naturalista, da sociedade, Dallari (2003) cita o pensador italiano Ranelletti apresentando o que se segue:

Modernamente, são muitos os autores que se filiam a essa mesma corrente de opinião, estando entre eles o notável italiano RANELLETTI, que enfoca diretamente o problema, com argumentos precisos e colhidos na observação da realidade. Diz ele que, onde quer que se observe o homem, seja qual for a época, mesmo nas mais remotas a que se possa volver, o homem sempre é encontrado em estado de convivência e combinação com os outros, por mais rude e selvagens que possa ser na sua origem. O homem singular, completamente isolado e vivendo só, próximo aos seus semelhantes mas sem nenhuma relação com eles, não se encontra na realidade da vida (Ibidem. p. 11).

Porém, como forma de esclarecimento, não se trata aqui de dizer se Aristóteles era ou não um pensador de características naturalistas quanto à formação e a origem da sociedade. Autores naturalistas como Ranelletti tomam a expressão aristotélica de que o “homem é um animal político por natureza” (*zoom politikon*), entendendo político neste caso, como prática de relação e convívio com os demais homens. Sendo assim, por ser naturalmente político, o homem é também naturalmente sociável.

⁵ Filósofo inglês autor do livro *O Leviatã* que parte da ideia de que o homem é egoísta e mal, e vive em estado de natureza e em uma *guerra de todos contra todos* até o surgimento da sociedade e do Estado por intermédio de um contrato firmado entre os homens e a escolha de um soberano capaz de estabelecer a ordem pelo poder absoluto.

⁶ Filósofo e teórico político suíço autor do livro *Do Contrato Social* que tinha no Estado o organizador social responsável pela manutenção da ordem, e, acreditando na bondade do homem diz que o próprio Estado acabou por corromper o homem em sociedade.

⁷ Jurista e escritor, Professor titular de Teoria Geral do Estado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Portanto, de acordo com esta definição de Ranelletti citada por Dallari (2003), percebemos que não importa a época, seja a mais remota, jamais se encontrará o homem vivendo em absoluto isolamento, por mais que este homem proceda de natureza selvagem ou, do *estado de natureza*, a espécie humana estará sempre em relação com seus iguais.

E é neste agrupamento, nesta vida em sociedade que o homem passa a constituir e a construir sua relação com outros homens. É desta forma de vivência que o ser humano pode experimentar a cooperação, a afetividade, a produção e também a guerra e a violência. E nesta relação de igualdade e de convivibilidade posta pela sociedade que o homem passa a experimentar também a sensação de desigualdade e de subjugação.

Arendt⁸ (2007) em seu livro *A Condição Humana* apresenta algumas reflexões a respeito deste homem que se constitui como um animal *social ou político*. Neste sentido, Arendt (Idem) nos diz sobre as atividades e a produção realizadas pelos homens na vida em sociedade. Diz ainda que:

As coisas e os homens constituem o ambiente de cada uma das atividades humanas, que não teriam sentido sem tal localização; e, no entanto, este ambiente, o mundo ao qual viemos, não existiria sem a atividade humana que o produziu, como no caso das coisas fabricadas; que dele cuida, como no caso das terras de cultivo; ou o que estabeleceu através da organização, como no caso do corpo político. Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos (Idem. p. 31).

Ainda na mesma direção teórica, a autora alemã prossegue afirmando que: “Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos; mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens” (Ibidem).

Ou seja, segundo Arendt, toda atividade humana é o que acaba por constituir o ambiente de vivência e de convivência de todos os homens, *o mundo ao qual viemos*, e, da mesma forma que Ranelletti afirma que não se pode compreender o homem no isolamento e somente vivendo em sociedade, Arendt (2007) afirma que a ação humana depende totalmente da presença de outros humanos, ou seja, em sociedade, e que somente o homem é capaz de desenvolver a ação.

⁸ Filósofa e pensadora política, nascida na Alemanha em 1906. Foi aluna de Heidegger, Husserl e Jaspers. Autora de *A Condição Humana* e *Origens do Totalitarismo*.

E é nesta relação entre homens que se pode encontrar a *anarquia* e consequentemente movimentos de violência de uns contra os outros, ou como diria Hobbes, uma *Guerra de todos contra todos*. Portanto, o surgimento da sociedade é uma forma de controle dos homens por meio da Ordem e de Leis imperativas que condicionam todo e qualquer movimento das atividades humanas em uma sociedade.

Temos, portanto, duas teorias da formação e da origem da sociedade. Pensadores *Naturalistas* apontam no sentido de que a sociedade se forma por uma necessidade natural do homem que é naturalmente um ser político. O homem neste caso sente a necessidade inerente e natural a ele mesmo de viver em sociedade com outros homens. Ao contrário dos *Naturalistas*, os *Contratualistas* buscam explicar a formação e a origem da sociedade com base na razão, na racionalidade e nas paixões e desejos dos homens. Ou seja, o que leva o ser humano a viver em sociedade com outros seres humanos é a razão e o desejo de sair do estado natural, anterior à sociedade, e, através de um *pacto*, formar uma sociedade com normas e regras que regulam o comportamento humano através da figura de um soberano, de um poder público (Hobbes, 2007).

Porém, é necessário e importante trazermos algumas considerações sobre a formação histórica por uma perspectiva materialista como lugar que funciona nossas considerações sobre a sociedade, tomamos o simbólico como causa, ou seja, a linguagem como constitutiva dos acontecimentos sócio-históricos. Assim, para este estudo nos colocamos no lugar da linguística, na posição dos estudos enunciativos. Desta forma, consideraremos o acontecimento enunciativo como um acontecimento *político* (Guimarães, 2002), e a história como produzida nas e pelas relações materiais entre os homens. De acordo com Andery (2007):

[...] quando Marx fala da produção da vida pelo homem está se referindo a uma atividade produtiva concreta, a uma atividade produtora de bens materiais e, mais, a uma atividade que produz a maneira de viver do homem. Essa noção – da produção pelo trabalho – ocupa um papel central do pensamento de Marx. Não apenas diferencia o homem dos animais, mas também, num certo sentido, explica-o: é pela produção que se desvenda o caráter social e histórico do homem. É da produção que Marx parte para explicar a própria sociedade (Idem, p. 406).

Ou seja, a atividade de produção do homem, sua prática social, só pode se dar em sociedade na relação que tem com outros homens e, esta produção, é a produção material, de “bens materiais”, essenciais à vida e à existência do próprio homem. Como nos mostra novamente Andery et al. (2007):

A própria relação do homem consigo mesmo só é possível pela relação com outros homens; além da relação entre homens ser fundamental para se poder *falar* de homem, essa relação é histórica, transforma-se, transformando o próprio homem e alterando, inclusive, as suas necessidades: essas necessidades são tão mais humanas quanto mais o homem (mesmo mantendo sua individualidade) for capaz de se reconhecer no coletivo; nesse sentido, a sociedade e o homem, que embora distintos se constituem em uma unidade, produzem-se reciprocamente, tanto social como historicamente; e mesmo quando a atividade humana imediata é individual, ela se caracteriza como social, seja porque as condições para a realização da atividade são produtos sociais, seja porque a própria existência do homem é social, seja porque o objetivo da atividade humana é sempre social (Idem, p. 406-407) (Grifo nosso).

É neste processo de produção, neste processo de relação social que o homem se transforma e transforma a natureza. O homem será sempre um ser social e histórico (Arandy et al. 2007) e, é pela busca pela sua satisfação, pela satisfação coletiva, social, que o homem, pela satisfação de suas necessidades materiais, trabalha (Idem, 2007). E, é nesta relação de trabalho, de produção material que a sociedade se divide e redivide, política, econômica e historicamente. E é sempre pelo simbólico que estas relações e produções materiais instalam as contradições, as diferenças e os embates na sociedade.

Desta forma, podemos observar que o cenário que constitui a sociedade internacional composta por Estados soberanos não se difere em muito da constituição histórica e social das sociedades domésticas. A primeira diferença entre elas é que a sociedade doméstica é composta por homens enquanto que a sociedade internacional por Estados. A diferença central entre os dois modelos está no fato de que a sociedade doméstica de um Estado tem sua ordem regulada por um governo e a sociedade internacional caracteriza-se por certa anarquia (Wight, 2002). Porém, a ordem deve imperar pela manutenção da própria sociedade, seja ela doméstica ou internacional. Nas palavras de Bull⁹ (2002), a respeito dos Estados e da Ordem:

O ponto de partida das relações internacionais é a existência de *estados*, comunidades políticas independentes, cada uma das quais possui um governo e afirma sua soberania com relação a uma parte da *superfície terrestre* e a um segmento da população humana (Idem. p. 13).

Neste ponto pode-se perceber que nas relações entre Estados ocidentais e orientais, por diversas vezes, não houve o respeito à soberania, a esta afirmação por direito

⁹ Cientista político australiano considerado um dos maiores teóricos das Relações Internacionais. Professor titular da Universidade de Oxford desde 1977 até sua morte em 1985. Autor do livro *A Sociedade Anárquica: Um estudo da ordem na política mundial*.

da posse de uma parte da *superfície terrestre*, o que pode se comprovar – como veremos adiante – mediante a invasão israelense em territórios palestinos, por exemplo. Vejamos agora o que Bull (2002) diz sobre Ordem Internacional: “Por ‘ordem internacional’ quero referir-me a um padrão de atividade que sustenta os objetivos elementares ou primários da sociedade dos estados, ou sociedade internacional” (Idem. p. 13).

Assim como as manifestações em uma sociedade doméstica, compreendida pelo poder de um determinado Estado, devem ser ordenadas para a manutenção deste mesmo Estado e da harmonia e convivência entre os homens, em uma sociedade internacional de Estados soberanos, a ordem deve ser mantida e objetivos em comum de interesses entre os Estados devem ser sustentados nas e pelas atividades desses Estados que compõem a sociedade internacional. Interessante notar que, ao referir objetivos elementares ou primários, o autor diz a respeito dos primeiros – elementares – está em relação à *segurança contra a violência* (Ibidem. 2002, p. 8).

Dessa forma, a interação entre os Estados soberanos de uma sociedade internacional pode ser tanto de cooperação ou de conflito entre dois ou mais Estados que podem formar uma aliança militar ou grupos econômicos que visam desenvolvimento regional. Não se pode compreender as relações entre Ocidente e Oriente sem pelos menos trabalhar alguns princípios básicos que sustentam as ideias e os pilares das Relações Internacionais. E, uma dessas ideias – talvez a mais importante capaz de explicar relações conflituosas entre Estados – está relacionada ao paradigma do Realismo Clássico ou Político das Relações Internacionais.

Este é um modelo baseado em pensamentos formulados por pensadores clássicos como Maquiavel, Hobbes, Waltz e, que sustenta o entendimento de uma nova situação em um cenário internacional caracterizado por interesses políticos, econômicos e principalmente bélicos. Segundo Carvalho¹⁰:

A corrente do pensamento realista acredita em uma condição inicial da sociedade transposta para o espaço internacional, que recebe a denominação de ‘estado de natureza’. A utilização da força assume a condição de legítima (Idem. 2003. p.84).

¹⁰ Graduado em Direito pela Universidade Federal de Pelotas UFPEL, especialista em Sociologia Política pela Universidade Federal do Paraná, UFPR, mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, e Doutor em Ciências Políticas pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

Característica importante em relação a este modelo de pensar as Relações Internacionais entre Estados soberanos é a busca pelo interesse de cada Estado legitimando o uso pragmático e às vezes indiscriminado da força. Esses interesses podem estar relacionados à economia, política, setores energéticos como o petróleo e o gás natural, a fatores geopolíticos de pontos estratégicos etc.

Esta forma de se perceber e compreender as relações interestatais, tem maior vislumbre após o fim da Segunda Guerra Mundial com a instituição da bipolaridade de poder no sistema internacional de Estados protagonizado por EUA e URSS. Após a queda do *Muro de Berlim* em 1989 e a dissolução da União Soviética em 1991, o mundo ocidental se viu representado por uma *Potência Hegemônica* – sendo esta os Estados Unidos – que realizou diversas intervenções em diferentes partes do globo – em especial no Oriente Médio – como o responsável pela paz e segurança internacionais.

Compreendido, de maneira breve, a formação da sociedade, suas correntes e ideias principais e a constituição de uma sociedade internacional de Estados soberanos assim como as relações de poder e de violência inerentes a tal sociedade, passemos agora a uma análise, também breve, do concerto internacional que compreende os séculos XIX e XX que funcionarão como principal base de entendimento para os acontecimentos ocorridos no início do Séc. XXI.

1.2 Eurocentrismo e Imperialismo: Civilizados e Incivilizados

Durante o Século XIX e até o início do XX, o continente europeu detinha as principais potências do globo. Grã-Bretanha e França constituíam as duas principais potências seguidas de uma Alemanha em processo de unificação assim como a Itália. Ou seja, neste período que compreende os anos 1800, e, com uma política instituída com o nome de *Política de Equilíbrio do Poder*¹¹ (Wight, 2002), o mundo estava dividido entre potências europeias caracterizando assim, um sistema internacional multipolar.

¹¹ Segundo Martin Wight em “A Política do Poder” (2002), “[...] e é interessante ressaltar que o famoso capítulo das *Memórias* de Phillippe de Comynesm ministro de Luís XI, que geralmente é considerado a primeira referência ao equilíbrio do poder na história europeia moderna, é mais uma viva descrição daquilo que chamamos de configuração do poder” (Wight, 2002, p. 167).

Com o advento da Revolução Francesa¹² que trouxe ao mundo a sabedoria do iluminismo assim como valores de *liberdade, igualdade e fraternidade*; o acontecimento da Revolução Industrial; e, com as novas conquistas e colonizações realizadas pelos poderosos impérios europeus, a Europa e suas potências tornaram-se os principais dirigentes da ordem internacional de Estados e o principal centro político, cultural, econômico e bélico – lembrando que algumas de suas colônias já haviam conquistado a independência como os Estados Unidos e o Brasil.

Neste contexto, surge a ideia do *eurocentrismo* e da *política imperialista*. Isto significa dizer que a Europa desenvolvida científica e socialmente se torna o centro do conhecimento e da civilização, e, o resto do mundo – não civilizado, bárbaros – deve se espelhar na Europa para chegar a tal patamar científico e civilizacional. O principal problema em torno deste pensamento é que ao rotular o velho continente como o centro de toda a civilização e do conhecimento passa a se caracterizar os outros povos como incivilizados e cientificamente deficientes além, é claro, de caracterizá-los como inferiores. Faz, desta forma, funcionar uma divisão política de desigualdade dentro de uma sociedade internacional.

Em relação à política imperialista e expansionista europeia, Carvalho (2003) explica:

O imperialismo é identificado como o resultado político da incompatibilidade entre o sistema de Estados nacionais e o desenvolvimento econômico-industrial do último terço do século XIX. É originado no colonialismo e traduz um fenômeno temporal bem definido, portanto, representa o comportamento político externo de alguns Estados europeus no final do século XIX e começo do século XX. Estava centrado no expansionismo territorial do Estado-nação e na emancipação da burguesia europeia (Idem p. 62-63).

Portanto, pode-se perceber nesta política expansionista da soberania de algumas potências europeias à época a busca por territórios estrangeiros no interesse nacional de desenvolvimento industrial e econômico, novas fontes de recursos e de mão-de-obra mais barata (até certo ponto escrava), e em demasiada abundância em espaços diferentes do mundo. Nesta identificação da política imperialista europeia encontramos também a

¹² Também conhecida como revolução burguesa, foi um importante acontecimento para o mundo que ecoa até os dias de hoje. Ocorreu na França do século XVIII, país dividido por três classes: clero, nobreza e povo. Segundo historiadores foi durante a Revolução Francesa que o termo *Terrorismo* foi utilizado pela primeira vez.

identificação do eurocentrismo como forma de condicionar as demais nações *subdesenvolvidas* à maneira europeia de pensar, produzir e trabalhar.

Concomitantemente à consideração eurocêntrica e imperialista por consequência de tal evolução científica e industrial surge a ideia e o pensamento do *racismo científico*. E é nesta dicotomia explícita entre *raça superior* – europeia, branca e desenvolvida –, e *raça inferior* – aqueles fora do *eixo* das grandes potências europeias como África, América do Sul, Ásia e os povos Árabes – que se tem início o novo empreendimento imperialista e colonialista de potências europeias. Existiria assim, a necessidade do controle europeu sobre estes povos para que estes, incivilizados e aquém de qualquer evolução científica pudessem evoluir e *melhorar* a sociedade humana.

De certa forma, este foi um dos motivos para a nova empreitada colonialista por parte das potências desta nova Europa transformada pela ciência e pela indústria. A submissão de negros, asiáticos e árabes ao trabalho escravo; a dizimação destes mesmos povos além dos índios na América do Norte – mais precisamente os peles-vermelhas nos Estados Unidos – por *contaminar* e *inferiorizar* uma sociedade branca e superior assim como o total e quase absoluto antissemitismo na Europa central e no leste europeu durante a segunda metade do século XIX e início do XX foram fundamentais para a comprovação deste racismo sustentado cientificamente por estudos de genética e social, e, também, para a comprovação da superioridade do povo europeu branco sobre os outros povos de continentes subjugados.

Não podemos ter como base teses sobre *inferiorização* das raças (como por exemplo: Arthur de Gobineau) como o principal e axiomático motivo para as intervenções e relações de conflitos entre o Ocidente e o Oriente durante todo o processo de desenvolvimento social e político do Século XX. O eurocentrismo e o racismo cientificizado pela genética constituem-se como um início e apenas um dos pontos para este desacerto, para o que mais tarde se transformará em tensões Geopolíticas internacionais. A partir deste momento, tomaremos como ponto axial de nossos estudos históricos e introdutórios sobre tais relações médio-orientais e ocidentais aquele que pode ser considerado como um dos melhores e, também, dos piores ciclos da existência humana na terra: o *catastrófico* Século XX (Hobsbawn 2005).

1.3 Século XX: Destruição, Decisão e Transformação

É no início do século XX, mais precisamente no ano de 1913, que o mundo começa a passar por transformações que se podem caracterizar como catastróficas. O cenário internacional chegava a um ponto decisivo depois de praticamente um século de uma quase que completa paz por conta dos acordos da *política de equilíbrio de poder* entre as grandes potências da época.

Segundo o historiador e escritor Hobsbawn¹³ (2005) sobre o *breve Século XX*:

Ele começa com a Primeira Guerra Mundial, que assinalou o colapso da civilização (ocidental) do século XIX. Tratava-se de uma civilização capitalista na economia: liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; exultante com o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e também com o progresso material e moral; e profundamente convencida da centralidade da Europa, berço das revoluções da ciência, das artes, da política e da indústria e cuja economia prevalecera na maior parte do mundo, que seus soldados haviam conquistado e subjugado; uma Europa cujas populações (incluindo-se o vasto e crescente fluxo de emigrantes europeus e seus descendentes) haviam crescido até somar um terço da raça humana; e cujos maiores Estados constituíam o sistema da política mundial (Idem. p. 16).

O século XX trouxe, por assim dizer, o rompimento daquela política internacional que sustentou uma era idealista de paz entre as nações. Até então, o mundo havia sido sacudido por uma guerra de maior extensão, porém regional, a guerra franco-prussiana – umas das medidas do Império prussiano de reconquista de territórios perdidos com o objetivo de unificar o que hoje é a Alemanha -. A eclosão da Primeira Guerra Mundial deu início ao que o próprio Hobsbawn (2005, *Idem*), chama de *Era da Catástrofe*, uma era marcada por duas guerras mundiais que, segundo historiadores incluindo o citado aqui, foi responsável pela maior dizimação de vidas da história, e, responsável também, pela transformação e configuração de toda estrutura, conjuntura internacional, antes caracterizada por certo período de paz.

E é neste momento que passamos a observar maior *evolução* a respeito de uma política intervencionista entre Ocidente e Oriente Médio. A PGM¹⁴, doravante nesta pesquisa, tem início no ano de 1914, sendo esta uma guerra promovida por duas poderosas

¹³ Historiador nascido em Alexandria, Egito, em 1917, autor de livros importantes como *A Era das Revoluções*; *A Era do Capital*; *A Era dos Impérios*; e *A Era dos Extremos*.

¹⁴ Abreviação para Primeira Guerra Mundial.

alianças militares. Não se trata aqui como nosso objetivo descrever os “por quês” de tal batalha mundial, e sim, apenas indicar processos e acontecimentos que marcaram as condições iniciais desta longa relação de guerra e paz entre Ocidente e Oriente Médio. Tais alianças militares ficaram conhecidas como *Tríplice Entente* – formada por Inglaterra, Rússia, França e posteriormente Itália, Estados Unidos e aliados como o Brasil – e *Tríplice Aliança* – formada por Alemanha, Império Austro-húngaro, inicialmente Itália até 1915 e Império Turco Otomano, aliada da Alemanha de Bismarck –.

Vale salientar aqui que não é propriamente no século XX que surge o interesse maciço do Ocidente pelo Oriente Médio. Claro que após a derrota da *Tríplice Aliança* para a *Tríplice Entente* na Primeira Guerra Mundial fez com que grande parte do território dominado pelo Império Turco Otomano na região do Oriente passou a ser controlado – ou mais especificamente passou para a tutela sob a política de mandatos na região – pelas potências europeias vencedoras da guerra – particularmente Grã-Bretanha e França – pelo acordo de paz assinado pelas partes beligerantes.

De acordo com o historiador Sahd¹⁵ (2011), quanto a origem do termo Oriente Médio e também sua importância e o interesse que despertou nas potências ocidentais, o autor diz que:

[...] cabe refletir sobre a própria origem da palavra Oriente Médio, que não deve ser naturalizada. Esta foi empregada pela primeira vez por Alfred Thayer Mahan, um oficial naval estadunidense, referindo-se a um ponto de passagem crucial ligando a Ásia, Europa e África. Se já era importante dado esse fator, afora ser a origem das três principais religiões monoteístas, contendo seus lugares sagrados, sua relevância triplicou com a abertura do Canal de Suez em 1869 e a descoberta do petróleo em seu subsolo (Idem. p. 19).

E, por conta das riquezas energéticas encontradas no subsolo da região, por sua localização geopoliticamente estratégica e pela abertura do Canal de Suez, Sahd (Idem) nos explica:

Sendo assim, desde o final do século XVIII, movidas por esses interesses, as várias potências que disputaram a hegemonia na região deixaram suas marcas, sobretudo na fabricação de nações, definição de fronteiras e seleção ou ajuda para a ascensão de lideranças locais (Ibidem. p. 19).

¹⁵ Formado em História pela UFPR, mestre em História Política e Movimentos Sociais pela Universidade Estadual de Maringá. Professor e pesquisador do Núcleo de estudos dos Processos Identitários, das Crises, das Etnias e da Cultura Árabe.

Com o fim da PGM, encontramos um Império Turco Otomano enfraquecido pela derrota e, já enfraquecido por constantes manifestações de povos e Estados Árabes subjugados por sua dominação em busca de independência em relação ao Império. Este enfraquecimento e a absoluta derrota na guerra fez com que as potências europeias vencedoras assumissem o controle das áreas antes controladas pelos turcos na região do Oriente Médio. Vale também ressaltar aqui um importante aspecto, já antes da guerra o antissemitismo se fazia presente na Europa central e na região leste do continente.

Antes de prosseguir se faz importante dizer que durante a guerra a Rússia teve de se ausentar, abandonar a aliança feita com Inglaterra e França por motivos domésticos: a *Revolução de Outubro*. Também conhecida como Revolução Bolchevique, marcou o fim de um Império russo Czarista, e, o início de uma Rússia comunista marcada por pensamentos marxistas levando à formação da União Soviética, URSS dirigida por Lenin¹⁶. Judeus foram acusados de incentivar esta revolução assim como de participar ao lado do povo contra o Império do Czar Nicolau II, sendo este também um dos motivos que fizeram aumentar o sentimento antissemita na Rússia e na Europa¹⁷.

Assim, concomitante ao final da guerra, com a derrota da *Tríplice Aliança*, e consequentemente também do Império Turco, tem-se a assinatura dos tratados de paz de *Versalhes*, em 1918, que reduziu o poderio e a capacidade de desenvolvimento bélico da Alemanha de Guilherme II além da devolução e de perda de domínio sobre territórios conquistados antes e durante a guerra por parte do lado perdedor. Inicia-se, dessa forma, o controle de territórios médio orientais a partir das potências vencedoras da guerra – Inglaterra, França, e, em menor escala, Itália.

Como aponta o jornalista e historiador Gattaz (2003), foi realizada uma partilha colonialista na região do Oriente Médio pela Grã-Bretanha e pela França, o que acabou por definir fronteiras que, de certo aspecto, constituem-se em fronteiras artificiais. Assim, nos aponta o autor:

Terminada a Guerra, o controle militar da Grã-Bretanha e da França no Oriente Médio e no Magreb era mais forte do que jamais havia sido. O Império Otomano, reduzido à Anatólia e a uma pequena parte da Europa, estava sob o domínio dos Aliados e extinguindo-se em 1922. O Líbano e a Síria haviam passado ao controle francês sob o regime de Mandato, enquanto a Inglaterra exercia influência sobre o Iraque e

¹⁶ Vladimir Ilyich Ulyanov, Lênin, revolucionário líder da Revolução Russa de 1917, e, mais tarde, Chefe de Estado russo.

¹⁷ Ver Losurdo, *A Linguagem do Império: Léxico da Ideologia Estadunidense*.

administrava o Mandato da Transjordânia e da Palestina, contrariando os acordos que previam a administração internacional da ‘Terra Santa’. Na Palestina, o Mandato britânico favoreceu a grande imigração judaica nos anos de 1920 e 1930, mudando o balanço demográfico da região e criando as condições para o estabelecimento do Estado de Israel, em oposição aos interesses árabes-palestinos (Idem. p. 47).

Este sistema de Mandatos imposto aos países Árabes pelas potências vencedoras da guerra é um resultado da criação de uma organização internacional – predecessora da ONU, Organização das Nações Unidas – conhecida como *Liga das Nações* idealizada pelo Presidente americano a época, Woodrow Wilson. A *Liga das Nações* teve uma vida breve, porém, algumas de suas ações realizadas a seu tempo foram cruciais para a configuração das fronteiras delimitadas ao Oriente Médio.

No entanto, a ação e a decisão que mais surtiu efeito em relação ao Oriente Médio foi o Artigo Nº 22 da Carta da *Liga das Nações* que pôs sob o Sistema de Mandatos os territórios Árabes que agora se viam livres do subjugo do Império Otomano desfeito pela guerra. Em um primeiro momento traremos ao conhecimento o preambulo da Carta do Pacto da Sociedade ou das Nações:

As Altas Partes contratantes, considerando que, para desenvolver a cooperação entre as Nações e para lhes garantir a paz e a segurança internacionais, importa:

- *aceitar* certas obrigações de não recorrer à guerra;
- *manter* claramente relações internacionais fundadas sobre a justiça e a honra;
- *observar* rigorosamente as prescrições do direito internacional, reconhecidas de ora em diante com regra de conduta efetiva dos Governos;
- *fazer* reinar a justiça e respeitar escrupulosamente todas as obrigações dos tratados nas relações mútuas dos povos organizados.

FONTE:SEITENFUS, Ricardo. *LEGI(SLAÇÃO INTERNACIONAL, 2004. ED. MANOLE, BARUERI – SP.)*

Rigorosamente, pode-se compreender uma atitude absolutamente focada no paradigma Idealista das Relações Internacionais, ou seja, a busca pela paz entre as Nações, observando que, a paz nada mais é do que um período sem guerras, e não uma condição constante e duradoura como veremos mais adiante. Outra passagem importante da Carta do Pacto das Nações está em seu 2º Artigo que diz o seguinte:

2. Todo o Estado, Domínio ou Colônia *que se governe livremente e não esteja designado no Anexo*, pode tornar-se membro da Sociedade se sua admissão for aceita por dois terços da Assembléia, contanto que dê garantias efetivas de sua sincera intenção de observar seus compromissos internacionais e adote o regulamento estabelecido pela Sociedade sobre suas forças e armamentos militares navais e aéreos (Seitenfus, 2004. p. 70) (grifo nosso).

Uma análise sobre este segundo Artigo da Carta da *Liga das Nações* nos permitirá reconhecer já um dos aspectos fundamentais do início da intervenção e do domínio das potências europeias em relação aos territórios árabes recém libertados dos jugos do Império Otomano. Ao apontar o “Estado, Domínio ou Colônia que se governe livremente e não esteja designado no Anexo [...]”, apresenta a fragilidade de alguns povos que ainda não têm autonomia e nem mesmo força suficiente para se autogovernar, necessitando assim, da ajuda para a administração de seus governos, como é o caso de algumas colônias asiáticas, africanas e árabes. Quanto ao Anexo citado, este apresenta os Estados fundadores e signatários da Carta, países independentes e autossuficientes quanto a capacidade de Administração política e territorial.

De igual importância o Preâmbulo e o Art. 8º¹⁸ da mesma carta cita a manutenção da paz e o controle de armamentos para a manutenção de relações pacíficas entre os Estados. Deve-se lembrar, como citado anteriormente, que antes da eclosão da PGM, o sistema multipolar de Estados vivia sob os efeitos da *Paz Armada* ou *Política de Equilíbrio de Poder*.

E para que estas condições que levam à paz sejam garantidas, se faz necessário o controle bélico entre as Nações signatárias do Tratado Internacional que institui a *Liga das Nações*. Vejamos então o que diz o Art. 8º do referido Tratado:

■ Art. 8º

1. Os membros da Sociedade reconhecem que a manutenção da paz exige a redução dos armamentos nacionais ao mínimo compatível com a segurança nacional e com a execução das obrigações internacionais impostas por uma ação comum.

2. O Conselho, tendo em conta a situação geográfica e as condições especiais de cada Estado, preparará os planos dessa redução, sujeitos a exame e decisão dos diversos governos.

¹⁸ Preâmbulo e Art. 8º ver Seitenfus, LEGISLAÇÃO INTERNACIONAL, 2004. ED. MANOLE.

3. Esses planos deverão ser objeto de novo exame e, se for possível, duma revisão cada 10 anos pelo menos.

4. Após sua adoção pelos diversos governos, o limite dos armamentos assim fixado não poderá ser excedido sem o consentimento do Conselho.

5. Considerando que a fabricação particular de munições e material de guerra suscita grandes objeções, os membros da Sociedade encarregarão o Conselho de assentar medidas precisas para evitar seus perigosos efeitos, tendo em conta as necessidades dos membros da Sociedade que não podem fabricar munições e material de guerra de que carecem para sua segurança.

6. Os membros da Sociedade comprometem-se a trocar, do modo mais franco e mais completo, todas as informações relativas ao *quantum* de seus armamentos, aos seus programas militares, navais e aéreos, e à condição de suas indústrias suscetíveis de ser utilizadas para a guerra.

FONTE: SEITENFUS, Ricardo. *LEGI(SLAÇÃO INTERNACIONAL, 2004. ED. MANOLE, BARUERI – SP.)*

A história nos mostra que estas ações e dispositivos citados na Carta da *Liga das Nações* não surtiram os efeitos idealistas que se esperavam. Anos mais tarde houve a eclosão da Segunda Grande Guerra com uma Alemanha hitlerista fortemente armada e totalmente recuperada de uma guerra responsável pelo enfraquecimento das potências europeias.

Porém, o artigo mais marcante no aspecto intervencionista em relação aos territórios árabes se encontra no Artigo 22º da mesma carta que diz respeito ao sistema de Mandatos na região. Segundo este Artigo:

■ Art. 22.

1. Os princípios seguintes aplicam-se às colônias e territórios que, em consequência da guerra, deixaram de estar sob a soberania dos Estados que precedentemente os governavam e são habitados por povos ainda incapazes de se dirigirem por si próprios, nas condições particularmente difíceis do mundo moderno. O bem-estar e o desenvolvimento desses povos formam uma missão sagrada de civilização, e convém incorporar no presente Pacto garantias para o cumprimento dessa missão.

2. O melhor método de realizar praticamente esse princípio é confiar a tutela desses povos às Nações desenvolvidas que, em razão de seus recursos, de sua experiência ou de sua posição geográfica, estão em situação de bem assumir essa responsabilidade e que consistam em aceita-las: elas exerceriam a tutela na qualidade de mandatários e em nome da Sociedade.

3. O caráter do mandato deve ser diferente, conforme o grau de desenvolvimento do povo, a situação geográfica do território, suas condições econômicas e todas as outras circunstâncias.

4. Certas comunidades, que outrora pertenciam ao Império Otomano, atingiram tal grau de desenvolvimento que sua existência, como Nações independentes, pode ser reconhecida provisoriamente, com a condição que os conselhos e o auxílio de um mandatário guiem sua administração até o momento em que forem capazes de se conduzirem sozinhas. Os desejos dessas comunidades devem ser tomados em primeiro lugar em consideração para escolha do mandatário. [...] ¹⁹

FONTE: SEITENFUS, Ricardo. LEGISLAÇÃO INTERNACIONAL, 2004. ED. MANOLE, BARUERI – SP.)

Este Artigo da Carta de 1919 tem um caráter contraditório ao ponto em que a própria Liga das Nações afirmava o direito de autodeterminação dos povos, e, em momento posterior aponta que nações menos desenvolvidas deveriam ser tuteladas por nações mais desenvolvidas. Como nos apresenta novamente Gattaz (2003):

Note-se na terminologia utilizada, a manutenção do conceito de *branco civilizador* e mesmo o caráter divino desta *missão civilizadora* – conceitos que no século XVI embasaram o genocídio dos índios da América Central, nos séculos XVII e XVIII justificaram o tráfico de escravos e a escravidão, e nos séculos XIX e XX legitimaram o domínio neocolonial das nações da África e da Ásia por parte dos países europeus (Idem, p. 50).

Sahd, ao citar um renomado pensador contemporâneo sobre as relações Ocidente e Oriente, Edward Said²⁰ (2011), a respeito dessa intervenção e dominação ocidental sobre os povos Árabes, diz:

[...] No plano discursivo valem-se da milenar oposição entre nós, civilizados, e eles, os bárbaros. Se tal discurso maniqueísta remonta aos antigos gregos, agora no contexto do imperialismo, é revestido de uma

¹⁹ Texto completo em LEGISLAÇÃO INTERNACIONAL de Ricardo Seitenfus, 2003, editora Manole.

²⁰ Intelectual, filósofo e humanista palestino autor do livro *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*.

contraposição complementar: nós, ocidentais, que temos o dever de civiliza-los em nome das luzes e do progresso e eles, orientais, que devem ser civilizados e arrancados da barbárie e infantilidade mental na qual vivem. Trabalhando com essa dicotomia, Edward Said, em sua célebre obra 'Orientalismo', discute a representação dos orientais pelos europeus no século XIX e XX e assevera que a essência da mentalidade europeia na época era definida pelo 'pensamento orientalista', sustentador de uma oposição binária naturalizada de 'nós' – europeus, ocidentais, definidos pela racionalidade, maturidade e virtude – e 'eles' – orientais, irracionais, imaturos e depravados (Idem. p. 72-73).

Compreende-se e se reforça a ideia do *nós* e *eles* – os outros (Orlandi 2008) -, a divisão dicotômica que caracteriza o *dizer* ocidental em relação aos povos orientais menos desenvolvidos econômica, social, política e culturalmente. Esta ideia eurocêntrica de uma Europa desenvolvida que deve levar as dádivas da *civilização* a estes povos bárbaros reforça a produção idealista do Artigo Nº 22 da Carta da *Liga das Nações*, e, reforça a absoluta compreensão da intervenção das potências europeias vencedoras da guerra sobre os territórios árabes do Oriente Médio.

A *Liga das Nações* teve uma vida breve, teve seu fim no ano de 1929, mesmo ano do *Crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Porém, as intervenções, os conflitos e as ondas de violência nos países médio orientais não cessaram. As divisões realizadas entre os mandatários britânicos e franceses desencadearam revoltas e lutas incessantes por unificações culturais e religiosas. O Líbano e a Síria que ficaram sob influência do Mandato francês buscavam uma divisão e uma administração diferentes do pretendido pelo mandatário.

O território libanês era dividido pelos cristãos maronitas, pelos drusos e pelos muçulmanos que eram a favor da criação de um grande Estado Sírio, ou, da Grande Síria. Por serem cristãos e a favor do Mandato francês na região, os maronitas se mantiveram no poder da administração sob a tutela do governo da França. No caso da Síria, o povo era contra a saída do governo britânico para o início do Mandato francês no país. Os sírios viam na Inglaterra uma forma de proteção contra os franceses, o que não aconteceu.

Quanto à Inglaterra, o Iraque, a Transjordânia e a região da Palestina ficaram sob o seu Mandato. Sendo que, por Jerusalém ser um lugar sagrado para as grandes religiões monoteístas, ficou sob a tutela, ou, administração internacional. Isso se tornou viável para não aflorar conflitos maiores na região deixando a cidade sagrada para administração de um só povo, de uma única religião, cristã, islâmica, ou até mesmo, judaica.

Ao mesmo tempo em que se desenrolavam as políticas de paz no pós guerra – e mesmo antes da guerra começar – dois problemas importantes aconteciam na Europa e no Oriente Médio: o antissemitismo e o sionismo. Durante a segunda metade do século XIX e início do XX os sentimentos antissemitas ganharam força provocando assim a evolução de um movimento sionista pela busca da autodeterminação do povo judeu e a criação de um Estado judaico. E, neste cenário os judeus mais radicais e propensos a conquistar um território para a construção de um Estado sentiam a necessidade de voltar para a *terra prometida* deixada para trás após a primeira *Diáspora*²¹.

Com o crescente sentimento antissemita na Europa e no resto do mundo e com a propagação do movimento sionista, milhares de judeus passaram a buscar refúgio na palestina. Este movimento antissemita foi de grande valia para os judeus que buscaram em grande parte dos líderes europeus ajuda para a migração em massa para a terra da Palestina onde pretendiam criar ali o Estado de Israel.

Este movimento judeu seguiu com grande força até a década de 1930 quando o mundo se reestruturava após uma grande crise econômica e em um momento que se tornaria o prelúdio para a maior catástrofe do século XX (Hobsbawn, 2005), que marcou profundamente toda a configuração territorial, política e econômica do globo, a Segunda Guerra Mundial, e, o maior extermínio de humanos já registrado na história.

1.4 Da Segunda Guerra Mundial Até 2001: Nova Era de Terror, Decisões e Transformações

A segunda grande guerra teve início no ano de 1939 quando Adolf Hitler tentou transformar a Alemanha em uma potência novamente. A Europa que se recuperava ainda de uma guerra e de uma grave crise teve que se deparar novamente com os anos de violência que se seguiriam de 1939 a 1945.

Este passa a ser um momento decisivo não apenas para o mundo como um todo, mas também para as relações que passam a ser de maior repercussão entre Ocidente e Oriente Médio. Durante a década de 1930 até os anos que se seguiram ao fim da guerra em 1945, a *caça* aos judeus que viviam na Alemanha nazista e nos Estados conquistados

²¹ Dispersão dos judeus pelo mundo.

pela pretensão de Hitler veio a se caracterizar como o genocídio judaico – evento que tirou a vida de milhões de judeus por fuzilamento ou câmaras de gás -, condenado internacionalmente pelo aclamado tribunal de *Nuremberg*.

A SGM²², doravante neste trabalho, foi um acontecimento caracterizado por duas poderosas alianças militares. Os *Aliados* – aliança composta por Inglaterra, França, URSS, Estados Unidos e aliados como o Brasil -, e o *Eixo* – aliança composta por Alemanha, Itália e Japão, que travava uma guerra particular. Nas palavras do historiador Hobsbawn (2005):

É quase desnecessário demonstrar que a Segunda Guerra Mundial foi global. Praticamente todos os Estados independentes do mundo se envolveram, quisessem ou não, embora as repúblicas da América Latina só participassem de forma mais nominal. As colônias das potências imperiais não tiveram escolha. Com exceção da futura República da Irlanda e de Suécia, Suíça, Portugal, Turquia e Espanha, na Europa, e talvez do Afeganistão, fora da Europa, quase todo o globo foi beligerante ou ocupado, ou as duas coisas juntas. (Idem. p. 32-33)

Esta, com certeza, pode ser denominada ainda mais que a primeira, de *Guerra Mundial*, de uma guerra global. A guerra moderna – como a ocorrida de 1939-45 – com certeza mobilizou todos os cidadãos das partes beligerantes. É um tipo de guerra que não se trava mais com trincheiras como na primeira, e sim, com armas de destruição devastadora, como o historiador supracitado considerou: *uma guerra de massa*.

Com o fim da SGM, e com a derrota do eixo para os aliados o mundo se via agora dividido entre duas superpotências globais que não tardaram em limitar suas zonas de influência. EUA e URSS agora dominavam o cenário internacional, teve início uma guerra agora não menos destruidora, mas mais ideológica: a *Guerra Fria*. Capitalismo ocidental americano contra o Socialismo soviético.

Mas, nos cabe aqui uma pergunta: qual a importância de um estudo sobre a Segunda Guerra Mundial para esclarecer as relações conflituosas entre Ocidente e Oriente Médio? Até que ponto este conflito global interfere e influencia esta relação há tempos conflituosa? As repostas podem não ser tão simples como se imagina e esclarecedoras quanto se quer que sejam. Com o término do conflito o mundo se viu dividido – como citado acima – entre duas potências que buscavam anexar às suas agendas de política externa suas zonas de influência ideológicas militares. A configuração de uma sociedade

²² Abreviação para Segunda Guerra Mundial

internacional multipolar passa agora a uma estrutura bipolar. Os EUA e seus aliados ocidentais estavam em plena recuperação das destruições da guerra e o Estado estadunidense entrava em seu pleno desenvolvimento econômico denominado por Hobsbawn (2005), como a *Era de Ouro*.

Como anteriormente citado, a região do Oriente Médio é uma região que se destaca não apenas por ser um ponto estratégico geopoliticamente, mas também, pelas grandes reservas de riquezas energéticas como o petróleo e o gás natural. É neste momento também que antigas potências como França e Inglaterra começam a perder suas forças em relação às colônias outrora dominadas por excessiva violência e brutalidade por seus exércitos.

Novamente citando Hobsbawn (2005), o autor nos mostra como ficou o mundo neste período pós guerra:

A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominantemente influência — a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras forças Armadas comunistas no término da guerra — e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética (Ibidem. p. 224).

Retornando às respostas para as perguntas realizadas, no dia 27 de novembro de 1947, foi proposto pela ONU um *plano de partilha*, ou, a *Resolução 181*. Este plano foi colocado em votação na Assembleia Geral da ONU dividindo o território da Palestina em 8 partes, plano este recusado pelo lado árabe, como aponta Gattaz (2003):

No início de dezembro, logo após a aprovação do plano de partilha na ONU, o Alto Comitê Árabe Palestino convocou uma greve geral de protesto, e proliferaram os combates entre judeus e palestinos. Nos meses seguintes, a situação rapidamente se deteriorou. A medida que o exército britânico abandonava o país, as forças paramilitares judaicas começaram a operar mais livremente, e contingentes de voluntários dos países árabes vizinhos entravam na região para impedir a criação de um Estado judaico (Idem, p. 105).

No ano seguinte, em 1948, Israel proclama sua independência, o que dá início a novos combates entre árabes e judeus. Citando novamente Gattaz (2003):

Em maio de 1948 Israel proclamou sua independência. Os países árabes vizinhos imediatamente declararam guerra ao novo Estado, e decidiram intervir na Palestina para ‘manter a ordem e o respeito à lei’. Fracamente equipados, mal-organizados e divididos, os exércitos de cinco países árabes não conseguiram fazer frente ao exército de Israel,

que já nascia como um dos mais bem equipados e bem treinados do mundo. Ao término dos combates em 1949, o Estado judaico havia se apoderado de uma área 50% superior à que havia sido concedida pela ONU, provocando a expulsão de 750.000 palestinos para os países vizinhos (Ibidem. p. 119).

Este conflito entre árabes e israelenses caracteriza-se por ser um conflito que atravessou praticamente todo o século XX e se intensificou ainda mais com a criação do Estado de Israel como citado no fragmento acima. Este conflito entre palestinos e judeus não é o fulcro central do nosso trabalho e não se apresenta como tal na delimitação do nosso *corpus* de pesquisa, porém, este se apresenta como acontecimento de grande importância para se observar as relações entre Ocidente e Oriente durante o século XX e XXI, e, como árabes e palestinos são significados pela mídia ocidental.

Desde a independência de Israel e sua conquista de um Estado soberano na região da Palestina, podemos traçar certa cronologia de guerras e acontecimentos conflituosos entre os dois povos. Novamente citando Gattaz:

- *Guerra civil de 1936-39*, opondo árabes palestinos aos imigrantes sionistas e às tropas de ocupação britânicas;
- *Guerra civil de 1947-48*, envolvendo imigrantes sionistas, árabes palestinos e tropas britânicas;
- *Guerra de 1948-49* (Primeira Guerra Árabe-Israelense), em que Egito, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque foram derrotados por Israel;
- *Guerra do Suez* (outubro de 1956), envolvendo Israel, Egito, França e Grã-Bretanha;
- *Guerra dos Seis Dias* (junho de 1967), em que Israel ocupou a Cisjordânia e Jerusalém Oriental (Jordânia), Faixa de Gaza (Egito) e colinas de Golã (Síria);
- *Guerra do Yom Kippur* ou *Ramadã* (outubro de 1973), envolvendo Israel, Egito e Síria;
- *Invasão israelense do Líbano* (1982);
- *Intifada* (1987-91), guerra de resistência da população palestina contra ocupação israelense;
- *Nova Intifada*, ou *Intifada de Al-Aqsa* (setembro de 2000 ao presente), guerra de resistência da população palestina contra a ocupação israelense.

Além destas guerras de ocupação promovidas por Israel – sempre apoiados pelo Ocidente e, novamente, principalmente pelos Estados Unidos – em relação à Palestina, outros movimentos e conflitos se somam a este interminável *choque* entre estas duas civilizações. A revolução Islâmica ou Iraniana na década de 1970 com a derrubada de um poder aliado aos EUA no Irã e a entrada do Aiatolá Khomeini, extremamente fundamentalista e anti-ocidental; a Guerra do Afeganistão na década de 1980, sendo este apoiado pelos americanos para a expulsão do exército da União Soviética do território afegão; a longa guerra entre Irã e Iraque, sendo este último aliado dos Estados Unidos contra as pretensões iranianas de Khomeini; a Primeira Guerra do Golfo em 1991 entre EUA e Iraque, antigo aliado, para barrar as pretensões expansionistas de Saddam Hussein sobre o Kuwait.

Finalmente, no ano de 2001, Osama Bin Laden, em uma ação espetacular, de característica hollywoodiana utiliza dois aviões comerciais de passageiros como mísseis balísticos e os lançam contra os dois maiores símbolos do poder capitalista ocidental, as torres gêmeas do World Trade Center. A partir desses atentados nunca antes ocorridos na história – os EUA sempre se sentiram um país abençoado em sua segurança por não sofrer ameaças de seus vizinhos ao norte e ao sul, além de ter a leste e oeste apenas os oceanos Pacífico e Atlântico – discursos ainda mais carregados do que antes passam a ser proferidos pelos dois lados. O que leva o Presidente à época George W. Bush a declarar **guerra ao/contra terror** e a caracterizar um conjunto de países, compostos por Iraque, Irã e Coréia do Norte como o **eixo do mal**.

Neste ponto do trabalho se faz importante observar que tomaremos estes acontecimentos que significam as relações entre o Ocidente e o Oriente, considerados por uma perspectiva enunciativa da teoria da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002), e que serão, estes acontecimentos, caracterizados como acontecimentos de linguagem, acontecimentos enunciativos que constituirão sentidos fora de um contexto cronológico empírico e pragmático. Observaremos a história em uma relação sócio/histórica com a língua e com as produções de linguagem entre sujeitos, enunciadorees.

Veremos, como de certa forma, o Ocidente passa a significar o Oriente como o lugar do mal, como o lugar do *terror* em uma relação específica com um povo determinado e com uma religião determinada. Veremos também, como ao funcionar certas expressões na e pela enunciação, o Ocidente significa o Oriente como o “outro”, o

“diferente” e como o Oriente é *silenciado* (Orlandi, 2008), nos dizeres ocidentais, nos dizeres da mídia ocidental.

Como veremos nos capítulos que se seguem, estes termos veiculados indiscriminadamente pelas empresas de comunicação ocidentais (“**eixo**”, “**eixo do mal**” e “**guerra ao/contra o terror**”), acabam por semantizar o Oriente Médio e particularmente a religião e o povo islâmico como um mal a ser combatido e eliminado da face da terra.

CAPÍTULO II

FOLHA DE SÃO PAULO: DESCRIÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA

Neste capítulo exporemos os resultados de nossa pesquisa no site do jornal Folha de São Paulo de onde retiraremos os recortes que utilizaremos como o *corpus* de nossa análise, como a mídia ocidental produz e reproduz os fatos que operam no âmbito das Relações Internacionais entre Ocidente e Oriente. De forma explícita e precisa buscaremos recuperar – da forma que serão apresentadas aqui – reportagens publicadas neste jornal de circulação nacional que enunciam as expressões “**eixo**”, “**eixo do mal**” e “**guerra ao/contra o terror**” (“**guerra ao terror**” e “**guerra contra o terror**”), expressões que constroem sentidos na relação política entre o Oriente e o Ocidente.

Vimos no capítulo anterior algumas representações, narrativas históricas, sobre algumas intervenções realizadas a partir do Ocidente em relação à região médio oriental do globo. Vimos também que, em todas estas relações esteve em pleno funcionamento predicativos que determinam estas ações pela violência, barbárie, guerra e dominação. Os atentados ocorridos no dia 11 de setembro de 2001 foram responsáveis não só por uma nova configuração na ordem de uma sociedade internacional, marcada pela posição hegemônica da potência estadunidense, mas, também, pela produção de novas enunciações e de uma linguagem voltada ao ódio e à vingança.

Certamente para quem estava lá, naquele momento em que os aviões se chocaram contra os prédios do WTC²³ o pânico e o terror vivenciados foram chocantes. Porém, como presenciamos desde a Primeira Guerra do Golfo (1991), a cobertura televisiva transformou, de certa forma, algo temeroso e violento, como um espetáculo – como citado anteriormente, um evento hollywoodiano – despertando o fascínio e também o sentimento de solidariedade naqueles que assistiam pela televisão nas várias partes do globo. Contraditoriamente às pessoas que sentiram certo espanto e pavor, houve em alguns lugares pessoas que festejaram e que receberam as imagens dos atentados como se fosse uma providência divina castigando aquele que seria o *Grande Satã*.

²³ Abreviatura para World Trade Center

Antes, porém, de passarmos aos resultados da pesquisa realizada no espaço do jornal Folha de São Paulo, faremos breves considerações sobre as formas de discurso da mídia e como, de certa forma, funciona a institucionalização dos sentidos neste lugar que promove notícias, informações e ideias.

2.1 O Discurso e a Mídia: Algumas Considerações

Toda a mídia, tanto ocidental quanto oriental, tem a característica institucionalizadora de sentidos e significações em relação a seu público alvo. Trabalham ideológica e politicamente de forma a sustentar uma clara noção de manutenção de ideais que podem ser do Estado ou contra o Estado. A mídia como instituição promotora de notícias e ideias funciona como intermediadora entre a notícia e o leitor, digere o fato e entrega aquilo que o seu leitor pode acessar, influenciando no modo como seu público irá receber e interpretar a notícia em relação ao fato ocorrido.

O filósofo Losurdo (2010) em suas investigações em relação à *Linguagem do Império*, apresenta a forma como certos *ideólogos ocidentais* (Losurdo, idem), *enxergam* e *compreendem* a relação de suicidas islâmicos com sua fé:

A fé dos militantes islâmicos que levam adiante seus ataques suicidas, convencidos de assim merecer entrar no paraíso com todas as suas delícias (a começar com as esplêndidas virgens em ansiosa espera pelos mártires), é o alvo privilegiado do sarcasmo e do ‘iluminismo’ mesquinho dos ideólogos de um Ocidente incapaz de compreender as razões e o desespero de suas vítimas (Idem. p. 43).

Podemos verificar neste fragmento retirado do texto de Losurdo (2010), um Ocidente que não é capaz de compreender, observar, *enxergar* o outro que se apresenta como diferente ou, que é apresentado como o diferente pelo próprio Ocidente e por seus “ideólogos”. E, este Oriente, seus costumes e suas ações “desesperadas” são frequentemente colocados como “alvo” do “sarcasmo” ocidental sobre suas “vítimas” orientais.

Mas, com um olhar crítico em relação a isso percebe-se que não é incapacidade de *enxergar* o outro e nem mesmo suas próprias ações em relação ao outro. E sim, que acontecimentos enunciativos que partem do Ocidente, enunciações estas midiáticas e, ou, governamentais, acabam por produzir determinados sentidos no imaginário ocidental. São enunciações que significam o outro, que falam pelo outro (no caso o Oriente, os

islâmicos), do lugar do Ocidente. Tampouco, se trata de uma *utilização* do léxico, da língua. Aquele que diz, diz de um lugar e, ao dizer, suas palavras significam e produzem sentidos na relação língua/linguagem/história. Aquele que diz é a origem do dizer, Locutor, mas não se compreende como a origem dos sentidos (Guimarães, 2002).

E, partindo do lugar teórico da Semântica do Acontecimento (Guimarães 2002), que não consideraremos a enunciação por uma abordagem pragmática de manipulação e utilização do léxico. O Ocidente ao falar, através de seus líderes e pela mídia, produzindo acontecimentos enunciativos de características maniqueístas e discursos inflamados, sentidos são construídos direcionando os Estados Unidos e seus aliados, aos *olhos do mundo*, como protetores da democracia e da liberdade. A partir de enunciações onde passam a funcionar predicados como *bárbaros, incivilizados, violentos, fundamentalistas*, que buscam (EUA e aliados), legitimidade para incursões militares em relação ao outro (Oriente Médio). Segundo Sahd (2010):

É na cobertura desses conflitos médio-orientais que começa a se constituir o atual léxico ideológico estadunidense e israelense para acusar inimigos e legitimar guerras (Idem. p. 52).

É nesta *constituição do léxico ideológico*, que se constitui os sentidos no acontecimento enunciativo. Para se constituir tais sentidos, para que a língua faça sentido, é preciso que aconteça a intervenção da história (Orlandi 1999). E, por se tratar de *constituição do léxico ideológico* pela cobertura dos conflitos no Oriente Médio (pela mídia ocidental), Orlandi (1999) nos diz que a ideologia:

[...] não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido (Idem, p. 48).

Portanto, devemos observar que a mídia funciona como institucionalização dos sentidos. A mídia, a imprensa em geral atua conforme, muitas vezes, uma ideologia, uma política pré-estabelecidas e assume uma versão interpretativa – nos dias de hoje – diferenciando-se do que podemos chamar de a *imprensa antigamente*. Citando Mariani (1998):

Se, antes, a imprensa só posicionava-se como um veículo neutro e imparcial, hoje, ainda que timidamente, ela assume seu lado interpretativo, e o fato de que cada jornal acaba tomando uma direção política prioritária. Sem dúvida, está cada vez mais em evidência esse aspecto do entrelaçamento entre os eventos políticos e a notícia: a

imprensa tanto pode lançar direções de sentidos a partir do relato de determinado fato como pode perceber tendências de opinião ainda tênues e dar-lhes visibilidade, tornando-as eventos-notícias. (Idem. p. 59)

Dessa forma, a mídia, mesmo que de maneira tímida, perde aos poucos uma postura neutra e imparcial, e, passa a tomar posições que direcionam a uma determinada direção política. Percebe-se que jornais e jornalistas por vezes adotam determinadas posturas sobre um evento ou um fato na tentativa de formar opiniões futuras e institucionalizar uma determinada circulação de sentidos levando o *público* a emitir opiniões expressando justamente a imparcialidade e não neutralidade características de tais notícias.

Em uma sociedade cada vez mais atravessada pela espetacularização dos fatos sociais e políticos, acontecimentos como o 11 de Setembro e até mesmo o mais recente como os atentados ocorridos na França pelo Estado Islâmico em novembro de 2015, passam a ter coberturas cinematográficas e acontecimentos enunciativos em jornais impressos que dividem interlocutores e telespectadores de forma a escolher entre o bem e o mal. Dessa forma nos apresenta Gregolin (2003):

11 de setembro de 2001: assistimos, ao vivo, pela televisão, aviões se chocarem contra as *Twin Towers* e a cena era familiar pois já tínhamos visto, inúmeras vezes, nas telas, em super-produções americanas. Entre a cena real e alguma cena de filme, ficamos indecisos: como distingui-las na era das tecnologias de informação, quando tudo se volatiliza em imagens e redes flutuantes que invadem nossa percepção? O assombro banalizou-se. A cena, incontáveis vezes repetida, cristalizou-se no instantâneo de nossas retinas, como parte do espetáculo que, passado o espanto, grudou-se no cotidiano (Idem. p. 9).

Forma-se assim a cultura do espetáculo, cristalizada, em grande parte, por uma mídia que busca não apenas passar notícias de fatos ocorridos, mas também, impressionar seu leitor ou telespectador. Esta função que determina a mídia em construir uma história do presente e afetando o imaginário social (Gregolin 1998), instituindo a circulação de sentidos pelos acontecimentos enunciativos, é também, uma forma de se cristalizar a maneira de ver, identificar, significar o *outro*, o *diferente* (Orlandi 2008).

Nesta circulação de sentidos que cria o imaginário do leitor/telespectador, a mídia oferece uma realidade diferente, construída em uma construção discursiva particular. Assim:

A criação dessa ilusão de ‘unidade’ do sentido é um recurso discursivo que fica evidente nos textos da mídia. Como o próprio nome parece

indicar, as *mídias* desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta (Ibidem. 1998. p. 97).

O que se percebe então é esta construção simbólica de um real discursivo como representação do real concreto determinada por esta ilusão de “unidade do sentido”. Dessa forma, nos explica Mariani (1998):

[...] os jornais nomeiam, produzem explicações, enfim ‘digerem’ para os leitores aquilo sobre o que se fala. Esse processo de encadeamento cria a ilusão de uma relação significativa entre causas e conseqüências para os fatos ocorridos. Encontra-se nesse funcionamento jornalístico um dos aspectos de convencimento que envolve os leitores (Idem. p. 60).

Este funcionamento do discurso jornalístico caracteriza-se por ser um *discurso sobre* e um *falar sobre* (Orlandi 2008), no qual o jornalista é capaz de emitir juízos de valor sobre o objeto relatado em seu discurso. Ou seja, o *discurso sobre*, sobre o Oriente Médio, sobre as relações entre ocidentais e orientais, “[...] ou determina o lugar de que devem falar [...]”, ou, “[...] não lhes dá voz [...]”, (Orlandi Idem, p. 58).

Essa modalidade do discurso jornalístico configurados como *discurso sobre*, é também apreciado por Mariani (1998), dizendo que:

[...] são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os *discursos sobre* são discursos intermediários, pois ao *falarem sobre* um *discurso de* (‘discurso-origem), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De modo geral, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que o *falar sobre* transita na co-relação entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor (Ibidem. p. 60).

Ou seja, o discurso jornalístico é produzido de acordo com uma modalidade discursiva de *falar sobre*, e, funciona na forma de intermediário entre o fato ocorrido e o leitor colocando assim o mundo como objeto (Mariani 1998). E, ao funcionar *falando sobre* e colocando o mundo como *objeto* que (nos acontecimentos enunciativos midiáticos), o outro (Oriente) é *falado*, é *sem voz*, *fala na fala do outro* (Ocidente), é *significado* (Orlandi 2008). O discurso jornalístico tem, neste sentido, a característica de “[...] atuar na institucionalização social dos sentidos”. (Mariani, 1998).

É, pois, desta forma que buscaremos observar os sentidos produzidos pelos acontecimentos enunciativos do lugar do jornal Folha de São Paulo, jornal este de grande

circulação nacional, que por sua vez funcionam no espaço de enunciação do português do Brasil, e, como estas enunciações significam o Oriente a partir do Ocidente pelas expressões “**eixo do mal**”, “**guerra ao/contra o terror**” (“**guerra ao terror**” e **guerra contra o terror**”, sendo estas as formas como serão buscadas estas expressões durante a pesquisa no campo “Busca Detalhada” no lugar “acervo” do site do jornal Folha de São Paulo).

Passemos agora à descrição da pesquisa realizada no site do jornal Folha de São Paulo, aos resultados das ocorrências das expressões que compõem o *corpus* delimitado como objeto desta pesquisa e à descrição de como serão identificados os recortes no interior do texto do terceiro capítulo deste trabalho, o capítulo das análises onde funcionarão os recortes devidamente e especificamente selecionados por nós para obtenção dos melhores resultados possíveis.

2.2 “Eixo do Mal” e “Guerra ao/contra o Terror”: Pesquisa e Ocorrências no jornal Folha de São Paulo.

Neste lugar de nosso trabalho realizaremos uma pesquisa referente às ocorrências do *corpus* de nosso trabalho no lugar do jornal Folha de São Paulo. Do resultado desta pesquisa retiraremos os recortes que irão compor o capítulo três e que serão os principais objetos de nossas análises em uma perspectiva enunciativa, perspectiva esta que funciona a partir do lugar da teoria da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002).

Para tanto, esta pesquisa foi delimitada primeiro entre os anos de 1939 – 45, anos referentes às ocorrências da expressão “**eixo**”, e, entre os anos de 2001 – 05, período referente às ocorrências das expressões “**eixo do mal**” e “**guerra ao/contra o terror**”. Para que pudéssemos obter um resultado satisfatório, objetivo, delimitado e mais específico, fizemos em nossa última pesquisa a separação entre “**guerra ao terror**” e “**guerra contra o terror**”.

Os resultados desta pesquisa serão esboçados em tabelas indicando cada ano individualmente em cada linha da tabela assim como a quantidade de páginas verificadas e a quantidade de ocorrências da palavra “**eixo**” e das demais expressões. Na última linha de cada tabela temos o resultado total da quantidade de páginas e de ocorrências da palavra e das expressões durante todo o período delimitado.

Como supracitado, a partir desta pesquisa de verificação, página por página, realizada manualmente, traremos os recortes onde a expressão “**eixo**” e as expressões “**eixo do mal**”, “**guerra ao terror**” e “**guerra contra o terror**”, funcionam em acontecimentos enunciativos e que serão analisados pelo lugar teórico da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002).

2.3 Eixo 1939 – 1945

A pesquisa de busca pelas ocorrências da palavra **eixo** no período delimitado entre os anos de 1939 – 1945 fora realizada no site da internet do jornal Folha de São Paulo. Para tanto, esta busca realizou-se no lugar do *acervo* do mesmo jornal, utilizando a função de “Busca Detalhada”. Neste local do site da Folha de São Paulo é necessário, para se proceder a busca, preencher alguns campos referentes àquilo a que se busca. Existem as opções: “Folha de São Paulo”; “Folha da Manhã”; e “Folha da Noite”. No nosso caso, a busca foi realizada na opção “Folha da Manhã”.

Abaixo, no mesmo local da “Busca Detalhada”, existem as opções de preenchimento: “com todas as palavras”; “com a frase exata”; “com pelo menos uma das palavras”; e “sem as palavras”. Utilizamos para nossa pesquisa o espaço “com todas as palavras” delimitando nossa busca com as palavras: *Eixo, Alemanha, Itália, Japão*.

Ainda no mesmo espaço de busca, existem as opções: “Escolha o Período” (em nosso caso o período escolhido foi de 1939 a 1945), “ou” “A Data Exata”; “Caderno” “ou” “Tema”. No espaço de “Cadernos” e “Temas”, optamos pela busca de “Todos”.

Ao abrir a página para verificação de ocorrências as palavras ou expressões são apresentadas grifadas na cor vermelha dentro da página (escaneada) do jornal como por exemplo: se buscarmos no acervo da Folha de São Paulo a palavra “Eixo” entre os anos de 1939 a 1945, em cada página do jornal que abrirmos a palavra nos será apresentada no interior de cada texto como **Eixo**.

Do período delimitado de 1939-45, foram verificadas 3.185 ocorrências da palavra “Eixo” referentes à Segunda Guerra Mundial e aos países Alemanha, Itália e Japão. As verificações foram realizadas manualmente e revisadas ao término de cada ano que

compreende o período. Sendo assim, apresentaremos os resultados desta pesquisa na tabela que se segue:

Tabela I:

Ano	Nº de Páginas verificadas	Ocorrências da palavra “Eixo”
1939	3	13
1940	86	209
1941	204	622
1942	189	924
1943	237	1.148
1944	81	192
1945	45	77
Total:	845	3.185

2.4 Eixo do Mal 2001 – 2005

Para a expressão “**eixo do mal**” o procedimento de pesquisa adotado foi o mesmo que o anterior. Buscamos no lugar “Busca Detalhada” do site do jornal Folha de São Paulo, porém, o período escolhido para verificação de ocorrências desta expressão foi o de 2001 – 2005. Das três opções, “Folha de São Paulo”, “Folha da Manhã” e “Folha da Noite”, optamos pela primeira, “Folha de São Paulo”.

O campo de busca escolhido foi também “com todas as palavras”, no espaço “Caderno” optamos pelo “Especiais” e, no campo “Tema”, escolhemos “Internacional” como forma de delimitar e objetivar ainda mais a busca para encontrar os melhores recortes. O preenchimento do campo “com todas as palavras” foi com a expressão e as palavras: “Eixo do Mal, Iraque, Irã, Coréia do Norte”.

Da mesma forma a expressão e as palavras (nomes dos países), apareceram grifadas na cor vermelha no corpo do texto de cada página da Folha de São Paulo verificada. Portanto, cada palavra, mesmo as que formam a expressão “Eixo do Mal”,

tiveram suas ocorrências marcadas pelo grifo específico em vermelho: **Eixo do Mal**, **Iraque**, **Irã** e **Coréia do Norte**.

A metodologia de busca e contagem das ocorrências neste lugar se fez pelo método manual e revisão de cada resultado encontrado. Desta forma pudemos observar um resultado de 94 ocorrências da expressão “Eixo do Mal” relacionada aos três países presentes na mesma busca (Iraque, Irã e Coréia do Norte), no período delimitado entre os anos 2001 - 2005. Apesar do período de busca escolhido as ocorrências da expressão “Eixo do Mal” passaram a ocorrer somente no ano de 2002. Portanto o período verificado foi de 2002 a 2005 como apresentaremos na tabela de resultados a seguir:

Tabela II:

Ano	Nº de Páginas verificadas	Ocorrências da expressão “Eixo do Mal”
2001	0	0
2002	38	55
2003	25	35
2004	13	14
2005	4	4
Total	80	108

2.5 Guerra ao Terror e Guerra Contra o Terror 2001 – 2005

O procedimento de busca e verificação das ocorrências das expressões enunciadas pelo ex-presidente dos Estados Unidos George W. Bush foram realizadas também no lugar de “Busca Detalhada” no lugar do site da Folha de São Paulo. O período delimitado, assim como o da expressão “Eixo do Mal”, foi do ano de 2001 ao ano de 2005.

O espaço de busca dentro do lugar “Busca Detalhada” no site do jornal foi o campo “com a frase exata” tornando a busca mais específica e objetiva para a delimitação e busca dos recortes utilizados para as análises no terceiro capítulo deste trabalho de pesquisa. No espaço “Caderno” optamos novamente pelo “especiais” e, no espaço “Tema” também novamente optamos pelo “Internacional”. Assim como nos resultados anteriores, as

expressões “Guerra ao Terror” e “Guerra contra o Terror” tiveram as palavras que as compõem especificadas pelo grifo em vermelho: **Guerra ao Terror, Guerra contra o Terror.**

Apesar de termos delimitado a cronologicamente a busca no período dos anos de 2001 a 2005, os resultados encontrados foram até o mês de fevereiro do ano de 2003. Com isso, os resultados das ocorrências da expressão “Guerra ao Terror” serão apresentadas na tabela abaixo:

Tabela III:

Ano	Nº de Páginas verificadas	Ocorrências da expressão “Guerra ao Terror”
2001	8	7
2002	19	22
2003	7	8
2004	0	0
2005	0	0
Total	34	37

Quanto à expressão “Guerra contra o Terror”, a busca decorreu da mesma forma que a expressão anterior, porém, os resultados foram pouco superiores quanto aos resultados obtidos com a busca por “Guerra ao Terror”. Vejamos a tabela a seguir referente aos resultados da busca por ocorrências da expressão “Guerra contra o Terror”:

Tabela IV:

Ano	Nº de Páginas verificadas	Ocorrências da expressão “Guerra contra o Terror”
------------	----------------------------------	--

2001	19	22
2002	23	29
2003	5	7
2004	0	0
2005	0	0
Total	47	58

Realizamos ainda, uma busca “West Point”, nome de uma tradicional academia militar nos Estados Unidos, delimitada no mês de fevereiro do ano de 2002. Neste mês e ano ocorreu um discurso do ex-presidente Bush durante a formação de novos cadetes do exército norte-americano. Nesta pesquisa encontramos parte deste discurso e a ocorrência da expressão **guerra contra o terror**, que optamos por utilizar como recorte em nossas análises.

2.6 Dos Recortes e da organização no corpo do texto.

Como citado anteriormente, a partir dos resultados da pesquisa feita no lugar do jornal Folha de São Paulo, retiraremos os recortes (textos) onde funcionam as expressões “eixo”, “eixo do mal”, “guerra ao/contra o terror” (“guerra ao terror” e “guerra contra o terror”). Porém, algumas considerações quanto a organização dos recortes feitos dos textos jornalísticos deve ser descrita para que se tenha um bom entendimento dos processos analíticos a serem realizados neste trabalho.

Os recortes selecionados para o capítulo de análises desta dissertação serão referenciados no decorrer do texto pela letra **R** maiúscula e em negrito seguido de um numeral indicando a ordem dos acontecimentos enunciativos. Exemplo: **R1, R2, R3** etc. Quanto às sequências enunciativas na qual serão divididos os recortes, serão utilizadas letras (minúsculas) em negrito e entre parênteses. Exemplo: **R1 (a), R1 (b), R1 (c), R2 (a), R2 (b), R2 (c)** etc.

Os recortes selecionados para análises serão expostos no trabalho dentro de quadros com as indicações **R, 1, 2, 3...**, **(a), (b), (c)...**, no canto superior esquerdo de cada

quadro e, no corpo do texto de análises os recortes analisados serão identificados apenas pela letra **R** maiúscula e em negrito, pelo numeral que o identifica **1, 2, 3...**, e pela letra minúscula, em negrito e entre parênteses identificando a sequência do texto que estará sendo analisada naquele lugar do trabalho.

Os recortes selecionados que optamos para as análises que serão realizadas no próximo capítulo serão apresentados pelo número do recorte, **R1, R2, R3** etc., Título e ano e a expressão/nome que se refere, como esboçados na tabela que se segue:

Tabela V:

Recorte (R)	Título/ano	Expressão/Nome
R1	Discurso de George W. Bush no Congresso dos EUA – 2001	Guerra contra o terror
R2	A nova Doutrina Americana – 2002	Guerra contra o terror
R3	A guerra contra o terror – 2001	Guerra contra o terror
R4	O ‘Eixo’ Roma-Berlim transformado em aliança política e militar – 1939	Eixo
R5	A COLABORAÇÃO DO EIXO – 1941	Eixo
R6	A Guerra Estaria Numa Fase em que a Estratégia Política é Mais Importante que a Militar – 1941	Eixo
R7	FALA O GENERAL MANOEL RABELLO – 1943	Eixo
R8	ROOSEVELT REVELA QUE AS POTÊNCIAS DO ‘EIXO’ SE PREPARAM PARA DESFECHAR A GUERRA QUÍMICA – 1943	Eixo

R9	FRASES/: Eixo do Mal - Irã, Iraque e Coréia do Norte rebatem Bush – 2002	Eixo do mal
R10	A origem do eixo do mal – 2002	Eixo do mal
R11	Ameaça de Bush a outros países sofre críticas – 2002	Eixo do mal
R12	Com Sharon, Bush Pressiona Arafat – 2002	Eixo do mal/Guerra ao terror

CAPITULO III

CONSIDERAÇÕES E DISCUSSÕES TEÓRICAS

Vimos no primeiro capítulo desta pesquisa breves relatos históricos sobre as relações entre o Ocidente e o Oriente Médio. Vimos também, que estas relações históricas não foram perpetuamente pacíficas ou violentas. Pudemos ter da mesma forma uma breve noção de como ocorreu esta divisão da qual iremos tratar com maior profundidade a partir de agora.

No segundo capítulo apresentamos e descrevemos os recortes com os quais trabalharemos para a realização das análises enunciativas considerando a perspectiva da Semântica do Acontecimento (Guimarães 2002). Nestes recortes encontramos as marcas do léxico ocidental que caracterizam os acontecimentos enunciativos midiáticos que acabam por significar o Oriente para o Ocidente.

Esta *orientalização do Oriente pelo Ocidente*²⁴ não corresponde a uma produção atual, tem seu período mais intenso inscrito no Século XIX e início do XX. Buscaremos então, compreender os sentidos produzidos pela história de enunciações sobre esse dizer em textos midiáticos que tomaremos como *corpus* nesta análise. E, por isso, a historicização do objeto discutido nestas páginas, as relações entre Ocidente e Oriente, se faz deveras importante para a compreensão da significação oriental pela mídia ocidental.

Porém, antes de chegarmos ao ponto mesmo de nossas análises, nos interessa aqui tratar do que significa *orientalizar o Oriente* (Said 2007). Ao funcionar esta expressão no texto do referido autor ela significa nos acontecimentos enunciativos a *representação* e a *formação* de uma imagem do Oriente por orientalistas (termo segundo Said (2007), que significa aquele que estuda, pesquisa e escreve sobre o Oriente; que tem como campo de estudo o próprio Oriente), ocidentais. E, neste lugar, do orientalista, encontra-se um Oriente que não diz, um Oriente silenciado (Orlandi 1997), e por esta razão:

Esse Oriente era silencioso, à disposição da Europa para a realização de projetos que envolviam os habitantes nativos sem jamais assumir uma responsabilidade direta para eles, e incapaz de resistir aos projetos, às imagens ou a meras descrições que lhes eram traçadas (Said, 2007, p. 143).

²⁴ Ver Said (2007), *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*.

E neste sentido, no sentido de ter um Oriente *silencioso* diante de um projeto de expansão da Europa em relação ao próprio Oriente, Said (2007) diz que:

[...] o Orientalismo atropelou o Oriente. Como um sistema de pensamento sobre o Oriente, sempre partiu do detalhe específico para a afirmação geral; uma observação sobre um poeta árabe do século X desdobrava-se numa política para com (e sobre) a mentalidade oriental no Egito, no Iraque ou na Arábia. Da mesma forma, um verso do Alcorão seria considerado a melhor evidência de uma sensualidade muçulmana indelével. O Orientalismo supunha um Oriente imutável, absolutamente *diferente* (as razões mudam de época para época) do Ocidente (Idem, p 145). (grifo nosso).

Os textos e os discursos produzidos pelo Orientalismo, por orientalistas sobre o Oriente sofrem neste sentido, um deslocamento. Deixam de ser textos e discursos *eruditos* (Said 2007), e se transformam em uma instituição imperial (Said Idem). Deixam de tratar sobre questões referentes à língua, cultura, religião simplesmente e passam a funcionar como *instrumento* de colonização e expansão imperial. Podemos compreender, desta forma, um Oriente e um povo oriental significado como objetos para um estudo do orientalismo ocidental. Assim, Said (2007), sobre a *orientalização do Oriente*, aponta dois níveis da relação política ao se orientalizar o Oriente:

- a) No nível da *proposição do problema* e da problemática [...] o Oriente e os orientais [são considerados pelo Orientalismo] um ‘objeto’ de estudo, carimbado com uma **alteridade** – como tudo o que é **diferente**, seja ‘sujeito’ ou ‘objeto’ –, mas de uma **alteridade** constitutiva, de um caráter essencialista [...] Esse ‘objeto’ de estudo será, como de costume, passivo, não participativo, dotado de uma subjetividade ‘histórica’ e, acima de tudo, não ativo, não autônomo, não soberano em relação a si mesmo: o único Oriente, oriental ou ‘sujeito’ que poderia ser admitido, no limite extremo, é o ser alienado filosoficamente, isto é, diferente de si mesmo, proposto, compreendido, definido – e representado – por outros.
- b) No nível da *temática*, [os orientalistas] adotam uma concepção essencialista dos países, das nações e dos povos do Oriente em estudo, uma concepção que se expressa por uma tipologia étnica caracterizada [...] e logo a levam em direção ao racismo (Idem, p. 146). (grifo nosso).

Ou seja, nestes fragmentos tirados do texto de Said (2007), compreende-se um Oriente *alienado* a si mesmo, sem voz, que não diz e que, porém, é dito, significado, representado por um Ocidente que o trata como *objeto* de estudo, como diferente. Ao se tratar desta forma, constitui-se nesta relação com o diferente (Orlandi, 2008), uma relação de alteridade (Orlandi, Idem), de dominação, de força na e pela linguagem.

O Oriente é identificado como o *diferente*, como o *outro* nos acontecimentos enunciativos do europeu. Nesta relação pela qual o oriental é significado na fala do *orientalista*, do ocidental, faz funcionar o que Orlandi (2008) considera como a política do silêncio. Ou seja, o Oriente será sempre o *outro* para o Ocidente, será sempre o diferente dito e silenciado nos dizeres do Ocidente que se apresenta como o *centro*, como a origem das enunciações que constituem os sentidos no imaginário ocidental.

Desta forma, o Oriente e o povo oriental não são apagados enquanto elementos de significação e de produção de sentidos na fala do europeu, mas, apagados enquanto *sujeitos* de produção da própria história. Não se trata aqui de se considerar o *não-dito* (Ducrot 1987) ou meramente o implícito em enunciações ocidentais *sobre* o Oriente, mas sim, do silenciamento e do apagamento do *sujeito* constitutivo da própria história (Orlandi 2008).

Assim temos que *Orientalizar o Oriente* significa a representação, a significação e a construção de sentidos sobre o Oriente nas falas do Ocidente. O Oriente é criado, imaginado, materializado no discurso europeu como o *outro*, o *diferente*, o *bárbaro*, o *incivilizado*, geográfica, religiosa e culturalmente. Este é o trabalho do *Orientalista* europeu, ocidental e, neste sentido, nos diz Said (2007):

Como um juiz do Oriente, o orientalista moderno não assume uma distância objetiva de seu objeto de estudo, como ele acredita e até afirma fazer. O seu distanciamento humano, cujo sinal é a ausência de simpatia coberta pelo conhecimento profissional, é carregado pesadamente com todas as atitudes, perspectivas e estados de espírito ortodoxos do Orientalismo que tenho descrito. O seu Oriente não é o Oriente como ele é, mas o Oriente como ele foi *orientalizado*. Um arco ininterrupto de conhecimento e poder conecta os estadistas europeus ou ocidentais e os orientalistas ocidentais; forma a orla do palco que contém o Oriente. No final da Segunda Guerra Mundial, tanto a África como o Oriente formavam menos um espetáculo intelectual para o Ocidente do que um terreno privilegiado para os ocidentais. O alcance do Orientalismo correspondia exatamente ao alcance do império, e foi essa absoluta unanimidade entre os dois que provocou a única crise na história do pensamento ocidental sobre o Oriente e nas negociações com o próprio. E essa crise continua até hoje (Idem, p. 155). (grifo nosso).

Ao tratar estas produções históricas queremos apresentar como certas produções filológicas e literárias ajudaram a formar uma visão ocidental do Oriente. Desta forma citaremos, novamente, algumas passagens do livro de Said (2007) que, no próprio título já apresenta o “Oriente como invenção do Ocidente” (Said, Idem). Assim, buscaremos compreender como, pelos acontecimentos enunciativos, o real é dividido e re-dividido

(Guimarães 2002), pelo funcionamento do político na linguagem e, como o Oriente é significado, de forma negativa, nos dizeres ocidentais.

Said (2007) apresenta o *orientalismo* como o estudo do Oriente, portanto, aquele que estuda o Oriente e escreve sobre o Oriente é um *orientalista*. O autor não busca compreender o que “está oculto no texto do orientalista” e sim “sua exterioridade em relação ao que descreve” (Idem. P. 51), e dessa forma nos diz que:

Nunca é demais enfatizar essa ideia. O Orientalismo é postulado sobre a exterioridade, isto é, sobre o fato de que o orientalista, poeta ou erudito, faz o Oriente falar, descreve o Oriente, esclarece seus mistérios por e para o Ocidente. Ele nunca está preocupado com o Oriente exceto como causa primeira do que diz. O que ele diz e escreve, em virtude do fato de ser dito ou escrito, pretende indicar que o orientalismo está fora do Oriente, não só como um fato existencial, mas também moral (Idem. p. 51).

E esta exterioridade é exatamente o que é um dos pontos que buscamos entender nesta pesquisa. O Oriente significado nos acontecimentos enunciativos ocidentais, um Oriente compreendido nos dizeres de *Orientalistas* europeus que, em seus discursos *sobre* o Oriente, tratam dos costumes, da cultura, religião, política e convenções ocidentais. É o entendimento do diferente pelo que nós somos, como somos e porque somos. Este é o Oriente produzido e não aquele que se produz, que produz sua história para o resto do mundo.

A tecnologia e o grande crescimento eletrônico do mundo pós-moderno ajudou em grande parte a divulgar uma imagem demonizada do muçulmano em geral para o Ocidente. Isso ocorre de uma maneira “imaginativa” e “acadêmica” (Said, 2007), tratando o Oriente do Século XIX de maneira misteriosa. Novamente citando Said (Idem):

Três coisas contribuíram para transformar até a mais simples percepção dos árabes e do islã numa questão altamente politizada, quase estridente: primeiro, a história do preconceito popular contra árabes e o islã no Ocidente, que se reflete diretamente na história do Orientalismo; segundo, a luta entre os árabes e o sionismo israelense, e seus efeitos sobre os judeus americanos, bem como sobre a cultura liberal e a população em geral; terceiro, a quase total ausência de qualquer posição cultural que possibilite a identificação com os árabes e o islã ou uma discussão imparcial a seu respeito (Ibidem. P. 58).

Esta padronização moldada pela televisão, pelos filmes e em grande parte pela mídia jornalística é capaz de nos apresentar um Oriente próximo identificado e ajustado com as políticas das grandes potências pela produção petrolífera e também pelo conflito

entre Israel e Palestina, sendo que Israel é a representação da liberdade e da democracia enquanto que os árabes são os terroristas e ditadores (Ibid. 2007. p. 58).

Encontramos assim, um Oriente restaurado, reestruturado, imaginado e inventado pelo Ocidente. A partir das intervenções e das produções ocidentais a respeito dos povos, seus territórios e suas culturas, pudemos apreender um Oriente criado pela marca comparatista de intelectuais e pesquisadores de potências dominantes como França e Inglaterra. Cultura, religião, tudo referente aos povos árabes sucumbiam à prática da comparação com a cultura e com o cristianismo ocidental. Desde o entendimento sobre Maomé até a compreensão de práticas sexuais do povo árabe era comparado e predicado por *orientalistas* do século XIX (Said 2007).

Tomados por esta formação imaginária construída sobre a cultura, religião e modo de vida dos orientais pelos intelectuais do Ocidente, podemos considerar e observar como a língua no seu funcionamento marca e determina a divisão do real, do mundo sensível às nossas experiências e capacidades racionais. Comparações realizadas por *orientalistas* ocidentais que, por meio da poesia, literatura, produções jornalísticas e científicas, durante o século XIX e início do XX, acabaram, por vezes, por significar o Oriente como um lugar atrasado, incivilizado, terra de bárbaros.

Dessa forma, Said (2007), cita por vezes autores que traduziram o Oriente em uma ótica de estrutura comparativa apresentando o lado oriental manipulado aos olhos ocidentais: “Esse comparatismo raramente é descritivo; com muita frequência é avaliador e expositor” (Idem, p. 210). E em seguida, o autor cita Renan²⁵ colocando em funcionamento este processo comparatista:

Vemos que em todas as coisas a raça semítica nos parece ser uma raça incompleta, em virtude de sua simplicidade. Essa raça – se me atrevo a usar a analogia – é para a família indo-europeia o que um esboço a lápis é para uma pintura; falta-lhe aquela variedade, aquela amplitude, aquela abundância de vida que é a condição da perfeição. Como aqueles indivíduos que possuem tão pouca fecundidade que, depois de uma infância graciosa, atingem apenas a virilidade mais medíocre, as nações semíticas experimentaram o pleno florescimento na sua primeira era e nunca foram capazes de alcançar a verdadeira maturidade (Said, 2007. p. 211, apud Renan).

²⁵ Joseph Ernest Renan, escritor, teólogo, filósofo, filólogo e historiador francês autor de “O Futuro da Ciência” (1890).

Assim, podemos concluir a forma do europeu do século XIX de ver o outro, principalmente o semítico, ou o árabe. É uma atitude não apenas comparatista, mas também reducionista expondo as características dos povos árabes eliminando assim sua condição de humanidade. Dessa forma: “[...] o comparatismo no estudo do Oriente e dos orientais passa a ser sinônimo da aparente desigualdade ontológica do Ocidente e do Oriente” (Ibidem. P. 211).

Os sentidos que foram construídos sobre o Oriente nos veio através da língua, de acontecimentos enunciativos, produção de textos e literaturas que em muito contribuíram para esta formação do Oriente pelo Ocidente. Assim, buscamos observar aqui como os sentidos formados por enunciações jornalísticas provenientes do Ocidente em relação ao Oriente Médio se constroem e estabilizam.

Para tanto, nos valeremos aqui, também, do que Orlandi (2008) trata por *discursos sobre*, ou seja, discursos e textos produzidos no Ocidente e que significam o Oriente para o ocidental. Dessa forma, tomaremos os *discursos sobre* o Oriente em produções midiáticas ocidentais pela análise da Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002), com o intuito de observar a constituição dos sentidos e a construção dos significados nos recortes selecionados para esta análise.

Para compreendermos melhor como funciona esta análise linguística sobre um tema de grande relevância para diversas outras áreas de conhecimento, traremos aqui algumas considerações sobre a teoria e seus processos analíticos, assim como seu funcionamento.

Várias são as formas e as disciplinas que buscam compreender os sentidos e as significações na linguagem, a semântica é uma delas, e, no nosso caso a Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002). Desde os períodos antigos se tem dado atenção aos estudos dos sentidos e da significação como, por exemplo, as disciplinas da Filosofia e da Retórica. Sócrates já buscava conhecer através de seu método de perguntas o significado de palavras como coragem e virtude.

Dessa forma, Guimarães (2006) diz que a semântica enquanto disciplina linguística se constitui durante a segunda metade do Século XIX, dentro do comparativismo (Idem. P. 116). Assim, o autor nos apresenta cinco modos de se considerar o sentido:

- a) uma relação na estrutura da língua,
- b) uma relação da linguagem com o mundo,
- c) a intenção de quem fala,
- d) a colocação em funcionamento da língua pelo locutor,
- e) a relação do funcionamento da língua com suas condições sócio-históricas (Ide, p. 117).

A maneira pela qual tratamos a consideração dos sentidos na e pela linguagem é embasada por esta “[...] relação do funcionamento da língua com suas condições sócio-históricas” (ou seja, pela letra “e” re-apresentada pela citação acima). A Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002) não considera a questão do sentido na linguagem como uma relação da língua com o mundo; ou como a intenção daquele que fala; uma relação de estrutura e de valores da língua pela língua. Os sentidos na linguagem ocorrem no acontecimento enunciativo, ou, no acontecimento de linguagem que temporaliza e significa.

De acordo com Emilé Benveniste²⁶ a linguagem não pode e não deve ser considerada como um instrumento criado e inventado pelo homem. Deve-se considerar a linguagem como algo inerente ao homem, constituinte do próprio ser humano. Nas palavras do linguista sírio:

Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclina-mos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (Benveniste, 1995. p. 285).

Assim, a linguagem nunca será atingida como um instrumento (de certo modo, ter linguagem é o que “fez” um corpo ser homem, constitutivamente), criado pelo homem como um sistema ou uma estrutura. Tal definição deixaremos para a língua, o sistema estruturado da língua que surge como uma convenção e aceitação social conduzido arbitrariamente pela própria sociedade que a toma. Não por isso deixaremos a língua à

²⁶ Linguista de origem síria, autor de Problemas de Linguística Geral I e II.

parte de nossos estudos, ela é parte constituinte e fundamental da linguagem, pois, como dito anteriormente, a linguagem nada mais é que a língua em funcionamento no acontecimento enunciativo, no dizer.

Se, é pela língua e na/pela linguagem que o homem se constitui em sujeito em uma relação com outro homem e com o mundo, sua importância e as considerações a seu respeito são de grande valia. Pelo constante uso da língua na/pela linguagem, significados e sentidos são construídos nesta relação do homem com o mundo e, do homem com o próprio homem. Manifestações políticas, sociais são interpretadas, feitas e refeitas, formadas e transformadas, divididas e re-divididas na/pela linguagem.

Citando novamente Benveniste, o autor nos apresenta que “Antes da enunciação, a língua é senão possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso [...]” (Idem. 2006. p. 83-84). No mesmo sentido, o linguista continua afirmando que “[...] na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo” (Ibidem. P. 84). Desta forma, aos poucos vamos caminhando em direção à teoria da enunciação para que em um ponto definitivo possamos operar nossas análises de maneira completa pela Semântica do Acontecimento de Guimarães (2002).

Nosso embasamento teórico considera a enunciação como um acontecimento enunciativo, ou seja, considera a língua em funcionamento na e pela enunciação como um acontecimento, como o evento do aparecimento de um enunciado (Ducrot, 1987). Para tanto, apesar dos diálogos existentes entre as áreas de estudos da linguagem, não nos serviremos aqui da filosofia da linguagem, do pragmatismo, da lógica ou de teorias referencialistas. Buscaremos compreender a linguagem por uma abordagem materialista e em relação com a história.

Da mesma forma, não buscamos aqui os fundamentos da linguagem embasados nas teorias psico-fisiológicas e nem mesmo em traços da fenomenologia. Não são os fatores que levam à uma formação psicológica ou fisiológica da linguagem que nos interessam e sim, o funcionamento da língua na e pela enunciação, seus significados e sentidos formados nesta relação da língua com a história, com o real, com o simbólico.

Guimarães (2002) nos apresenta de forma clara esta aproximação ou diálogo que seu trabalho apresenta em relação às outras formas de se considerar os estudos da linguagem logo na introdução de seu livro:

Este trabalho mantém assim um diálogo com domínios como a filosofia da linguagem, notadamente a teoria dos atos de fala, a pragmática, a semântica argumentativa. Por outro lado mantém também um diálogo decisivo com a Análise de Discurso tal como praticada no Brasil e que se organiza e se desenvolve a partir dos trabalhos de Pêcheux (Idem. p. 8).

Interessante notar que Guimarães (2002) mantém uma relação com a Análise de Discurso (AD)²⁷, doravante nesta pesquisa, uma relação aproximativa de diálogo. O linguista considera a linguagem nesta relação com o simbólico, com o real e diz que: “Colocar-se na posição do semanticista é inscrever-se num domínio de saber que inclui no seu objeto a consideração de que a linguagem fala de algo” (Ibid. p. 7). Ou seja, a linguagem fala de algo determinado pelo real, constituído no e pelo real, e, é nesta relação com o simbólico e com o real que se formam os sentidos e as significações no acontecimento enunciativo.

Dessa forma, devemos entender que o acontecimento enunciativo, é a língua em funcionamento, significando e constituindo sentidos. Assim, toda produção enunciativa toma os falantes enquanto figuras enunciativas, esse agenciamento enunciativo faz a língua em funcionamento significar. É nesta relação constituída a partir das práticas sócio histórica realizadas entre sujeitos tomados pela língua que se dá a construção de sentidos e significações na linguagem.

Visto algumas considerações sobre nosso lugar teórico; e a forma de divisão do real pela língua e como de certo modo encontramos essa divisão do Ocidente e do Oriente Médio na e pela linguagem, passemos agora às análises dos enunciados jornalísticos pela Semântica do Acontecimento (Guimarães, 2002). Começaremos, no entanto, pela descrição de acontecimento por Guimarães (Idem) e como se dá a formação dos sentidos e das significações dos enunciados que colocam em funcionamento as expressões “guerra ao/contra o terror” e “eixo do mal”.

3.1 O Acontecimento e o Político: Construção De Sentidos e Significados Na e Pela Linguagem

O acontecimento tal como compreendemos nos estudos enunciativos não se dá como um fato cronológico, ou seja, não é um acontecimento de algo no mundo, no tempo

²⁷ Abreviação para Análise de Discurso.

físico. Por nos filarmos a uma teoria que entende a língua em uma relação materialista, com a história, com o simbólico, o acontecimento é a diferença em sua própria ordem (Guimarães, 2002) é a língua que funciona por meio da enunciação que recorta um memorável (Idem).

Sendo assim, o acontecimento como um não-fato cronológico no tempo e no mundo, tomamos o acontecimento por uma perspectiva histórica e enunciativa observando que existe uma língua e que esta língua ao funcionar na e pela enunciação significa e instala a temporalidade própria do acontecimento. Segundo Guimarães (2002):

A enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, se faz pelo funcionamento da língua. Inscrevo minha posição numa linha de filiações próximas que passa por Benveniste (1970), em ‘O Aparelho Formal da Enunciação’, para quem a enunciação é a língua posta em funcionamento pelo locutor, e por Ducrot (1984), em ‘Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação’, para quem a enunciação é o evento do aparecimento de um enunciado (Idem. p. 11).

E neste sentido o autor continua dizendo que:

Dois elementos são decisivos para a conceituação deste acontecimento de linguagem: a língua e o sujeito que se constitui pelo funcionamento da língua na qual enuncia-se algo. Por um outro lado, um terceiro elemento decisivo, de meu ponto de vista, na constituição do acontecimento, é sua temporalidade. Um quarto elemento ainda é o real a que o dizer se expõe ao falar dele. Não se trata aqui do contexto, da situação, tal como pensada na pragmática, por exemplo. Trata-se de uma materialidade histórica do real. Ou seja, não se enuncia enquanto ser físico, nem meramente no mundo físico. Enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico (Ibidem. 2002. p 11).

Interessante notar que o autor cita tanto Benveniste quanto Ducrot, e que, inscreve seu pensamento em relação à linguagem e ao acontecimento em “filiações próximas”. Ou seja, para Guimarães (2002), a enunciação se fundamenta assim como em Benveniste, porém, algumas diferenças são marcantes entre os dois autores, isso se faz necessário ressaltar nesta pesquisa. O mesmo ocorre entre Guimarães e Ducrot que compartilham algumas considerações em relação ao acontecimento.

Podemos encontrar uma primeira diferença entre os dois teóricos (Guimarães e Benveniste), na forma de tratar a questão da enunciação sem que isso faça referência a uma centralidade do sujeito da enunciação.

Assim, o que Guimarães (2002) realiza de diferente de Benveniste é descentralizar este funcionamento da língua na enunciação da figura de um sujeito, ou seja, o sujeito

existe, o locutor existe, mas, não é o centro e nem a origem da enunciação, do que se fala e daquilo do que se fala. Este é assim um ponto divergente entre os dois linguistas a respeito do funcionamento da língua, pelo locutor, numa enunciação. Como citado anteriormente, Benveniste considera o locutor como ponto axial, central, de origem do processo de enunciação pela apropriação da língua. Já por outro lado, o linguista brasileiro busca tratar a enunciação de forma a não colocar o locutor como peça central deste mesmo processo de linguagem.

Porém, é necessário destacar aqui que Guimarães (2002) não extingue o sujeito ou o locutor ao determinar sua visão de enunciação. Ele simplesmente retira esta condição de centralidade e de origem do dizer e passa a tratar a enunciação pela teoria do acontecimento. Desta forma, Guimarães (Idem) nos apresenta não um sujeito empírico, como pessoa no mundo, mas sim, um sujeito que é tomado, determinado pela língua, e, ao ser tomado pela língua automaticamente se encontra afetado pelo simbólico, pela relação da língua com o real, com a história.

Em relação a Oswald Ducrot (1987), Guimarães se aproxima pelo fato de que para o linguista francês, o acontecimento é “o aparecimento histórico de um enunciado” (Ducrot 1987), ou seja, é o aparecimento próprio de um enunciado pelo funcionamento da língua por um locutor. Ao tratar deste acontecimento de linguagem, Ducrot (Idem) trata da ideia de polifonia inspirado pelas análises de Bahktin à poética de Dostoiévsk. Porém, necessário se faz aqui ressaltar que Ducrot (Idem), ao tomar o acontecimento como o “aparecimento histórico de um enunciado”, esta noção toma a enunciação como marcada pelo tempo.

Não é de nosso interesse aqui destacar as aproximações ou as diferenças entre Guimarães, Benveniste e Ducrot. Como explicitado, nosso objetivo nesta pesquisa é outro e, passamos por esta fase apenas para nos ajudar a entender a construção da teoria da enunciação de Guimarães (2002).

Quanto ao acontecimento, Eduardo Guimarães considera que:

[...] algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza essa diferença é que o acontecimento não é um fato no tempo. Ou seja, não é um fato novo enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes *no* tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. O acontecimento instala sua própria temporalidade: essa a sua diferença (Ibidem. p. 11-12).

Assim, Guimarães (2002), explica que o acontecimento é diferença por instalar sua própria temporalidade, o acontecimento temporaliza. Dessa forma, o acontecimento enunciativo não instala uma temporalidade organizada em um esquema de *passado – presente – futuro* tendo o presente como forma axial do tempo, como uma forma de *sucessividade* no tempo. Então, nos apresenta o autor; “O sujeito não é assim a origem do tempo da linguagem. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento” (Ibid, 2002. p. 12).

E o que vem a ser essa temporalidade? Esta temporalização que caracteriza o acontecimento como diferença em sua própria ordem? O autor apresenta esta temporalidade do enunciado diferente do que pensamos o tempo físico, crônico²⁸. Assim, Guimarães, a respeito da temporalidade, diz:

De um lado ela se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável. O acontecimento tem como seu um depois incontornável, e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro (Ibidem. 2002. p 12).

Esta futuridade que surge no acontecimento de linguagem é o que faz interpretar, o que faz significar e não significa esta latência de futuro um depois de um presente no tempo, significa o interpretável, o lugar dos sentidos. Quanto ao passado desta temporalidade instalada pelo acontecimento, temos que:

A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação (Idem. p 12).

Ou seja, não encontramos no memorável uma recordação pessoal de fatos ocorridos anteriormente no tempo físico. O memorável se caracteriza por ser produções enunciativas que se formularam na história de enunciação e que constituem os sentidos que significam o dizer. Ao instalar o presente, o acontecimento abre esta latência de futuro que é o espaço da interpretação e dos sentidos que se formam ao recortar um memorável,

²⁸ Ver Benveniste. Problemas De Linguística Geral II.

produções outras. E, como já dito, não é uma linha de sucessividade no tempo e sim uma atualização, o acontecimento é sempre uma nova atualização do dizer.

Importante também se faz tratar aqui o que Guimarães (2002) entende por Político e qual a importância deste conceito para os estudos da linguagem. Além disso, tomaremos o político como um dos lugares que nos ajudarão a entender melhor esta divisão e semantização do Oriente pelo Ocidente através do funcionamento da língua na e pela enunciação. Assim, Guimarães (2002) se coloca “[...] no domínio das posições materialistas [...]” e, considera “[...] o político como algo que é próprio da divisão que afeta materialmente a linguagem e, para o que me interessa aqui, o acontecimento da enunciação” (Idem. p. 15).

Ao se colocar no domínio das posições materialistas, na condição materialista da língua e da história, o linguista se inscreve em uma posição de relações sociais que fundamentam a política e o que caracteriza a divisão desigual do real. E assim, para Guimarães (2002) o político é:

[...] caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. Deste modo o político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento. Mais importante ainda para mim é que deste ponto de vista o político é incontornável porque o homem fala. O homem está sempre a assumir a palavra, por mais que esta lhe seja negada (Idem. P 16).

Ou seja, o homem ao falar, é tomado pela língua que funciona na e pela enunciação. No acontecimento enunciativo a política funciona, e, ao funcionar constitui a divisão desigual do real pela contradição gerada pela produção material do real. Esta divisão desigual do real está pautada na divisão desigual do social, divisão de instituições privadas e estatais, divisões geográficas e de poder. É aquele que pertence ou não ao direito de dizer o que se quer dizer.

No mais, o político pode ser também caracterizado por se tratar de um conflito do dizer. O político se constitui “[...] pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos” (Guimarães, 2002. P. 17). O político é assim, essa busca pela afirmação de pertencimento dos não incluídos, é além da divisão, a re-divisão do real. Ainda nos afirma Guimarães (2002) que “O acontecimento de linguagem por se dar nos espaços de enunciação é um acontecimento político” (Idem. P. 17). Portanto, podemos assim dizer

que o político é uma contradição instalada pela normatividade de instituições sociais, o político é uma questão de alteridade.

Ao tratar de algumas considerações da teoria proposta por Guimarães em seu livro “Semântica do Acontecimento” (2002), passemos agora às análises dos enunciados tratados nos recortes selecionados para esta pesquisa e como se dá o funcionamento e a operação da teoria da qual nos valeremos.

CAPITULO IV

A GUERRA AO/CONTRA O TERROR E A SIGNIFICAÇÃO DO ORIENTE NOS DIZERES DO OCIDENTE

Passemos agora às análises dos recortes selecionados onde funciona a expressão **guerra ao/contra o terror**. Em um primeiro momento observaremos como se dá a configuração da cena enunciativa e as divisões durante o agenciamento enunciativo, Locutor (L), locutor-x (l-x) e, Enunciador (E).

O recorte **R1** foi retirado do jornal Folha de São Paulo do dia 21 de setembro do ano de 2001, ou seja, 10 dias após o acontecimento dos atentados ocorridos na cidade de Nova Iorque. As sequências enunciativas, **R1 (a)** e **R1 (b)** foram recortadas do Caderno Especial Guerra na América, lugar constituído no interior do jornal, e apresenta os dizeres do presidente estadunidense à época, George Bush sobre a **guerra contra o terror**.

R1

- Folha de São Paulo – 21 de Setembro de 2001. Caderno Especial – Guerra na América.

R1 (a)

“Nossa **guerra contra o terror** começa com a Al Qaeda, mas não é lá que ela termina. Ela não vai acabar até que cada grupo terrorista de alcance global tenha sido encontrado, parado e derrotado”.

R1 (b)

“Essa **guerra** não vai ser como a guerra contra o Iraque há uma década atrás, com sua decisiva libertação de território e rápida conclusão”.

O fragmento que compõe **R1** encontra-se em um Caderno Especial do jornal Folha de São Paulo nomeado de “Guerra na América”, criado para a cobertura dos acontecimentos pós 11 de setembro de 2001.

Tomemos então o que se compreende por cena enunciativa. De acordo com Guimarães (2002), “Uma *cena enunciativa* se caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (Idem, p. 23). Ou seja, a cena enunciativa é uma configuração, especificação (Idem), do espaço de enunciação, caracterizado por regras específicas de “[...] distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento” (Guimarães, 2002).

Desta forma, tomaremos o jornal Folha de São Paulo como um espaço configurado pelo agenciamento enunciativo, aquele que acessa a palavra de forma específica e, as relações entre as figuras da enunciação. Os modos específicos de acesso à palavra (Idem), caracterizam-se por aquele que toma a palavra ao enunciar, enquanto que as figuras da enunciação “[...] correspondem às representações dos sujeitos falantes no dizer” (Oliveira, 2014, p. 43).

Estas representações dos “sujeitos falantes no dizer” são divididas em Locutor, ou apenas L (maiúsculo); locutor-x, ou l-x; e lugares de dizer, enunciador ou E. De acordo com Guimarães (2002), “L é então o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer” (Idem, p. 23). Ou seja, neste caso, o Locutor fala predicado por um lugar social que, segundo Guimarães (Idem) é onde: “[...] o locutor (com minúscula) sempre vem predicado por um lugar social que a variável x representa (presidente, governador, etc.)” (Idem, p. 24).

Ainda neste mesmo recorte, a configuração da Cena Enunciativa caracteriza-se por existir ali um locutor-empresa “*significado no acontecimento de cada texto*” (Guimarães, 2010), no caso, os recortes selecionados para análise. Ou seja, no agenciamento específico do enunciado do jornal Folha de São Paulo, o locutor-empresa está significado “[...] como o lugar social de sujeito que tipificou os espaços do jornal e assim constituiu modos de enunciação futuros” (Idem, p. 104). No nosso caso, que optamos pelo jornal Folha de São Paulo, temos em **R1** a enunciação retirada do espaço do jornal tipificado por “Guerra na América”.

Esta configuração do espaço do jornal Folha de São Paulo caracterizada por uma coluna que trata especificamente de questões pós ataque ao WTC nos Estados Unidos apresenta cenas enunciativas que são caracterizadas por um agenciamento específico.

O modo do agenciamento enunciativo configurado no espaço do jornal, é o modo do *Discurso Relatado* (Guimarães, 2010), típico dos discursos jornalísticos, direto ou indireto. Sobre o discurso relatado Guimarães (2010) diz que:

[...] o locutor-jornal que opera sobre a própria autoria do *Eu* relatado que faz um deslize que o representa diretamente pela forma do nome, como forma de significar a responsabilidade particular pelas ‘opiniões emitidas’ (Idem, p. 108).

Assim, temos nesta cena enunciativa um discurso do ex-presidente norte-americano no Congresso estadunidense relatado pela figura de um locutor-jornalista que funciona da forma “EU DIGO que o presidente disse” (Guimarães, 2010, p. 107). Ou seja, neste caso, o correspondente da Folha de São Paulo em Washington se apresenta enquanto origem daquilo que se fala, Locutor (L) (Guimarães, 2002), predicado por um lugar social, locutor-x (l-x), locutor-jornalista que relata o discurso do locutor-presidente dos Estados Unidos de forma indireta. Portanto, Bush *diz* nos dizeres do locutor-jornalista.

Enquanto figura enunciativa, Enunciador (E), que se caracteriza como aquele que enuncia enquanto fora da história (Guimarães, 2002), o locutor-jornalista se apresenta como enunciador-individual, aquele que associa um dizer a um indivíduo (Oliveira, 2014).

Da mesma forma, temos ainda um locutor-presidente dos Estados Unidos, do qual os dizeres são relatados por este locutor-jornalista. O locutor-presidente dos EUA aparece, portanto, como a origem daquilo que se diz, enquanto Locutor. Porém, este, (L), é autorizado a dizer predicado por um lugar social, (l-x), constituído como locutor-presidente dos Estados Unidos. Sendo assim, a figura enunciativa que marca o lugar de dizer (E), caracteriza-se por ser um enunciador-universal, aquele que produz efeito de verdade universal (Oliveira, Idem).

Temos, assim, que na configuração da cena enunciativa em **R1**, os dizeres do locutor-presidente passam a funcionar no espaço do jornal Folha de São Paulo pelos dizeres do locutor-jornalista que diz aquilo que o locutor-presidente dos Estados Unidos disse. Ou seja, existe o locutor-presidente dos EUA, predicado pelo lugar social que ocupa, locutor-presidente dos EUA e que enuncia enquanto constituído por um lugar de dizer, enunciador-universal e que fala na fala de um locutor-jornalista que enuncia enquanto um enunciador-individual.

No entanto, para que os dizeres do locutor-presidente dos Estados Unidos funcionem no espaço do jornal Folha de São Paulo constituído no espaço de enunciação do português brasileiro, o discurso do ex-presidente funciona pelo processo de reescrituração por tradução (Karim, 2015).

A reescrituração, como o próprio nome indica poderia ser definida como um processo de reescrever algo, de repetir algo que já foi dito. Porém, esta não é uma funcionalidade linguística tão simples de se descrever. A reescrituração é um processo pelo qual realmente reescrevemos algo que já foi dito de maneira igual ou diferente podendo alterar assim os sentidos de uma palavra ou de uma expressão. Segundo Guimarães (2002), a reescrituração é um procedimento pelo qual “[...] a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito” (Guimarães, 2002: 28). Desta forma o autor continua:

A reescrituração é uma operação que significa, na temporalidade do acontecimento, o seu presente. A reescrituração é a pontuação constante de uma duração temporal daquilo que ocorre. E ao reescrever, ao fazer interpretar algo como diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. E o que ele atribui? Aquilo que a própria reescrituração recorta como passado, como memorável (Guimarães, 2002: 28).

Podemos encontrar várias formas de funcionamento do procedimento de reescrituração em um texto, e, uma delas é a reescrituração por tradução que se dá entre os espaços de enunciação. Ou seja, para que os dizeres do locutor-presidente dos Estados Unidos funcionem no espaço de enunciação do português brasileiro, pela língua portuguesa do Brasil, estes dizeres foram traduzidos da língua inglesa para a língua portuguesa caracterizando assim, o processo de reescrituração de um dizer por tradução. A reescrituração é um procedimento que funciona no acontecimento enunciativo e tem uma especificidade em relação ao próprio enunciado ou texto. Desta forma, Guimarães (2007), diz que:

O processo de reescrituração liga pontos de um texto com outros do mesmo texto, e mesmo pontos de um texto com pontos de outro texto [...] Este processo, ao se dar, produz sentido na medida em que ao retomar alguma expressão faz que ela signifique de outro modo. E o modo pelo qual o sentido se produz por estes procedimentos são variados (Idem. p. 87).

Ou seja, neste caso há uma operação de reescrituração que funciona pelo processo de tradução de um discurso proferido por um locutor-presidente dos Estados Unidos tomado e constituído pelo espaço de enunciação do inglês americano, uma *figura*

constituída pelo espaço de enunciação (Guimarães 2002), da língua inglesa dos Estados Unidos.

Portanto, o que encontramos é uma relação entre espaços de enunciação, do inglês americano com o português do Brasil. Seguindo o princípio da teoria da reescrituração que é o processo de redizer aquilo que foi dito de outra maneira, a tradução de um texto, de um enunciado, de uma língua (inglesa) para outra (portuguesa do Brasil) é uma forma de redizer o que já foi dito.

Se pensarmos na língua inglesa (inglês americano), em relação a áreas como comércio, ciência e política internacional, na distribuição das línguas e na configuração de um espaço de enunciação global, identificar-se-á, esta língua em conflito e disputa com as demais línguas, e, também, marca certa “*superioridade*” hegemônica da política estadunidense. De acordo com Guimarães (2002):

O acontecimento de linguagem por se dar nos espaços de enunciação é um acontecimento político. Ou seja, a constituição da temporalidade do acontecimento se faz pelo funcionamento da língua enquanto numa relação com línguas e falantes regulada por uma deontologia global do dizer em uma certa língua (Idem, p. 17-18).

Ou seja, os acontecimentos enunciativos que funcionam nos recortes que compõem o *corpus* deste texto, configuram acontecimentos de linguagem de falantes *constituídos* pelo espaço de enunciação de língua inglesa (dos EUA e Inglaterra), e, funcionam e configuram-se em um espaço de enunciação global compreendido por uma disputa incessante entre línguas e falantes (Guimarães, Idem), e regulado por uma *deontologia global* que regula “quem fala” e “para quem se fala”.

Algo importante que devemos ressaltar aqui é que neste espaço de conflito de línguas, o espaço de enunciação global, as enunciações acontecem por falantes de língua inglesa. Porém, as expressões que funcionam nestes acontecimentos enunciativos, serão aqui analisados em textos da mídia brasileira, ou seja, tomaremos as expressões funcionando no espaço do português do Brasil. Serão então, expressões que funcionarão em textos e acontecimentos enunciativos no espaço de enunciação do português brasileiro, ditas (escritas), por falantes do português do Brasil e para *interlocutores*²⁹ constituídos e tomados pelo espaço de enunciação do português do Brasil.

²⁹ Existe aqui a importância de se caracterizar a questão do interlocutor, pois, trabalharemos neste trabalho com acontecimentos enunciativos que funcionam pela mídia brasileira que fala e diz para interlocutores (espectadores, leitores) do Brasil.

Além da reescrituração por tradução, que traz um acontecimento enunciativo que se dá no espaço de enunciação do inglês dos EUA que passa a funcionar e a significar no espaço de enunciação do português do Brasil, podemos observar o funcionamento do processo de reescrituração por anáfora, ou seja, ao dizer “Nossa **guerra contra o terror** começa com a Al Qaeda, mas não é lá que ela termina. Ela não vai acabar até que cada grupo terrorista de alcance global tenha sido encontrado, parado e derrotado”, percebe-se que **guerra contra o terror** é retomada anaforicamente pelo pronome “Ela” na sequência do texto. Dizer que “Ela não vai acabar...” o pronome Ela faz referência interna à expressão **guerra contra o terror** e a significa por outra forma linguística.

Em **R1 (b)**, sequência enunciativa de **R1**, é retomada pelo processo de reescrituração por condensação, ou seja, ao dizer “Essa **guerra** não vai ser...” o pronome “Essa” opera indicando que essa **guerra** atual, a **guerra contra o terror**, não será igual àquela guerra travada contra o Iraque há uma década atrás. Assim, **guerra** em “Essa **guerra**...” retoma **guerra contra o terror** por condensação ao mesmo tempo em que se compara com a guerra no Iraque na década de 1990.

No acontecimento enunciativo em **R1 (a)**, a expressão **guerra contra o terror** funciona em um primeiro momento referindo-se ao grupo Al Qaeda. Neste sentido, temos que esta **guerra** se fará primeiro contra esta suposta facção terrorista, acusada de ter arquitetado e realizado os atentados de 11 de setembro. Desta forma, a preposição **contra** funciona na expressão operando com o sentido de oposição, oposição às ações e pretensões de Osama Bin Laden e a Al Qaeda.

Adiante, o locutor-presidente dos Estados Unidos enuncia, “mas não é lá que ela termina”. A preposição “mas” neste caso não funciona como uma preposição adversativa e sim, como um operador argumentativo que opera no sentido de continuidade desta **guerra**. Ou seja, opera no sentido de continuidade quando o advérbio de lugar “lá” reescreve a Al Qaeda e o pronome “ela” reescreve **guerra contra o terror**.

Ainda neste acontecimento enunciativo, o locutor-presidente dos Estados Unidos diz na fala do locutor-jornalista “Nossa **guerra contra o terror**...” sugerindo, com o funcionamento do pronome possessivo “Nossa”, que esta **guerra contra o terror** é uma guerra do povo americano e dos aliados ocidentais dos Estados Unidos.

Em **R1 (b)**, o locutor-presidente dos Estados Unidos diz que “Essa **guerra** não vai ser como a guerra contra o Iraque há uma década atrás, com sua decisiva libertação de

território e rápida conclusão”. Como já dissemos acima, nesta sequência, **guerra** reescritura **guerra contra o terror** por condensação. Porém, ao se comparar por oposição à guerra contra o Iraque predicada por “rápida conclusão”, constitui sentidos que, primeiro, apontam que esta guerra não será como as convencionais já travadas na história do país; e, em segundo, que esta **guerra contra o terror** não será rápida, será extensa e contínua até que cada grupo terrorista de “alcance global”, como dito em **R1 (a)**, seja encontrado, parado e derrotado.

Ou seja, a **guerra contra o terror** não se limita a encontrar, parar e derrotar uma facção ou um grupo terrorista, e sim, todos e quaisquer grupos terroristas que tenha alcance global a começar pela Al Qaeda. Ainda, esta **guerra** não será travada de forma convencional entre dois Estados soberanos e não será de rápida conclusão. Será contra um inimigo “invisível nos mapas” e extensa, exigindo cada vez mais do governo e do exército americano e de aliados.

Em **R2**, encontramos um discurso feito pelo ex-presidente George W. Bush aos cadetes da academia militar de West Point, tradicional academia de militares daquele país e é um recorte composto por apenas uma sequência enunciativa, **R2 (a)**, e foi retirado do jornal Folha de São Paulo do dia 29 de outubro do ano de 2002 do Caderno Verbete que tem a matéria intitulada como A Nova Doutrina Americana, matéria realizada pelo correspondente da Folha em Washington Márcio Aith.

R2

- Folha de São Paulo – 29 de Outubro de 2002. Caderno Verbete: A nova Doutrina Americana. Marcio Aith – Washington.

R2 (a).

“2 – ‘A **guerra contra o terror** não será ganha na defensiva. Dissuasão —a promessa de retaliação maciça contra nações— nada significa contra esquivas redes terroristas sem nações ou cidadãos para defender. A contenção é impossível quando ditadores desequilibrados, com armas de destruição em massa, podem enviá-las por mísseis ou transferi-las secretamente para aliados

terroristas’ (discurso de Bush a cadetes da academia militar de West Point em 2 de junho passado). Esse discurso introduziu a opção de ataques militares preventivos como figura central de uma nova ordem mundial. Segundo o presidente, é necessário ‘levar a **batalha** ao inimigo e confrontar as piores ameaças antes que venham à tona’. Em suma: durante a Guerra Fria, os EUA continham seus inimigos com ameaças. Agora, passarão a destruí-los antes que eles ataquem [...]”.

Assim como em **R1 (a)** e **R1 (b)**, a cena enunciativa em **R2 (a)** caracteriza-se por ter um locutor-jornalista “[...] que enuncia do interior de um lugar constituído pelo locutor-empresa” (Guimarães, 2010, p. 104). O locutor-jornalista, por sua vez, é aquele que predica o lugar de Locutor (com maiúscula), que se apresenta como a origem daquilo que se diz no espaço do jornal. Este lugar constituído pelo locutor-empresa é o “Caderno Verbetes”

Temos, então, na configuração deste agenciamento enunciativo o Locutor (L) que representa a origem daquilo que se diz, predicado e autorizado a dizer pelo lugar social que ocupa, locutor-x, (l-x), locutor-jornalista e que diz aquilo que o locutor-presidente dos Estados Unidos disse. Assim, a forma do discurso é a do discurso relatado direto, o locutor-jornalista diz as palavras ditas pelo locutor-presidente em seu discurso.

Por outro lado, o locutor-presidente é aquele que predica o Locutor (L) enquanto constituído como origem do dizer. Ou seja, L é predicado e autorizado a dizer enquanto locutor-presidente dos Estado Unidos. E, ao dizer deste lugar social que ocupa, locutor-presidente dos EUA, é constituído pela figura enunciativa (E) enunciador-universal, aquele que em seus dizeres, “produz o efeito de verdade universal” (Oliveira, 2014, p. 43), para o Ocidente.

Porém, para que o locutor-jornalista possa dizer o que o presidente disse, este acontecimento enunciativo passa a funcionar no espaço do jornal Folha de São Paulo a partir do processo de reescrituração por tradução, assim como em **R1**. As formas de acesso à palavra que constituem a enunciação do locutor-presidente dos Estados Unidos em West Point, se dão no espaço de enunciação da língua inglesa americana e tem seu funcionamento no espaço de enunciação do português do Brasil pelo processo de tradução, assim como o funcionamento da expressão **guerra contra o terror**,

significando, com isso, que “Estamos diante de uma divisão tal que o espaço de enunciação do Português do Brasil inclui uma relação com o Inglês” (Guimarães, 2002).

Ainda quanto ao processo de reescrituração, observa-se as marcas do redizer incessante no acontecimento. Desta forma, a reescrituração se dá por uma forma de redizer aquilo que já foi dito, ligando pontos diferentes de um mesmo texto ou de textos diferentes fazendo com que expressões, palavras ou nomes signifiquem de outra maneira (Guimarães, 2007). Podemos observar então, que a expressão **guerra contra o terror** é retomada, reescriturada por substituição, por **batalha** significando confronto, luta contra os inimigos dos EUA, do Ocidente. Ou seja, esta **guerra, batalha**, será contra o **terror** que aparece reescriturado por inimigo no texto, o que significa que o **terror** não é algo que apenas *está* como algo nocivo, uma *doença*, mas sim, como um inimigo dos Estados Unidos e seus aliados ocidentais.

E, como o processo de reescrituração liga pontos de um texto a pontos de outro texto (Guimarães, 2007), o elemento lexical inimigos que retoma **terror, terroristas**, em **R2 (a)**, rediz, também, Al Qaeda e todo ou qualquer grupo terrorista de alcance global que encontram-se funcionando no acontecimento enunciativo em **R1 (a)**. Assim, tanto a Al Qaeda quanto qualquer outro grupo terrorista que possa atentar contra os EUA e seus aliados, assim como, da forma que veremos adiante, ditadores desequilibrados, constituem uma ameaça e são significados como inimigos do Ocidente, nos acontecimentos enunciativos que partem do próprio Ocidente.

Ainda, podemos observar que, o locutor-presidente dos Estados Unidos ao enunciar que *A guerra contra o terror não será ganha na defensiva*, a medida, e neste ponto talvez a única, a ser aplicada nesta **guerra** será o ataque a alvos terroristas. Adiante no mesmo texto, é dito que a *dissuasão ou promessa de retaliação maciça contra nações* não será capaz de causar efeito algum contra *redes terroristas*, predicadas no texto de *esquivas*. Temos, pois, como sentidos constituídos aí, que grupos, ou *redes terroristas* não formam nações, Estados soberanos ou um povo específico de uma localização global específica para defender. Desta forma, os acontecimentos enunciativos que compõem os dizeres do locutor-presidente instalam uma futuridade que significa que fronteiras ou vidas humanas não têm valor para *redes terroristas* como têm para os EUA.

Continuando no mesmo texto, o locutor-presidente dos Estados Unidos afirma em seus dizeres que a *contenção*, ou seja, a **guerra contra o terror**, na tentativa de coibir

novos atentados terroristas, se torna algo impossível de se fazer quando *ditadores desequilibrados* (expressão que também funciona na enunciação do locutor-presidente), *com armas de destruição em massa, podem enviá-las por mísseis ou transferi-las secretamente para aliados terroristas*. Em um primeiro momento constitui-se o sentido de que não apenas grupos ou *redes terroristas* constituem um risco aos Estados Unidos e ao Ocidente, pois, *ditadores desequilibrados* que detenham armas de destruição em massa podem envia-las por mísseis de longa distância contra os EUA ou qualquer um de seus aliados ocidentais.

Em um segundo momento, do mesmo texto, as enunciações passam a formar sentidos que levam a argumentar que somente *ditadores desequilibrados* são capazes de formar *aliança* com *redes terroristas* ao ponto de transferir armas de destruição em massa para estas *redes* com a intenção de realizar atentados contra os EUA e seus aliados ocidentais.

No terceiro e último momento, ao funcionar a expressão *ditadores desequilibrados* na enunciação do locutor-presidente dos Estados Unidos, faz funcionar um *não-dito* (Ducrot 1987), que significa, neste acontecimento enunciativo, e, particulariza nesta enunciação, ditadores e estadistas considerados pelos EUA como inimigos dos Estados Unidos e do Ocidente. Líderes de países orientais como Iraque, Irã e Coréia do Norte, que serão designados pelo processo de nomeação por **eixo do mal**. Assim, mais tarde, estes países, são considerados pelo locutor-presidente como Estados liderados por *ditadores*, que irão formar o *perigo* real, ao lado de terroristas, para o Ocidente e os americanos.

Ao mesmo tempo, ao funcionar a expressão *ditadores desequilibrados* nesta temporalização, *ditadores* aparece aí determinado e predicado por *desequilibrados*. Em primeiro lugar, *ditadores* funciona no sentido de oposição aos “governos ocidentais livres, democráticos”, tendo a liberdade um valor pétreo para o governo estadunidense e para o povo norte-americano. Já, o predicativo determinante de *ditadores*, *desequilibrados* funciona no sentido de que para governos e governantes que são *ditadores*, liberdade, a vida, a igualdade etc., não constituem valores centrais pelo fato de existir a possibilidade de utilização ou transferência de armas de destruição em massa para terroristas. Desta forma, *desequilibrados* não significa apenas uma determinação a *ditadores*, mas, também, é um modo de significação do Ocidente em relação a governos do Oriente.

Os acontecimentos que temporalizam os recortes em **R2 (a)** recortam um memorável que significa o presente e possibilita novos acontecimentos enunciativos em uma latência de futuro que se abre ao enunciar. Um ponto que devemos ainda considerar aqui é a caracterização deste memorável em relação à palavra *doutrina*, que aparece no título da matéria, predicada pelo sobrenome do presidente que aparece no título do caderno do qual foi retirado este recorte. Na história recente dos Estados Unidos já foram apresentadas *doutrinas* como a *Doutrina Monroe*, *Doutrina Truman*, *Doutrina Eisenhower* e mais recentemente a *Doutrina Bush*.

E, o que estas *Doutrinas* têm em comum? Tirando a *Doutrina Monroe* que se caracteriza por ser um plano de medidas de Estado dos americanos para combater a política de colonialismo europeu no século XIX, todas as outras são determinadas por políticas internacionais de combate ao socialismo soviético e ao terrorismo. Ou seja, as três últimas *Doutrinas* citadas no parágrafo anterior fazem referência à ordem no sistema internacional de Estados soberanos.

Um segundo ponto a ser considerado que significa os acontecimentos enunciativos que compõem **R2 (a)** é determinado pela “eterna” luta dos Estados Unidos contra ditadores e, a produção e a proliferação de armas de destruição em massa, essa enunciação recorta como memorável os dizeres que enunciam a relação conflituosa entre Ocidente e Oriente. Um dos maiores medos dos EUA é ter seu território atacado por armas que causem grandes destruições, e, também, que estas armas caiam nas mãos de organizações terroristas. Desde a assinatura da TNP – Tratado de não Proliferação – o país norteamericano tem lutado para conter a produção de tais armas. Tanto que este foi um dos supostos motivos pelos quais George Bush invadiu o Iraque no ano de 2003.

Passemos agora às análises enunciativas em **R3**. O texto que compõe este recorte está dividido em duas sequências enunciativas, **R3 (a)** e **R3 (b)**, e está na seção da Folha de São Paulo designada como “OPINIÃO”, e no espaço determinado pelo locutor-empresa como “Debates e Tendências”.

R3

- Folha de São Paulo; Primeiro Caderno, página 3
- 10 de outubro de 2001.

R3 (a)**“A guerra contra o terror”**

“Os Estados Unidos não escolheram a **guerra** no domingo à tarde. Os terroristas fizeram essa escolha no dia 11 de setembro, quando atacaram os valores da civilização e roubaram as vidas de mais de 6.000 homens, mulheres, crianças e inocentes.

A **guerra** tornou-se necessária porque os responsáveis pelos acontecimentos de 11 de setembro – Osama Bin Laden, a Al Qaeda e o repressivo regime Taleban, que lhes dá guarida – não respondem à linguagem da diplomacia e da justiça. As repetidas e pacientes exigências do presidente Bush para que os terroristas fossem entregues foram ignoradas. Sendo assim, o mundo civilizado não teve escolha, a não ser **atacar** o cerne do problema.

Devemos deixar claro uma coisa: esta **guerra** não é contra o Afeganistão e não é contra o povo afegão. Muito pelo contrário. Os americanos tem sido os principais doadores de suprimentos para os 2,5 milhões de refugiados afegãos na fronteira com o Paquistão. Além disso, aviões americanos despejaram comida para a população faminta do Afeganistão no mesmo momento em que as forças armadas atingiam aqueles que trouxeram tamanha devastação para seu próprio país.

Esta **guerra não é contra o islã**. Aqueles que acham que os Estados Unidos estão atacando o islã devem ter memória fraca. Eles se esquecem de que uma outra coalizão, liderada pelos Estados Unidos, defendeu a nação islâmica do Kuwait uma década atrás. E eles ignoram a liderança dos Estados Unidos na defesa das minorias islâmicas em Kosovo e na Macedônia.

Esta não é uma **guerra santa**. É uma **guerra contra o terror** e tem por objetivo devolver a paz ao mundo – uma paz que nos foi tirada quatro semanas atrás. E o mundo não viverá em paz até que consigamos os terroristas e aqueles que os protegem”.

R3 (b).

“Os Estados Unidos, em aliança com as nações de todos os cantos do globo, estão enfrentando a ameaça que **eles** representam. Tentar culpar os Estados Unidos é tentar culpar a vítima.

Nós não escolhemos a **guerra**; os ataques à Al Qaeda, liderados pelos Estados Unidos, são justificados. As provas são muito contundentes, mais ainda depois que Osama Bin Laden divulgou o videotape de sua mensagem, no domingo à noite, ameaçando prosseguir com sua campanha de **terror**.

Nossos líderes militares estão empenhados em atingir alvos bem específicos, mas a **guerra** não é limpa nem cirúrgica. Lamentamos que pessoas inocentes tenham morrido no Afeganistão, mas elas não foram atingidas deliberadamente, como aquelas que morreram no 11 de setembro último.

A **guerra contra o terrorismo** vai demandar mísseis e diplomacia, cooperação policial e coordenação financeira. Ela não vai ser fácil nem rápida. Mas este é um tempo que requer paciência e determinação.

Devemos nossa dedicação àqueles que morreram pelas mãos dos **terroristas**. E devemos isso aos nossos filhos, para que eles possam conhecer um mundo sem **o terror** que obscureceu os céus de Manhattan no mês passado”. (Grifo nosso).

Nesta cena enunciativa e todas as sequências enunciativas deste último recorte, **R3 (a)** e **R3 (b)**, o Locutor é predicado pelo lugar social que ocupa, diplomata e embaixador interino dos EUA no Brasil à época da publicação deste texto no jornal.

Pelo fato de o Locutor (L) falar do lugar social de embaixador interino dos Estados Unidos no Brasil, representante da política externa americana em território brasileiro, L neste texto aparece predicado pelo lugar social (l-x), locutor-embaixador. Porém, mesmo dizendo o que diz do lugar de locutor-embaixador e mesmo autorizado a dizer o que diz como representante interino da política externa estadunidense, algumas marcas linguísticas que funcionam no texto como, “Devemos”; os pronomes “Nós” e “Nossos”, determinam este locutor-embaixador no lugar de enunciador-coletivo, aquele que fala pelos americanos, aquele que associa o dizer (Oliveira, Idem), a um povo específico.

A forma que caracteriza este acontecimento enunciativo no interior do jornal é o discurso relatado direto, ou seja, são as palavras do locutor-embaixador que funcionam neste acontecimento e que assimila o lugar de dizer do enunciador-coletivo.

A configuração do espaço de enunciação deste recorte se dá no espaço do jornal Folha de São Paulo constituído e instituído pelo espaço de enunciação do português do Brasil. Neste caso, de **R3 (a)** e **R3 (b)**, temos um Locutor (L), tomado pelo lugar social do dizer, locutor-embaixador, e, por se tratar de um embaixador dos EUA que representa os interesses de seu país no Brasil, este é tomado e determinado pelo espaço de enunciação do português brasileiro. Ou seja, não há, neste caso, reescrituração por tradução dos dizeres do locutor-embaixador e sim, um texto enunciado no espaço de funcionamento do português do Brasil. Assim, a relação se dá entre um falante de língua inglesa, determinado, por sua função (embaixador), pela língua oficial do Estado onde este reside e trabalha.

Quanto ao processo de reescrituração referente à expressão **guerra contra o terror** em **R3 (a)** e **R3 (b)**, podemos observar que **guerra contra o terror** aparece funcionando no título do texto. A partir do acontecimento no título, esta expressão é apresentada por formas diferentes ao longo do texto e, às vezes, por repetição, e pelo funcionamento de pronomes, como veremos.

Em um primeiro momento em **R3 (a)**, a expressão **guerra contra o terror** que funciona no título do texto, aparece reescriturada por condensação, pela palavra **guerra**, quando se diz, “Os Estados Unidos não escolheram a **guerra** no domingo à tarde”. Ou seja, o que antes era uma expressão composta por quatro palavras, é agora significada por apenas uma, **guerra**. Novamente, no segundo parágrafo, **guerra** que significa no texto a expressão **guerra contra o terror** é retomada pelo processo de reescrituração por repetição em: “Nós não escolhemos a **guerra**...”.

Depois em “Devemos deixar claro uma coisa: esta **guerra** não é contra o Afeganistão e não é contra o povo afegão” a expressão **guerra contra o terror** é novamente reescriturada por condensação no interior do texto. Adiante, ocorre novamente a reescrituração por condensação em “Esta **guerra** não é contra o islã”. No final da sequência **R3 (a)**, a expressão é reescriturada mais duas vezes, a primeira por condensação por **guerra** e a segunda, por repetição pelo funcionamento mesmo da

expressão: “Esta não é uma **guerra** santa. É uma **guerra contra o terror**”, instalando, assim, uma relação antonímica.

Em **R3**, podemos observar a ligação entre pontos do referido texto com pontos, formas, que funcionam em **R2**. Quando se diz em **R3 (a)** que esta **guerra** não é contra o Afeganistão e nem contra o povo afegão, se apresenta novamente como um não-dito (Ducrot, Idem), o fato de grupos terroristas não terem nem uma nação, um povo ou um território para defender ou lutar, por serem estas, redes ou grupos terroristas de características *esquivas*, como predicadas em **R2 (a)**. Desta forma, o *inimigo* instituído pelas enunciações ocidentais é um inimigo de característica “*invisível*” em um campo de batalha não fixado ou previamente conhecido.

Em **R3 (b)** a expressão torna a ser reescriturada por condensação mais duas vezes e, adiante em “A **guerra contra o terrorismo** vai demandar mísseis e diplomacia...”, a expressão é reescriturada por substituição por outra expressão. E adiante, no mesmo parágrafo, o processo é o de reescrituração por anáfora em “Ela não vai ser fácil nem rápida”, com o pronome “Ela” retomando a expressão no início da frase.

Podemos observar a operação por reescrituração de uma palavra ou expressão por outra e, ao fazer isso, ao retomar uma palavra, ou expressão, por outra, faz com que estas *signifiquem de outro modo* (Guimarães, 2002). Há também nesta operação, ou como dissemos aqui, processo, o que Orlandi (1999), chama de *tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos* (Orlandi, Idem).

De acordo com Orlandi (1999), todo discurso, todo funcionamento de linguagem, se dá pela *tensão entre o mesmo e o diferente* (Idem), o que neste caso significa dizer que esta tensão se dá entre *processos parafrásticos e processos polissêmicos* (Idem). Assim, ao buscarmos observar o funcionamento da expressão **guerra ao/contra o terror**, em relação às palavras que a retomam no interior do texto, nos colocaremos frente a uma relação de tensão que se dá entre re-dizer o já dito (paráfrase), e o deslocamento de processos de significação (polissemia) (Orlandi, Idem), pela relação que tem língua/linguagem com a história.

De acordo com Guimarães (2006), a polissemia pode ser definida como uma multiplicidade de sentidos de uma mesma frase, ou de uma mesma forma, palavra. E, esta multiplicidade de sentidos tem relação direta com a história de sentidos desta forma, sentidos construídos pelas produções de enunciados na história. Ao tratar da polissemia,

Guimarães (2006) diz sobre a frase e não sobre uma palavra, uma forma. E assim, o autor diz que:

Este aspecto nos mostra que o sentido de uma frase não tem a ver só com sua estrutura, tem a ver com a história dos sentidos da própria frase, com outros sentidos de outras frases, com a relação das frases com as coisas sobre as quais ela fala etc. (Idem. P. 120).

Ou seja, nesta direção não podemos entender os sentidos constituídos no texto da expressão **guerra contra o terror** apenas como um fato estrutural da palavra ou do próprio enunciado. Os sentidos constituídos pelo funcionamento desta expressão nos enunciados analisados se dão na relação que este enunciado tem com a história e também, com o acontecimento que temporaliza no momento da produção de tal enunciado.

Em **R3 (a)**, quando a expressão **guerra contra o terror** é reescriturada por condensação e retomada pela palavra **guerra** em “Os Estados Unidos não escolheram a **guerra** no domingo à tarde. Os terroristas fizeram essa escolha no dia 11 de setembro, quando atacaram os valores da civilização e roubaram as vidas de mais de 6.000 homens, mulheres, crianças e inocentes”, retoma os sentidos de uma **guerra** em oposição à ação de terroristas e em defesa dos valores ocidentais de civilização e liberdade. Este acontecimento recorta o memorável dos acontecimentos que significaram o 11 de setembro de 2001.

Porém, não apenas os acontecimentos do 11 de setembro marcam nesta cena os significados e os sentidos. Ao se dizer que “terroristas atacaram os valores da *civilização...*”, a divisão instalada pelo funcionamento do político na e pela enunciação ainda não se apresenta clara por nomes que designam pontos geográficos, religiosos e culturais por exemplo, mas, já indica a marcação dos EUA como o lugar dos valores e dos *civilizados*. Ou seja, há neste acontecimento a indicação de um Ocidente como lugar da civilização.

Da mesma forma como em **R2 (a)**, onde pudemos observar sentidos construídos na direção de que no Ocidente não existem *ditadores* e nem *governantes desequilibrados*, sendo esta uma característica do *outro* (Orlandi, 2008), percebemos isso em **R3 (a)**. Desta forma, em um primeiro momento, as divisões que operam nos sentidos dos acontecimentos político-enunciativo tanto em **R2 (a)** quanto em **R3 (a)** são divisões que instituem sentidos que colocam o Ocidente como o lugar dos *valores da civilização*, o lugar do *bem* e de governos livres.

Por outro lado, o *outro* (Idem), é colocado por sentidos constituídos nas enunciações ocidentais, como o lugar do mal, do terror, de ditadores que apoiam grupos e redes terroristas e privam seu povo dos *valores* da civilização ocidental.

Adiante, em **R3 (a)**, os dizeres do locutor-embaixador dos EUA no Brasil, relatado pelo locutor-jornalista da Folha de São Paulo, apontam para o sentido de que esta **guerra contra o terror**, retomada no texto pela palavra **guerra**, se faz necessária pelo fato de os *responsáveis* pelo 11 de setembro não responderem à *linguagem diplomática*. Assim, tanto Osama Bin Laden quanto a Al Qaeda e o regime Taleban são significados como os responsáveis pelos atentados que marcaram o acontecimento do 11 de setembro de 2001, e como aqueles que não agem por diplomacia, mas apenas pela violência.

Desta forma, os sentidos operam em **R3 (a)** no ponto em que nomes árabes que designam Osama Bin Laden, e uma organização, Al Qaeda, passam a funcionar nos acontecimentos enunciativos ocidentais fazendo referência ao terror, ao mal. Ou seja, ao acusar Osama Bin Laden e a Al Qaeda como responsáveis pelos atentados que tiraram mais de 6.000 vidas, passa a se constituir sentidos que ligam o árabe, representado pelo funcionamento dos nomes árabes no acontecimento, ao terror. Há desta forma um Ocidente, o lugar da civilização e da diplomacia em uma relação de embate com um sujeito e uma organização árabes, lugar do terror.

Depois, ao dizer que esta **guerra** não é contra o Afeganistão, contra o povo afegão e nem contra o Islã, o elemento de negação “não” não funciona apenas como forma de negar a existência de embate contra o Afeganistão e seu povo, e a religião islâmica, mas como um operador argumentativo como forma de reforçar a *ideia* de que esta guerra será travada contra o terror e os terroristas da Al Qaeda. Esta forma de argumentar dizendo que os Estados Unidos não estão em guerra contra o Estado afegão e nem contra a religião islâmica significa que a direção dos sentidos no acontecimento enunciativo leva a observar que a invasão ao Afeganistão e a **guerra contra o terror** foram necessárias para a manutenção da paz e da ordem internacionais aos olhos do mundo. Ou seja, invadir um país com tropas e bombardeiros e derrubar um regime *opressor*, o Taleban, passa a significar uma boa e necessária ação contra o *mal*, contra o terror.

Ainda quanto ao funcionamento de nomes árabes nos acontecimentos enunciativos produzidos no Ocidente que se dão tanto em **R1 (a)** quanto em **R3 (a)** quando o nome da organização terrorista, supostamente (até aquele momento), criada por

Osama Bin Laden, Al Qaeda, observa-se o funcionamento destes nomes instituindo sentidos de que tal grupo terrorista e seu líder Osama Bin Laden ocupam o lugar de *inimigos da civilização* e, por conseguinte, do Ocidente ao mesmo tempo que ocupam o não-lugar dos povos civilizados.

Neste sentido, ocorre que o funcionamento de nomes árabes em acontecimentos enunciativos midiáticos ocidentais que instituem e são “*responsáveis*” pela circulação dos sentidos que constroem o imaginário social no próprio Ocidente, passa a constituir sentidos e significados de que o *mal*, o *terror* e o *mundo incivilizado* se cria e se encontra na região médio oriental do Globo, na região do povo árabe. Desta forma, este acontecimento recorta um memorável construído por acontecimentos outros que significaram e ainda significam o povo oriental como bárbaros, violentos e desconhecadores dos valores da civilização, como apresentado no primeiro capítulo deste trabalho.

Já na segunda sequência enunciativa que compõe **R3, R3 (b)**, duas coisas devem ser analisadas com devido interesse. Em primeiro lugar a expressão **guerra contra o terror** é reescriturada por substituição pela expressão **guerra contra o terrorismo**. Em segundo lugar, os dizeres que trazem na constituição da temporalidade do acontecimento um sentido paradoxal, “A **guerra contra o terrorismo** vai demandar mísseis e diplomacia...”.

No primeiro caso, o sufixo **ismo** em **terrorismo** aponta para o lugar de um comportamento (prática): o comportamento em relação ao **terror** é o **terrorismo**; ou, para o lugar constitutivo de uma ideologia: a ideologia do **terror** é o **terrorismo**. A este ponto, devemos observar como se instituem os significados e os sentidos nos acontecimentos enunciativos nos quais funcionam tanto a palavra **terror** quanto a palavra **terrorismo** para compreender se o **terror** e o **terrorismo** constituem-se em um comportamento (prática), ou, se são uma forma de manifestação ideológica e política. Portanto, este acontecimento enunciativo recorta um memorável instituindo sentidos que determinam esta **guerra contra o terrorismo** como uma **guerra** contra não apenas um povo ou uma região, mas também, contra um comportamento, uma ideologia e uma manifestação política que pode partir tanto de um grupo como de um Estado.

Quanto ao segundo caso, é interessante notar o sentido paradoxal entre *mísseis* e *diplomacia* que serão demandados nesta **guerra contra o terror**. Os sentidos instituídos

neste caso referem-se a algo particular e específico deste acontecimento enunciativo. *Mísseis* faz a referência interna no texto a ataques e procedimentos militares enquanto que *diplomacia* particulariza especificamente conversações e estratégias políticas entre os Estados Unidos e seus aliados ocidentais com Estados que supostamente apoiam grupos terroristas. Portanto, temos que a **guerra contra o terror**, contra o *inimigo do Ocidente* e da *civilização* está entre manobras e negociações políticas e medidas de uso de força bélica com o interesse de conter o avanço do *terrorismo oriental*.

Ao analisarmos estes três recortes onde funciona a expressão **guerra contra o terror**, pudemos observar a constituição da Cena Enunciativa e do Espaço de enunciação dos recortes retirados do jornal Folha de São Paulo. Observamos também, a construção dos significados e a instituição de sentidos desta expressão funcionando nos dizeres ocidentais e como tais significados e sentidos acabam por semantizar um Oriente que é dito e identificado como o *outro*, o *diferente*.

Pudemos observar também como, na temporalidade dos acontecimentos enunciativos da mídia ocidental, se dá a construção do imaginário social do Ocidente em relação ao mundo árabe pelo funcionamento de nomes que fazem referência à região do Oriente Médio e à religião islâmica. Além disso, constrói-se nestes acontecimentos midiáticos sentidos que levam na direção de que no Ocidente está o lugar da civilização, da paz e dos valores humanos em detrimento ao lugar do Oriente como lugar dos bárbaros, incivilizados e violentos, do terror.

Portanto, o que temos e observamos, não é uma expressão que denota um significado em relação a um estado de coisa no mundo. Temos sim, uma expressão, **guerra ao/contra o terror** que significa, institui sentidos e divide o sensível, o real, pelo funcionamento do político na linguagem. O acontecimento enunciativo que recorta um memorável (enunciações passadas) que significam no presente do acontecimento e que irão significar no lugar da futuridade, no lugar das interpretações nos apresenta, de certa forma, como o *outro* e o *diferente* são significados nos dizeres que partem do Ocidente sobre o Oriente.

Passaremos agora às análises dos recortes compostos por acontecimentos enunciativos onde funcionam as expressões **eixo** e **eixo do mal**, acontecimentos estes que partem, partiram, do Ocidente significando o Oriente.

CAPÍTULO V

A CONSTITUIÇÃO E OS DESLOCAMENTOS DOS SENTIDOS: EIXO E SEU FUNCIONAMENTO COMO MEMORÁVEL.

Antes de iniciarmos as análises de fato sobre o funcionamento da expressão **eixo do mal** nos acontecimentos enunciativos que compõem os recortes selecionados para esta pesquisa, traremos recortes compostos por acontecimentos enunciativos passados nos quais funcionam a expressão **eixo**, designando um *bloco* de Estados (Alemanha, Itália e Japão), durante a Segunda Guerra Mundial. Com isso pretendemos mostrar que esse modo de enunciar não se trata de uma inovação americana do século XXI.

Porém, uma pergunta nos cabe fazer aqui. Porque trazer recortes referentes à Segunda Guerra Mundial para compreender e observar o funcionamento da expressão **eixo do mal** enunciada pelo ex-presidente estadunidense George W. Bush no século XXI? Não se faz tarefa fácil e simples responder a isto, porém, se faz necessário “explicar” como a *história* e os acontecimentos são observados em uma perspectiva enunciativa.

Observamos dessa forma, a história por uma perspectiva enunciativa e *como algo que não se repete* (Veyne, 1998), e, desta maneira, formada por eventos individuais (Idem, 1998). Segundo Veyne, (1998): “Não é a diferença de detalhes, seu conteúdo, o que são, mas o fato de que acontecem, quer dizer, de que acontecem num dado momento; a história nunca se repetiria, mesmo que vivesse a contar a mesma coisa” (Idem, 1998, p. 22). Ou seja, não tomamos a *história* pelo prisma da repetição, como algo que acontece duas vezes de forma idêntica, mas sempre como algo novo, como uma atualização na e pela enunciação.

A *história* não se repete e os fatos (acontecimentos) não são, não existem de forma isolada (Veyne, 1998). Os *fatos*, segundo Veyne (Idem), tem ligações objetivas, e de acordo com o mesmo autor:

A palavra trama tem a vantagem de lembrar que o objeto de estudo do historiador é tão humano quanto um drama ou um romance, Guerra e paz ou Antônio e Cleópatra. Essa trama não se organiza, necessariamente, em uma sequência cronológica; como um drama interior, ela pode passar de um plano para outro [...]. A trama pode se apresentar como um corte transversal dos diferentes ritmos temporais,

como uma análise espectral: ela será sempre trama porque será humana, porque não será um fragmento de determinismo (Veyne, 1998, p. 42).

Portanto, tomados por este lugar de compreensão da *história*, podemos observar que a expressão (nomeação), **eixo do mal** nos anos que se seguem a partir de 2002, não se funda em um processo de repetição da expressão (nomeação) **eixo** nos recortes que apresentaremos a seguir. Estes são acontecimentos enunciativos distintos, singulares, individuais que não funcionam de forma “isolada”. Elas significam, instituem e instituirão sentidos na diferença que caracteriza o acontecimento em Guimarães (2002). Pelo fato de o acontecimento ser diferença, ele temporaliza e, ao temporalizar instala a conviviabilidade de tempos (Guimarães, Idem). Ou seja, presente, passado e futuro são instalados no momento do acontecimento enunciativo, “ao mesmo tempo”.

Por este motivo, pelo fato de o acontecimento instalar sua própria temporalidade, por ser individual e singular, a noção cronológica dos fatos históricos não “existe” no que Veyne (1998) caracteriza por “trama”. Ou seja, não se trata de observar uma estrutura cronológica de datas ou observar a história por “blocos de acontecimentos”, mas sim, acontecimentos enunciativos que significam a história em uma relação objetiva entre os próprios acontecimentos do passado e do presente que irão significar acontecimentos futuros. Segundo o próprio Guimarães (2004), “Fazer história é, então, em certo sentido, constituir, por um método próprio, uma temporalidade. Em outras palavras, é estabelecer procedimentos de identificação de acontecimentos por suas temporalidades” (Idem, p. 13). E continua dizendo que:

Por outro lado fazer história é, sob muitos aspectos, a desautomatização das narrativas cronológicas e dos relatos tornados oficiais, por qualquer razão que seja. Inclusive os relatos tornados oficiais pelo próprio movimento da História (Guimarães, 2004, p. 13).

Tomaremos então, estes recortes como memorável, enunciações passadas, anteriores, recortado pelos acontecimentos enunciativos que atualizam os significados e os sentidos no funcionamento da expressão (nomeação) **eixo do mal**. Traremos os recortes e o deslocamento dos sentidos em cada um deles e como esta divisão e re-divisão se dá pela língua, pelo acontecimento enunciativo.

O recorte **R4** foi retirado do jornal Folha da Manhã (como era conhecido o jornal Folha de São Paulo anteriormente), do dia 09 de maio de 1939. O lugar tipificado no interior do jornal de onde retiramos este recorte é o do Caderno Único. O texto que compõe o recorte **R4** é constituído por um comunicado oficial e declarações do conde

italiano sobre a formação de uma aliança político-militar entre Alemanha e Itália, formando assim o **eixo** Roma-Berlim.

R4

- Folha da Manhã; Caderno Único,
- 09 de maio de 1939.

“O ‘Eixo’ Roma-Berlim transformado em aliança política e militar”.

“Annuncia-se que, como compensação ao apoio que o Reich dará às suas aspirações no Mediterrâneo, a Itália favorecerá, por sua vez, a penetração germânica nos Balkans – A imprensa nazista accentua que o governo italiano está ao lado da Alemanha na questão teuto-poloneza, enquanto os jornais peninsulares, afirmam que o acordo será um instrumento de paz”.

R4 (a).

“MILÃO, 7 (U. P.) – Como resultado das conferências de ontem e hoje entre o conde Ciano e o Barão von Ribbentrop, foi oficialmente anunciado que a Itália e a Alemanha ajustaram de modo definitivo uma **aliança militar”.**

O TEXTO DO COMUNICADO OFICIAL

MILÃO, (H.) – A Agência Stefani comunica: “Nas conversações que o ministro dos Negócios de Estrangeiros da Itália, conde Ciano e o ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, sr. Von Ribbentrop tiveram em Milão nos dias 6 e 7 de maio, foi atentamente examinada a situação política geral do momento. Ficou novamente registrada a perfeita identidade de pontos de vista dos dois governos a todos os respeito. Ficou também decidido fixar definitivamente mesmo do ponto de vista formal, num **pacto político e militar**, as relações entre

os dois Estados do **Eixo**. Dessa maneira a Itália e o Reich contam contribuir oficialmente para assegurar a paz na Europa”.

DECLARAÇÕES DO CONDE CIANO

MILÃO, 7 (U. P.) – Recebendo os correspondentes da imprensa, após haver almoçado com o barão von Ribbentrop, o conde Ciano lhes declarou que as conversações ítalo-germanicas se desenvolveram em ambiente de grande cordialidade.

Perguntado se a referencia ao reforçamento do **eixo** poderia ser interpretada como significando uma plena **aliança militar**, o conde Ciano respondeu:

‘Não é exactamente isso, mas **coisa muito aproximada dessas linhas**’.

Neste recorte a configuração da cena enunciativa e a divisão das figuras enunciativas se dão de uma maneira que, em um primeiro momento um Locutor (L) que se representa como a origem do dizer. Já em um segundo momento, esse Locutor por sua vez é predicado por um lugar social que o autoriza a dizer aquilo que se diz. Temos nesta primeira “etapa” da configuração da cena enunciativa um locutor-empresa (l-x) que predica o Locutor pelo lugar social do dizer. Este locutor-empresa por sua vez tipifica os lugares do jornal e autoriza o locutor-jornalista a noticiar naquele espaço, Caderno Único. Observa-se, ainda, que o texto passa a funcionar no espaço do jornal Folha da Manhã a partir de uma agência de notícias o que nos apresenta uma outra figura enunciativa, o locutor-agência que diz o que o locutor-conde disse.

Observamos ainda dois modos de discurso relatado em **R4**, o discurso relatado direto e o discurso relatado indireto. Temos em um primeiro momento nestes discursos jornalísticos os locutores locutor-agência e locutor-jornalista que dizem com suas próprias palavras o que disse o locutor-conde, assimilando, portanto, o lugar de dizer de Enunciador-individual, ou seja, aquele que assume a responsabilidade pelo que se diz, caracterizando assim, a forma de discurso relatado indireto. Em um segundo momento, encontramos, no final do texto em **R4 (b)**, o relato direto dos dizeres do locutor-conde italiano, caracterizando este como um discurso relatado direto. Neste caso, o locutor-conde italiano assimila o lugar de dizer de Enunciador-coletivo, aquele que seus dizeres representam um povo, um país, um governo.

Encontramos em **R4 (a)**, a expressão **eixo** determinada inicialmente por **aliança militar** entre Itália e Alemanha. Como se pode observar, **eixo** no título da chamada da matéria jornalística é reescriturado por substituição por **aliança militar**. Adiante, **eixo** é retomado por **pacto político e militar**.

Podemos então observar que, nos acontecimentos enunciativos que compõem **R4 (a)**, a expressão (nomeação) **eixo** funciona instituindo sentidos e particularizando esta expressão no interior do texto como uma *aliança* entre Itália e Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, a partir de um *pacto político e militar*. Ou seja, há um alinhamento de interesses políticos e militares entre estes dois Estados a partir de conversações e de um ambiente cordial entre os representantes dos dois países.

Este alinhamento de interesses políticos e militares entre estes dois países possibilitam a formação de uma aliança por um pacto realizado entre os governos da Itália e da Alemanha. Esta aliança e este alinhamento é percebido pelo posicionamento de cada Estado em relação a pontos de vista e interesses comuns e individuais. E, é neste ambiente e neste posicionamento dos dois governos que se faz a constituição de um **eixo**, ou uma aliança, constituído pela Itália e pela Alemanha.

O recorte **R5** também foi retirado do jornal Folha da Manhã do lugar constituído como Caderno Único do dia 11 de junho de 1941. Pode-se observar neste recorte acontecimentos enunciativos que levam a compreender uma aliança que vai além de uma relação política entre dois Estados, relação política e militar. O recorte **R5** está dividido em duas sequências enunciativas, **R5 (a)** e **R5 (b)**.

R5

- Folha da Manhã; Caderno Único, página 6
- 11 de junho de 1941.

“O SR. MUSSOLINI ANUNCIA A OCUPAÇÃO DE TODA A GRÉCIA POR FORÇAS ITALIANAS”.

“A COLABORAÇÃO DO EIXO”

R5 (a).

“No setor político a colaboração entre as potências do **pacto tríplice** está em curso. E sobretudo a colaboração entre a Alemanha e a Itália que está em função. Ter-se-á dito tudo, quando vos digo que trabalhamos juntos, e vencemos juntos. A camaradagem das forças armadas está em vias de se tornar uma camaradagem de dois povos”. “Nos recentes discursos do ‘Fuehrer’, foi reconhecido explicitamente quais e quantos foram os sacrifícios de sangue que o povo italiano suportou pela causa do ‘**eixo**’”.

R5 (b).**“ATTITUDES DO JAPÃO”**

“Segundo as declarações feitas pelo ministro Matsuoka, em Roma e mais recentemente em Tóquio, a atitude do Japão é perfeitamente ligada ao **pacto tríplice**. O povo japonês é alto e leal e não ficaria indiferente na presença de uma agressão americana contra as potências do ‘**eixo**’”.

Em **R5** podemos encontrar dois modos de discurso relatado: o direto e o indireto. Em **R5 (a)** as formas de discurso que caracterizam essa sequência enunciativa estão nas duas formas, a forma do discurso relatado direto, que traz os dizeres do Sr. Mussolini e no final desta sequência, o discurso indireto que traz os dizeres do locutor-jornalista. Ou seja, a configuração da cena enunciativa e a divisão das figuras da enunciação se dão na forma que existe um Locutor que se representa como a origem daquilo que se diz e que é predicado em um primeiro momento pelo locutor-empresa que tipificou os espaços do jornal. Em um segundo momento, o locutor-jornalista que diz de forma direta aquilo que disse o Sr. Mussolini. Dessa forma, o locutor-jornalista assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual, aquele que se responsabiliza por seus dizeres.

Por sua vez, em **R5 (a)** observa-se a figura enunciativa do locutor-primeiro-ministro italiano que tem seus dizeres relatados diretamente pelo locutor-jornalista no espaço tipificado pelo locutor-empresa no interior do jornal Folha da Manhã. O locutor-

primeiro-ministro italiano por sua vez assimila o lugar de dizer de Enunciador-universal, aquele que seus dizeres assimilam o valor de verdade universal. Ou seja, o locutor-primeiro-ministro italiano tem, pela performatividade que seu lugar social do dizer lhe confere, as condições necessárias para afirmar a participação da Itália referente à colaboração política para com o **pacto tríplice** entre as potências do **eixo**.

Já na sequência enunciativa **R5 (b)** a forma de discurso é a do discurso relatado indireto o que pode ser observado já no início dessa sequência enunciativa quando o locutor-jornalista diz: “Segundo as declarações feitas...” trazendo não as próprias declarações de tal Locutor, mas sua própria interpretação (interpretação do locutor-jornalista) sobre o que foi dito, ou seja, reescreve um discurso pela forma indireta.

Na sequência **R5 (b)** a cena enunciativa é configurada pela presença de um locutor-jornalista que diz aquilo que disse o locutor-ministro japonês pela forma de relato indireto. Nessa divisão das figuras enunciativas o locutor-jornalista assimila o lugar de dizer de Enunciador universal, sendo aquele responsável por aquilo que se diz, e, o locutor-ministro japonês assimila o lugar de dizer de Enunciador-coletivo, se apresenta como aquele que diz pelo povo japonês, por seu país.

Temos então, na primeira sequência uma reescrituração de **eixo** por substituição pela expressão **pacto tríplice**. Ou seja, em um primeiro momento há um deslocamento que nos leva a observar que aquele **pacto** entre Itália e Alemanha não se refere mais a dois Estados apenas. Em um segundo momento, este **pacto** é determinado e predicado pela **colaboração** entre Itália e Alemanha. Ou seja, **eixo** nesta primeira sequência institui o sentido de colaboração, ajuda e camaradagem entre dois países.

Neste caso, o deslocamento existente entre os sentidos constituídos em **R4 (a)** e **R5 (a)**, não é mais apenas o de uma **aliança** ou um simples **pacto** entre duas nações. Passa de um alinhamento político e militar e toma a direção de uma aliança de colaboração e camaradagem entre os “componentes” do **eixo** em relação às suas ações durante a guerra. Porém, o que mais nos interessa aqui, é a questão sobre aquele **eixo** que em **R4 (a)** era formado por dois Estados, é constituído agora por mais um “colaborador”, o Japão.

Temos, também, que levar em consideração que **eixo** não se refere apenas à uma aliança entre Estados, mas é também, a “camaradagem” de dois povos, italianos e alemães. Ou seja, o que se iniciou como um alinhamento e colaboração entre dois Estados

diante de pontos de vista e interesses semelhantes nas áreas político e militar, ultrapassa as fronteiras e passa a determinar as condutas, a colaboração e a camaradagem entre dois povos, entre o povo italiano e o povo alemão.

Eixo em todas as sequências que compõem o recorte **R5** passa a constituir o sentido de uma relação tríplice entre Alemanha, Itália e Japão. E, neste acontecimento é caracterizado pela colaboração e pela camaradagem entre dois Estado e dois povos europeus, italianos e alemães enquanto que, pelo Japão, **eixo** é determinado pela lealdade do povo japonês, ultrapassando predicados políticos, militares e fronteiras.

R6 é um recorte retirado do jornal Folha da Manhã, do lugar constituído e tipificado pelo locutor-empresa como Caderno único do dia 11 de outubro do ano de 1941. Nesse texto observaremos que a palavra **eixo** sofrerá dois deslocamentos de sentido, ou seja, será predicado de duas formas contraditórias esboçando uma divisão entre duas formas de governos dando assim, a entender, que a guerra, Segunda Guerra Mundial, estaria em uma fase na qual a estratégia política supera a militar. **R6** encontra-se dividido em duas sequências enunciativas, **R6 (a)** e **R6 (b)**.

R6

- Folha da Manhã; Caderno Único, página 4

- 11 de outubro de 1941.

“A Guerra Estaria Numa Fase em que a Estratégia Política é Mais Importante que a Militar”

R6 (a).

“No mesmo dia em que foi iniciada a invasão da Rússia, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha ofereceram ao governo russo sua ajuda econômica e militar. E esse oferecimento não foi apenas simbólico, como se depreende acordos firmados há alguns dias, na Conferência de Moscou. E assim, ante um espetacular e artificial ‘**eixo**’ totalitário, as três potências do mundo formaram um robusto e sólido ‘**eixo**’ democrático. Como a hera, aderiram à parede desse

‘**eixo**’ todos os países ocupados pela Alemanha, os quais prosseguem em normal desenvolvimento ‘os movimentos nacionais’ que se tornarão os mais temíveis inimigos do chanceler Hitler”.

R6 (b).

“Também aderiu ao ‘**eixo**’ democrático a China, com toda a força que representam suas grandes reservas em homens e suas imensas riquezas materiais. Vemos assim, que enquanto o ‘**eixo**’ totalitário, muito debilitado, volta ao ponto de partida, o democrático se transforma numa das maiores **coligações** jamais registradas pela história. Uma grande **coligação** formada não pela maior ou menor perícia dos árbitros políticos aliados, mas pela mentalidade alemã, que, não deixa os alemães perceberem que nos países de opinião livre a justiça da causa ocupa um lugar primordial, na gama dos fatores morais”.

A configuração da cena enunciativa no recorte **R6** e em suas respectivas sequências enunciativas, **R6 (a)** e **R6 (b)** ocorre, como nos casos anteriores, de uma forma muito específica. As figuras enunciativas dividem-se em um Locutor (L) que se representa como a origem daquilo que se diz. Em um primeiro momento o Locutor é predicado pelo lugar social de dizer de locutor-empresa que tipifica e constitui os espaços e lugares no interior do jornal. Em um segundo momento um outro Locutor aparece predicado por um lugar social de dizer. De forma muito específica o Locutor que se apresenta como a origem do que se diz, do que se noticia, é predicado e autorizado a dizer o que se diz pela figura do locutor-jornalista. Este, por sua vez, assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual, sendo o responsável pelo que se diz.

Temos então que na primeira sequência de **R6**, **R6 (a)**, podemos observar **eixo** determinado por duas formas de governo distintas e paradoxais. Em um primeiro ponto, temos **eixo** determinado por *totalitário*, *espetacular* e *artificial*. Estas particularizações são referências à aliança e ao pacto formado por Alemanha, Itália e Japão. Já em um segundo ponto, temos um **eixo** determinado por *democrático*, *sólido* e *robusto* formado por Estados Unidos, Grã-Bretanha, Rússia, os países ocupados pela Alemanha e China.

Em **R6 (b)** podemos observar em um determinado ponto que, este **eixo totalitário** encontra-se debilitado enquanto que o *democrático* se transforma em uma das maiores **coligações**, ou seja, em uma grande aliança entre Estados que buscam um fim comum, derrotar o **eixo totalitário**. E, temos que este **eixo democrático** foi formado não pela *perícia dos árbitros políticos aliados*, mas, pelo fato de que em um país de regime totalitário, como é referenciada a Alemanha no texto, não permite que o povo perceba o lugar que a justiça ocupa em países *livres de opinião*.

E o que temos nesta divisão? Temos um **eixo democrático** de livre opinião que dá à justiça da causa um lugar importante e primordial em oposição a um **eixo** de regime totalitário, composto por países onde a opinião não é livre, não há liberdade ao povo para se expressar e nem mesmo de reconhecer um lugar para a justiça da causa ou de fatores morais. Não se faz referência ao povo em si, mas, a uma forma de governo que não permite ao povo perceber tais coisas.

Ou seja, o **eixo** formado por Alemanha, Itália e Japão, ao funcionar nos acontecimentos enunciativos em **R6** sofre um deslocamento de sentidos, constituindo sentidos outros como um lugar constituído por países de regime totalitário, opressor e desprovidos de liberdade ao próprio povo, ou seja, o **eixo** não se constitui em um lugar de opinião livre.

O recorte **R7** foi retirado do jornal Folha da Manhã e, assim como os anteriores que tratam sobre a palavra **eixo**, foi recortado do lugar tipificado pelo locutor-empresa como Caderno Único do dia 8 de janeiro do ano de 1943. Encontramos nesse recorte os dizeres de um general brasileiro em uma formatura de Ciências e Letras. Durante o evento, o general Manoel Rabello discursou sobre características do **eixo**, dos ditadores **eixistas** e da educação nos países que formam o **eixo**. Esse recorte encontra-se dividido em 4 sequências enunciativas, **R7 (a)**, **R7 (b)**, **R7 (c)** e **R7 (d)**.

R7

- Folha da Manhã; Caderno Único, página 3
- 8 de janeiro de 1943.

“Revestiu-se de Brilho a Solenidade no Odeon da Formatura dos Diplomados do Instituto de Ciências e Letras”.

“Paraninfou a Turma de Ginasianos que Concluíram o Curso o General Manoel Rabello – Expressivo Discurso Proferido pelo Ilustre Militarn”

“FALA O GENERAL MANOEL RABELLO”

R7 (a).

“A guerra que os ditadores **eixistas** deflagraram contra os povos civilizados ficará na história como o mais torpe atentado à liberdade e à dignidade do homem. São inimigos do gênero humano esses celerados, nazistas e fascistas que vestem camisas pardas, negras ou verdes.

Por intermédio da mais ignominiosa das propagandas, porque obstinadamente mendás os doutrinadores do nazi-fascismo transformaram os jovens alemães em pobres seres autômatos, que marcham de olhos vendados para o matadouro das estepes russas e dos desertos africanos, onde são imolados, na campanha inglória, para satisfazer a megalomania do ‘Fuehrer’ e a leviandade do ‘duce’”.

R7 (b).

“A educação nazista se processa no sentido de sobrepor a força brutal à inteligência; o corpo ao espírito; os jogos esportivos aos esforços intelectuais. E por que, perguntará alguém, existe na Alemanha semelhante sistema educativo?

É que os ditadores, como Adolf Hitler e Benito Mussolini, temem a formação de homens livres, capazes de agir e pensar por si próprios. Na Alemanha nazista e na Itália fascista não há lugar para aqueles que se recusam a seguir como carneiros, a cartilha do ‘fuehrer’ e do ‘duce’”.

R7 (c).

“Audaciosos e perspicazes, os doutrinadores nazi-fascistas iniciaram a sua atividade nas escolas estrangeiras, espalhadas pelo território nacional, principalmente nos Estados do Sul, onde é maior o contingente da população ítalo-germânica.

A propaganda nazi-nipo-fascista introduziu-se como intrusa no seio das escolas estrangeiras do sul do Brasil. Grande parte de jovens nascidos no Brasil, de origem alemã ou italiana, deformaram-se ao contacto corrosivo dos processos educativos desses lobos vorazes. Por felicidade nossa, o fechamento das escolas, onde se ministravam abertamente os princípios do nazi-nipo-fascismo, veio a tempo de impedir que os seus malefícios assumissem maiores proporções. Todavia, a perigosa experiência nos ensinou que tais escolas não passavam de fábricas de espiões e de traidores.

Esses fatos são bem conhecidos. Foram debatidos ampla e profundamente pela imprensa, que divulgou diligências, e relatórios das autoridades policiais. Ficou demonstrado que a rede de espiões e traidores se estendeu de sul a norte, motivando a prisão não só de súditos do ‘eixo’, arianos ou amarelos, como de elementos nacionais, ‘quislings’ encrustados cinicamente em meios oficiais e semi-oficiais”.

R7 (d).

“O Brasil assumiu atitude definida na guerra contra os países do ‘eixo’, declarando o estado de beligerância com a Alemanha e a Itália e rompendo suas relações diplomáticas com o Japão”.

Nesse recorte, como já dito na descrição acima, temos funcionando um discurso proferido por um general em uma formatura ginasial. Nesse caso, o relato do discurso do general brasileiro é feito de forma direta, ou seja, as palavras que compõem o texto como um todo são as palavras ditas pelo general o que caracteriza esse modo de discurso como discurso relatado direto. Temos, portanto, na configuração específica da cena enunciativa

desse recorte em um primeiro momento um Locutor (L) predicado pelo lugar social do locutor-empresa que tipificou e constituiu os espaços e os lugares do jornal. Em um segundo momento observa-se um outro Locutor predicado e autorizado a dizer pelo locutor-jornalista que relata de forma direta os dizeres do general. Em um terceiro momento, na terceira divisão das figuras enunciativas, um terceiro Locutor apresenta-se aí predicado pelo lugar social de dizer pela figura do locutor-general que enuncia.

Nesse caso, o locutor-jornalista assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual, ou seja, se apresenta como responsável por aquilo que relata de forma direta. Já o locutor-general assimila o lugar de Enunciador-coletivo, pois, ao dizer, ao enunciar se apresenta como aquele que diz por uma coletividade, diz pelo Exército brasileiro.

R7 compreende o discurso do locutor-general convidado a parabenizar a turma de formandos do Instituto de Ciências e Letras. Neste discurso **eixo** é determinado por predicativos que instituem sentidos de certa forma *ruins* nos acontecimentos enunciativos onde funcionam a expressão.

Em um primeiro momento neste recorte o locutor-general diz sobre a guerra que *ditadores eixistas* deflagraram contra povos civilizados. *Ditadores* neste acontecimento retoma os sentidos constituídos em **R6** quando se diz “**eixo** totalitário”, ou seja, retoma uma forma de governo que funciona nos países que compõem o **eixo**. A expressão **eixistas** faz referência interna no texto predicando os *ditadores* do **eixo**. Então, ao dizer que *ditadores eixistas* deflagraram uma guerra contra povos civilizados, o sentido constituído nestes dizeres são os de que os povos e os Estados governados por estes *ditadores* do **eixo** não são civilizados. E que, esta guerra contra o povo civilizado também é uma guerra que ataca a liberdade e a dignidade do homem.

Em **R7 (b)** diz que a educação nazista sobrepõe a força bruta à inteligência; o corpo ao espírito; que temem a formação de homens livres. São características estas determinantes de povos considerados, pelo Ocidente e por uma Europa centralista, como bárbaros, incivilizados e governos opressores. Em **R7 (c)** nos dizeres do general brasileiro, as doutrinas ítalo-germânicas são corrosivas e deformadoras e aplicadas por doutrinadores predicados por *lobos vorazes*. Ou seja, os contatos destes jovens com as doutrinas do **eixo** corroem e deformam os mesmos, levando-os de civilizados a incivilizados e bárbaros que atentam contra a dignidade e a liberdade do homem.

Os sentidos constituídos nos acontecimentos que compõem estas sequências enunciativas referem-se a uma oposição entre o bem e o mal, entre o lugar da liberdade, da civilização, onde prospera a dignidade humana, a justiça e governos livres e o lugar onde a opressão, os valores humanos de liberdade, dignidade e justiça, a não-civilização imperam sobre o povo das três nações **eixistas**.

Claro que a história dos acontecimentos relatados nos apresenta atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial. Não se faz aqui uma defesa a estes acontecimentos. Nosso interesse central, é observar sentidos constituídos pelas predicções que funcionam nos acontecimentos enunciativos ocidentais e nos “modos” que os mesmos têm de caracterizar seus inimigos. E, como já dito anteriormente, observar que este modo de enunciar sobre um “bloco” de países que formam o “outro lado” não é uma invenção norte-americana do século XXI onde vai funcionar a expressão **eixo do mal**.

R8 foi recortado do jornal Folha da Manhã do lugar tipificado e constituído pelo locutor-empresa como Caderno Único do dia 9 de junho do ano de 1943. Novos sentidos são atribuídos a **eixo** na medida em que esta expressão passa a funcionar nesta temporalidade específica. Tomaremos como texto um discurso do ex-presidente Roosevelt no qual ele declara que as “potências do **eixo**” se preparam para o uso de armas químicas durante a guerra. Este recorte está dividido em 5 sequências enunciativas, **R5 (a)**, **R5 (b)**, **R5 (c)**, **R5 (d)** e **R5 (e)**.

R8

- Folha da Manhã; Caderno Único, página 1
- 09 de junho de 1943.

“ROOSEVELT REVELA QUE AS POTÊNCIAS DO ‘EIXO’ SE PREPARAM PARA DESFECHAR A GUERRA QUÍMICA”

“OS ESTADOS UNIDOS TOMARÃO RÁPIDAS E COMPLETAS REPRESÁLIAS CASO DE POSITIVE A AMEAÇA TOTALITÁRIA”

R5 (a).

“WASHINGTON, 8 (R.) – URGENTE – Foi a seguinte, na íntegra, a declaração do presidente Roosevelt, revelando que as potências do ‘eixo’ se preparam para recorrer à guerra química e proclamando que a mesma será respondida de igual maneira e com toda a violência [...]”.

R8 (b).

“De vez em quando, desde o início da guerra atual, correram rumores de que uma ou mais potências do ‘eixo’ cogitaram seriamente de usar gases tóxicos ou nocivos ou outros processos desumanos de guerra”.

R8 (c).

“É ultrajante pensarmos que uma nação, mesmo nossos próprios inimigos presentes, possam e queiram empregar contra a humanidade uma arma tão terrível. Porém, existem provas de que as potências do ‘eixo’ estão realizando preparos significativos, e tal intenção está sendo divulgada com crescente frequência por diversas fonte”.

R8 (d).

“ ‘Prometemos aos possíveis perpetradores desses crimes, completa e rápida represália, da mesma espécie e sinto-me obrigado agora a advertir os exércitos e os povos do ‘eixo’, na Europa e na Ásia que as terríveis consequências do emprego dessa arma terão efeito seguro e imediato sobre suas próprias cabeças”.

R8 (e).

“Qualquer emprego de gás por qualquer potência do ‘eixo’ será imediatamente seguido da mais completa represália contra os centros de munições, portos marítimos e outros objetivos militares em toda a extensão do território da potência do ‘eixo’ responsável”.

No recorte **R8** e em suas respectivas sequências enunciativas podemos observar o funcionamento das formas de discurso relatado tanto direto quanto indireto. Na sequência **R8 (a)** temos a figura enunciativa do locutor-agência (a letra R entre parênteses no início da sequência é uma referência à agência de notícias Reuters) que diz sobre o que o presidente Roosevelt disse. Nesse caso o locutor-agência autoriza o locutor-jornalista a relatar de forma indireta sobre o que disse o locutor-presidente dos Estados Unidos à época. Temos assim, nessa divisão, um locutor-agência que assimila o lugar de dizer de Enunciador-coletivo, que diz por uma empresa, por uma agência de notícias, um locutor-jornalista que assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual, aquele que se responsabiliza pelo seu próprio dizer e a figura de um locutor-presidente que assimila o lugar de dizer de Enunciador-universal, aquele que suas palavras assimilam o valor de verdade universal.

As sequências posteriores a **R8 (a)** o locutor-jornalista relata de forma direta os dizeres do locutor-presidente dos EUA representando a forma de discurso relatado direto. Nesse caso, em um primeiro momento o Locutor (L) é predicado pelo lugar de locutor-jornalista que assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual. Em um segundo momento um outro Locutor se representa como a origem do dizer na configuração dessa cena enunciativa e é predicado pelo lugar social de locutor-presidente dos Estados Unidos e assimila o lugar de dizer de Enunciador-universal, ou seja, seus dizeres tem o valor de verdade universal.

Pode-se então observar que os países do **eixo** são agora considerados como *Potências* do **eixo**. Ou seja, são Estados compostos de alguns componentes básicos como o tamanho de sua população, a posição que ocupa estrategicamente, os recursos econômicos, a produção industrial e poder bélico (Wight, 2002), e que, há rumores de que tais potências estão buscando promover o uso de armas químicas de extrema violência. Neste caso **eixo** é determinado por *Potências* que pelo recurso de uso de armas

químicas, ocupam o lugar *daqueles que buscam cometer um crime contra a humanidade* para o Ocidente.

Em **R8 (b)** o locutor-presidente dos EUA diz que o uso desse tipo de armamento (químico) por qualquer *potência* do **eixo** é considerado um ato *desumano*. Porém, diz também que são rumores e que as *potências* cogitaram em utilizar tais armas, ou seja, não é uma certeza, mas um pressuposto de que países do **eixo** “pensaram” seriamente na utilização de gases tóxicos. Interessante observar é que o predicado de *desumano* funciona em relação à **eixo** independente da utilização ou não de armas químicas na guerra. Isto indica que qualquer atitude ou ação de qualquer *potência* do **eixo** neste sentido é um ato não humano.

Já em **R8 (c)**, as *potências* do **eixo** são consideradas como “inimigos presentes” pelo locutor-presidente dos EUA, ou seja, são consideradas como atuais inimigos não apenas dos países aliados – Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética – mas, também, da humanidade ao cogitar o uso de armas químicas. Estas determinações se confirmam ao se dizer que existem provas de que as *potências* do **eixo** estão realizando preparos significativos para a utilização destas armas. Esta existência de provas funciona como um argumento de confirmação do funcionamento dos predicados que determinam **eixo** nos acontecimentos enunciativos que compõem este recorte como um todo.

Na sequência enunciativa **R8 (d)**, ao funcionarem os dizeres do locutor-presidente dos EUA “Prometemos aos possíveis perpetradores desses crimes[...]”, o vocábulo “possíveis” funciona como um operador argumentativo de condição no sentido de que se as *potências* ou uma *potência* apenas utilizar dessas armas, serão considerados pelos Estados Unidos e aliados como criminosos.

As apresentações e as análises dos recortes **R4, R5, R6, R7, R8** e suas respectivas divisões enunciativas (sequências enunciativas de um mesmo texto), se fizeram na direção de mostrarmos a constituição e os deslocamentos de sentidos referentes à expressão **eixo** durante o período da Segunda Guerra Mundial. Além disso, apresentar que este modo de enunciar, como já citado, não é algo novo mas que também não funciona como uma repetição da história e sim, como uma atualização de novos acontecimentos ao funcionar **eixo do mal** em outras enunciações.

Isso mostra o funcionamento da trama da história (Veyne, 1998) e sua característica não cronológica e de não repetibilidade da própria história, ou seja,

enunciações passadas significaram e vão significar novas enunciações e constituirão sentidos novos pela temporalidade específica do acontecimento que é único, singular e *diferença em sua própria ordem* (Guimarães, 2002).

Os sentidos constituídos no funcionamento enunciativo da expressão **eixo** apresentam uma forma de enunciar e de funcionamento do “léxico ocidental” em relação ao *outro* (Orlandi, 2008), constituindo no imaginário dos povos do Ocidente, em acontecimentos midiáticos, os sentidos de que no lugar do *outro* está o mal, de que o *outro* é o incivilizado, que no *outro* está o inimigo.

Passaremos agora às análises dos acontecimentos enunciativos referentes à expressão **eixo do mal**, a constituição da Cena Enunciativa, a configuração do Espaço de Enunciação, do funcionamento do político e do silenciamento na linguagem.

CAPÍTULO VI

A DIVISÃO DESIGUAL DO REAL PELA LÍNGUA E A SEMANTIZAÇÃO DO ORIENTE PELO OCIDENTE

Tendo visto que o acontecimento enunciativo temporaliza, ou seja, instala sua própria temporalidade e por isso mesmo é diferença em sua própria ordem, e por isso o acontecimento significa, ele (o acontecimento) institui sentidos por recortar um memorável que faz significar no presente e ao mesmo tempo abre o lugar da futuridade, ou seja, o lugar da interpretação. Portanto, ao funcionar em acontecimentos enunciativos na mídia ocidental, a expressão **eixo do mal**, esses acontecimentos recortam um memorável que o faz significar e instituir sentidos que formarão o imaginário social do Ocidente em relação ao Oriente.

E quais enunciações passadas os acontecimentos onde funcionam a expressão **eixo do mal** recortam? Como dissemos anteriormente, as produções enunciativas nas quais a expressão **eixo** funciona durante o período da Segunda Guerra Mundial, fazem significar **eixo** na expressão **eixo do mal** como um grupo de países que ameaçam a estabilidade da paz mundial e que são considerados como *inimigos* da humanidade. Portanto, os sentidos construídos em relação a um grupo de países que *ocupam a posição do lado do inimigo, do mal*, não se apresentam como algo novo, inventado pelos Estados Unidos, como já citado. A expressão **eixo** significa em **eixo do mal** como o outro, o diferente, que ocupa o lugar dos ditadores, incivilizados e inimigos da humanidade.

E, de acordo com Benveniste (2006): “Antes de qualquer coisa, a linguagem significa [...]”, e: “[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*. Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar” (Idem. p. 222). Ou seja, se buscarmos compreender nas palavras de Benveniste, a humanidade e a sociedade na qual vivem os seres humanos não seriam possíveis sem a linguagem. A linguagem constrói, destrói, transforma, divide e re-divide tudo o que conhecemos, a linguagem é em sua essência uma atividade significativa (Benveniste, 2006).

Se considerarmos que a linguagem por excelência significa, e, esta significação decorrente do funcionamento da linguagem não é um acréscimo e sim de sua própria

natureza (Benveniste, 2006), isso significa dizer que ao falar o homem diz sobre algo no mundo. Neste sentido, o locutor-presidente, dos Estados Unidos, ao enunciar **eixo do mal** as palavras que formam esta expressão e funcionam no acontecimento enunciativo significam algo e constituem sentidos na temporalidade específica do acontecimento.

Dessa forma, a expressão **eixo do mal**, funciona como um processo de nomeação designando *algo no mundo* e, que terá sua referência particularizada nos textos que iremos analisar. Os enunciados que formam os recortes falam de uma situação na qual existem países e que, estes países (orientais), são referenciados (particularizados) pelo Ocidente pelo funcionamento da expressão **eixo do mal**. Sobre a referência, Guimarães (2006) diz que esta questão tem tido grande consideração por várias correntes de estudo da semântica e que:

Em algumas delas a referência é apresentada como separada do sentido de uma expressão linguística. Para estas posições, a referência é a particularização de um objeto por uma expressão linguística e o sentido é o modo de apresentar a referência (Id. p. 128).

Ou seja, nos enunciados em que **eixo do mal** funciona não queremos dizer que “**eixo**” particulariza um grupo de países em uma determinada situação, mas que: “Esta particularização é feita pelo funcionamento de toda a expressão [...]” (Ibidem. p. 128). Isso significa dizer então que Irã, Iraque e Coréia do Norte são particularizados em determinada situação pelo funcionamento da expressão **eixo do mal** nos enunciados midiáticos recortados para compor o corpus desta dissertação.

Esta expressão **eixo do mal** é formada por um sintagma preposicional *do mal* que predica **eixo** determinado pela preposição De + O, que funciona com o sentido de pertencimento, e, a predicação **mal** determinando que existe um lado do **bem** e um lado do **mal** no qual são inseridos pelo Ocidente o Irã, Iraque e a Coréia do Norte como veremos nos recortes a seguir. A este funcionamento linguístico damos o nome de designação. A designação não é uma particularização ou referência em uma dada situação. A designação é “[...] o modo de relacionar as palavras e coisas na medida em que as palavras as identificam simbolicamente” (Ibid. p. 130).

E ao identificar simbolicamente por este modo de relacionar as palavras e coisas, a expressão **eixo do mal** identifica e significa Irã, Iraque e Coréia do Norte pelo processo de reescrituração por condensação nos acontecimentos enunciativos midiáticos ocidentais. Portanto, **eixo do mal** é uma expressão que funciona como nomeação a um

grupo formado por três países orientais em acontecimentos enunciativos da mídia ocidental.

E, ao reescrever estes Estados por **eixo** seguido da predicação que o determina como **do mal**, existe uma clara divisão imaginária do real criada pelo funcionamento linguístico da mídia. Relembrando Mariani (1998) a linguagem da mídia trabalha com a institucionalização dos sentidos e formam uma ilusão ao intermediar seus leitores com a realidade. Mesmo trabalhando com discursos relatados diretos, em muitos casos, a linguagem midiática forma sentidos outros que não aquele construído a priori.

E é neste sentido que cada reescrituração que se caracteriza por ser sempre uma atualização, uma nova temporalidade, um novo acontecimento, significa diferente, forma sentidos novos. **Eixo do mal** tanto pode significar apenas o conjunto formado pelos três países determinados pelos Estados Unidos como pode, também, significar o Oriente e a religião islâmica como o *lado do mal*, terroristas, violentos e fanáticos.

Neste ponto trataremos o silenciamento, no sentido que Orlandi (1997/2008) apresenta e, que envolve os discursos e acontecimentos midiáticos em relação ao Oriente. Já apresentamos como o político divide e re-divide o real pela normatividade das instituições que falam e pela afirmação de pertencimento dos excluídos. O Oriente não fala na fala do Ocidente, mas é falado, significa e é significado. O tempo todo ao enunciar **guerra ao/contra o terror** e **eixo do mal** o Oriente é silenciado, porém, ele significa nos dizeres midiáticos ocidentais.

Ao mesmo tempo em que o Oriente é silenciado na fala do Ocidente, sentidos outros são silenciados nos dizeres do locutor-presidente dos EUA. Ao funcionarem as expressões **guerra ao/contra o terror** e **eixo do mal**, sentidos produzidos e que particularizam nos acontecimentos enunciativos as invasões e intervenções ocidentais em regiões orientais (Iraque principalmente), são silenciados e se apresentam como o *não-dito* (Ducrot 1987) nos dizeres do Ocidente.

O silêncio forma sentidos por ter nele, no silêncio, o não-dito, e, segundo Orlandi³⁰ (1997):

É assim que podemos compreender o silêncio fundador como o não-dito que é a história, e que, dada a necessária relação do sentido com o

³⁰ Ver Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.

imaginário, é também função da relação (necessária) de língua e ideologia. O silêncio trabalha então essa necessidade (Idem. p. 22-23).

Portanto, dizer que o silêncio funciona nas temporalizações midiáticas ocidentais como forma de significar o Oriente para o Ocidente – o Oriente que fala pela voz do Ocidente –, temos aí um não-dito que significa e forma sentidos nesta relação da língua com a história. Ou seja, o silêncio do Oriente nos acontecimentos enunciativos midiáticos ocidentais significa pelo memorável que é recortado por cada um desses acontecimentos nesta relação língua/história, pelas produções enunciativas que formam a história e o simbólico.

E, é nesta relação que o silêncio do Oriente, que é dito, mas que não diz, na mídia ocidental, e, dessa maneira é significado pelo não-dito (pela história), que é criado o imaginário ocidental sobre um Oriente violento, terrorista e **mal**. É também neste imaginário criado sobre o Oriente a partir do Ocidente que poderemos observar uma relação de confronto, embate e também, de *desentendimento* (Rancière, 1996). Esta relação contraditória se estabelece ao passo que o Oriente ocupa um não-lugar (Idem), no cenário internacional sendo significado e *criado*, ao mesmo tempo, pelo funcionamento do político nos acontecimentos enunciativos midiáticos ocidentais.

Esta *não-ocupação* de um lugar pelo Oriente é caracterizado por uma expressão, histórica, da hegemonia ocidental no concerto político internacional que, em suas enunciações sobre o *outro* e o *diferente* que significa o lugar do incivilizado, do *inferior*, do bárbaro, legitima, assim, a dominação, invasão, incursões bélicas e colonização em regiões como África, Ásia e principalmente o Oriente Médio.

Desta forma, tomaremos nossas análises sobre a expressão/nomeação **eixo do mal** na direção da constituição dos significados e dos sentidos, em certos aspectos degradantes, sobre o Oriente Médio por uma perspectiva enunciativa dos acontecimentos midiáticos no espaço do jornal Folha de São Paulo. E, nesta mesma perspectiva, observaremos a divisão política do real na e pela linguagem da forma como toma Guimarães (2002).

6.1 Acontecimento, Política e Silenciamento: Eixo Do Mal e a Significação Oriente Pelo Ocidente.

Passemos, então, às análises dos recortes onde funcionam a expressão **eixo do mal**.

O primeiro recorte que traz em seus acontecimentos enunciativos o funcionamento da expressão **eixo do mal**, **R9**, foi retirado do Jornal Folha de São Paulo do lugar constituído e tipificado pelo locutor-empresa como Folha Mundo e do tópico Frases, um dos espaços que constituem o Caderno Folha Mundo no interior do jornal. O recorte encontra-se dividido em duas sequências enunciativas, **R9 (a)** e **R9 (b)**, nas quais, na primeira o locutor-presidente estadunidense classifica Irã, Iraque e Coréia do Norte como Estados que compõem o **eixo do mal** e, na segunda sequência estes três Estados refutam as afirmações do ex-presidente norte-americano.

R9

Folha de São Paulo. Caderno Folha Mundo, tópico – Frases. São Paulo, Quinta-feira, 31 de Janeiro de 2002. Pág. A9.

R9 (a).

“Estados como esses [Irã, Iraque e Coréia do Norte] e seus aliados terroristas constituem um **eixo do mal**, armando-se para ameaçar a paz mundial” (George W. Bush, presidente dos EUA).

R9 (b).

“O Irã, o Iraque e a Coréia do Norte refutaram ontem a afirmação de que formam um ‘**eixo do mal**’, desenvolvendo armas de destruição em massa para ameaçar os EUA e o restante do planeta, feita pelo presidente George W. Bush durante seu discurso sobre o estado da União”.

O recorte **R9** que se encontra dividido aqui em duas sequências enunciativas apresenta como características de sua constituição duas formas de discurso, o discurso relatado direto e o discurso relatado indireto. Na sequência **R9 (a)** a forma de discurso é a do discurso relatado direto, ou seja, os dizeres do presidente dos Estados Unidos são relatados de forma direta. Já a configuração da cena enunciativa e a divisão das figuras

da enunciação se dão em uma forma bem específica. Em um primeiro momento temos a figura de um Locutor (L) predicado pelo lugar social de dizer do locutor-empresa que tipifica os espaços e os lugares do jornal. Já em um segundo momento temos um segundo Locutor predicado pelo lugar social do locutor-jornalista que diz de forma direta os dizeres do locutor-presidente dos Estados Unidos (lugar social que predica um terceiro Locutor (L) na configuração da cena enunciativa em **R9**).

Temos então que, o locutor-jornalista ao relatar de forma direta os dizeres do locutor-presidente dos EUA assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual. Já o locutor-presidente dos Estados Unidos ao afirmar o que afirma no texto assimila o lugar de dizer de Enunciador Universal tendo suas palavras, seus dizeres, o valor de verdade universal.

Quanto à segunda sequência enunciativa, **R9 (b)** a forma do discurso é a de discurso relatado indireto e neste caso, o locutor-jornalista diz sobre, de maneira indireta, o que disseram os representantes dos três Estados classificados por **eixo do mal** pelo locutor-presidente dos EUA. Neste caso, o locutor-jornalista assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual ao dizer sobre aquilo que foi dito por Irã, Iraque e Coréia do Norte, sendo assim, responsável por aquilo que se diz no espaço do jornal.

Ao observarmos atentamente a sequência enunciativa **R9 (a)**, podemos perceber que o locutor-presidente ao enunciar que Estados como o Irã, Iraque e Coréia do Norte formam um **eixo do mal** e que este **eixo** e seus aliados terroristas se armam para ameaçar a paz no mundo, existe aí um grupo de países que é significado, porém, silenciado para o Ocidente. E, ao reescrever Irã, Iraque e Coréia do Norte por “Estados como esses [...]” e, “[...] e seus aliados terroristas constituem um **eixo do mal** [...]”, é constituída uma nítida divisão daqueles que *pertencem* a um grupo ou, pode-se também dizer “*eixo do bem*”, e Estados como Irã, Iraque e Coréia do Norte que buscam ameaçar a paz mundial.

Esta divisão se funda no que Rancièrè (2005), denomina como uma “partilha do sensível” determinado pela “[...] existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas” (Idem, p. 15). Isto significa a *ocupação* ou *não-ocupação* dos lugares no real que, em nossa perspectiva, se dá pelo acontecimento enunciativo. Ou seja, pelo funcionamento da linguagem na e pela enunciação, os espaços são, também, significados, como o *espaço daqueles que ocupam o lugar da paz* e o *espaço daqueles*

que ocupam o lugar dos que querem ameaçar a paz mundial, ou, o não-ocupam o espaço da paz.

Outra característica que nos ajudará a observar os sentidos constituídos pelo acontecimento enunciativo em **R9 (a)**, funda-se em uma perspectiva histórica, simbólica, das relações entre Estados Unidos e os três Estados que formam o **eixo do mal**. Tomaremos, neste ponto específico acontecimentos singulares na história das relações entre Estados Unidos e Irã, Iraque e Coreia do Norte, significadas por características conflituosas como a Guerra da Coreia na década de 1950; a Revolução Islâmica no Irã na década de 1970; a Guerra Irã x Iraque na década de 1980; e a primeira Guerra do Golfo entre Estados Unidos e Iraque no início da década de 1990.

Estes acontecimentos *isolados* e *singulares* não definem a constituição e a significação da formação ou criação de um grupo determinado por **eixo do mal**. Mas, como dissemos anteriormente, tomados os acontecimentos por uma característica serial que estabelecem relações objetivas entre si tomando a direção, sempre, de uma nova atualização da história, estes acontecimentos significam as relações estabelecidas entre Estados Unidos e os países considerados, pelos americanos, como **eixo do mal**.

Já na sequência enunciativa **R9 (b)** podemos perceber de maneira clara que estes três Estados, considerados pelo locutor-presidente como **eixo do mal**, refutaram esta afirmação feita pelo ex-presidente estadunidense dizendo que não formam este tal grupo e que não estão desenvolvendo armas de destruição em massa com o intuito de ameaçar tanto os EUA quanto o resto do mundo.

Neste sentido, encontramos a fala do Oriente marcando sua afirmação de pertencimento ao grupo dos não incluídos pelos Estados Unidos e seus aliados. Pois, ao enunciar **eixo do mal**, temos como constituição de sentido o imaginário que parte do pressuposto de que há um **eixo do bem** que busca assegurar a paz e a liberdade no mundo. Há, portanto, nestes acontecimentos uma divisão imaginária, ilusória e maniqueísta entre o **Bem** e o **Mal**, que, pode ter como memorável, enunciações religiosas, bíblicas da eterna **luta** entre o céu e o inferno, Deus e o Diabo.

Nos acontecimentos de **R9 (a)**, **eixo do mal** funciona como um processo de nomeação a um *grupo* formado entre Estados soberanos. O locutor-presidente, ao dizer: “*Estados como esses [Irã. Iraque e Coreia do Norte] e seus aliados terroristas constituem um eixo do mal, armando-se para ameaçar a paz mundial*”, faz com que a palavra

“*constituem*” reforce a ideia de que a expressão **eixo do mal** funcione com o sentido de formar um *grupo* de Estados que constituem o lugar dos inimigos do Ocidente e que tomam como aliados terroristas que *pretendem* agir contra os Estados Unidos e seus aliados além de ameaçar a estabilidade da paz no mundo.

Nestas duas sequências enunciativas, **R9 (a)** e **R9 (b)**, a configuração e a constituição de um espaço de enunciação regulado por uma deontologia de acesso à palavra (Guimarães, 2002), ilustram com clareza a divisão do real pela língua, pelo funcionamento da linguagem que revelam certa hegemonia nos dizeres relatados de *um* e o não-acontecimento (Rancière, 1996), do *outro*. Enunciações que partem do Ocidente significam e instituem sentidos em uma direção que “[...] determina os que tomam parte” (Rancière, *idem*, p. 17), que ocupam um *lugar* no real que os permitem *dizer e entender* aquilo que se diz.

Por outro lado, existem o lugar, *não-lugar*, e os acontecimentos, *não acontecimentos*, daqueles que afirmam seu pertencimento a uma *parte* do real. Neste sentido, Irã, Iraque e Coréia do Norte, ao refutarem as afirmações ocidentais quanto à formação de um **eixo do mal** que ameaça a paz mundial, estes Estados compreendem a linguagem, mas não a tem. O Oriente diz mas não tem acesso à palavra, ou seja, seus dizeres, os acontecimentos enunciativos que partem do Oriente em direção ao Ocidente constituem-se em um *não-acontecimento*, em dizeres sem sentidos.

Desta forma, ao se enunciar *Estados como esses...*, e a refutação *desses Estados* ao que se foi enunciado *sobre*, a divisão desigual do real nos acontecimentos enunciativos em **R9 (a)** e **R9 (b)** se encontra no ponto específico em uma relação de embate e confronto entre quem *pode dizer e entende aquilo que se diz* e aqueles que mesmo *sendo e dizendo*, não *são* e não *dizem*. A distribuição e a divisão do espaço de enunciação caracterizado pelo funcionamento do *político* na linguagem, no acontecimento enunciativo apresenta um Ocidente que diz por ter o *direito* ao acesso à palavra e um Oriente que não tem este *direito* e tem seus dizeres caracterizados por um *não-dizer*, que diz sem poder dizer.

Em um outro recorte no qual funciona a expressão **eixo do mal**, retirado do jornal Folha de São Paulo do lugar tipificado pelo locutor-empresa como Primeiro Caderno, **R10**, observaremos o funcionamento da expressão **eixo do mal** em um texto intitulado “A origem do ‘eixo do mal’”. Este recorte está dividido em duas sequências enunciativas **R10 (a)** e **R10 (b)**, sendo que, na primeira a expressão funciona e faz referência dentro

do próprio texto ao “criador” da expressão **eixo do mal**, e na segunda podemos observar a “inspiração” para tal expressão.

R10

- Folha de São Paulo; Primeiro Caderno, página 2
- 26 de março de 2002.

“A origem do ‘eixo do mal’”

R10 (a).

“Por um deslize de uma mulher orgulhosa, descobriu-se recentemente a origem trivial da expressão ‘**eixo do mal**’, com a qual o presidente George W. Bush classificou, no dia 29 de janeiro, uma suposta aliança malévola entre a Coréia do Norte, o Iraque e o Irã”.

R10 (b).

“Frun achou que acertara ao inspirar-se na **aliança** formada em 1939 entre a Alemanha, a Itália e o Japão. Acabou construindo um monumento ao maniqueísmo. A idéia de um **eixo** pressupõe a existência de sinergia, de comunicação e estratégia comum entre o Iraque, o Irã e a Coréia do Norte”.

Em **R10** a configuração da cena enunciativa se dá em um primeiro momento por um Locutor (L) que é predicado pelo locutor-empresa que tipificou os lugares e espaços do jornal autorizando o locutor-jornalista a dizer no espaço que está a notícia. Em um segundo momento, outro L é predicado pelo lugar social de dizer do locutor-jornalista que diz que o locutor-presidente dos EUA, que predica outra figura de Locutor, “classificou” Irã, Iraque e Coréia do Norte como **eixo do mal**. Temos então um locutor-jornalista que assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual e um locutor-presidente que assimila o lugar de dizer de Enunciador-Universal pela performatividade que o lugar social de dizer lhe dá para dizer o que disse.

Ainda quanto à configuração da cena enunciativa temos em **R10 (b)** o locutor-jornalista dizendo sobre o que disse o locutor-assessor de imprensa do presidente dos Estados Unidos. Nesse caso, o locutor-assessor de imprensa assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual sendo o responsável por aquilo que diz (escreve).

Na primeira sequência de **R10, R10 (a)**, observamos ter-se descoberto a “origem” da expressão **eixo do mal** pelo deslize da esposa orgulhosa do “criador” de uma expressão que correu o mundo através dos meios de comunicação. Ainda nesta mesma sequência, podemos observar um funcionamento pragmático e referencialista quando se diz que o locutor-presidente dos EUA *classificou* uma suposta aliança do mal entre Coréia do Norte, o Iraque e o Irã.

Não tomaremos, portanto, o processo de nomeação como uma classificação, como um processo de *etiquetagem* de algo no real. A nomeação, segundo Guimarães (2002), não classifica objetos, mas sim, os identifica e significa no acontecimento enunciativo. Para tanto, observaremos o funcionamento desta nomeação pelo processo de reescrituração por condensação, ou seja, isso não significa dizer que **eixo do mal** reescreve individualmente os nomes dos três países, Coréia do Norte, Irã e Iraque, mas, no acontecimento enunciativo, a expressão/nomeação reescreve e significa um *grupo* constituído por estes três Estados. Porém, este *grupo* é constituído nos dizeres ocidentais, é identificado e significado nos dizeres ocidentais.

E o que estes dizeres, além de identificar, significam? Quais os sentidos aí constituídos na temporalidade própria do acontecimento enunciativo? Em primeiro lugar, a expressão **eixo do mal** particulariza no interior do acontecimento enunciativo este grupo formado por estes três Estados, ou seja, a referência funciona como uma particularização no processo de designação de Coréia do Norte, Irã e Iraque como **eixo do mal** nos dizeres ocidentais. Em um segundo momento, pode-se observar que nas duas sequências enunciativas, **R9 (a)** e **R9 (b)**, passam a significar nestes acontecimentos elementos do cenário internacional que se “preparam” para ameaçar a paz mundial, os Estados Unidos e o restante do planeta com armas de destruição em massa e com o terror.

E, como vimos anteriormente que a reescrituração liga pontos de um texto a outro texto (Guimarães, 2007), aquilo que **eixo do mal** significa em **R9 (a)** e **R9 (b)**, é também significado ao se reescrever por repetição **eixo do mal** em **R10 (a)**. Porém, ao retomar por reescrituração por repetição, **eixo do mal** em **R10 (a)**, esta expressão é predicada por

“*uma suposta aliança malévola*” organizada por Coréia do Norte, Irã e Iraque. Podemos observar neste fragmento que *aliança malévola* indica o sentido de uma *intenção* de formação de uma *aliança* do mal em relação ao Ocidente. Mas, o que nos interessa aqui é o sentido de que aponta na direção, independente da *intenção* ou não de formação de uma aliança, de que estes três países representam e constituem o *mal* nos dizeres da mídia ocidental, e, representam o *mal* em relação ao próprio Ocidente.

Na sequência enunciativa de **R10 (b)**, percebe-se o funcionamento de uma *argumentação* em relação ao funcionamento da expressão **eixo do mal** no acontecimento enunciativo. A constituição dos sentidos e do significado da expressão/nomeação não se reduz à intenção ou à inspiração para a expressão, pois, se *Frun achou que acertara*, é nítida a incerteza daquilo que se *pensa* dos sentidos que acha que se pode *constituir* pela intenção. Os sentidos são constituídos no acontecimento enunciativo pela relação que tem a língua com a história, com o simbólico. Ao enunciar **eixo do mal**, este acontecimento enunciativo recorta dizeres que referem-se à Segunda Guerra Mundial nos quais funcionam a expressão/nomeação **eixo** designando uma *aliança* de três Estados predicados por *desumanos, inimigos, totalitários, opressores, inimigos da liberdade e da vida*. Ou seja, nos recortes **R4, R5, R6, R7, e R8**, e suas divisões (sequências), podemos observar o deslocamento de sentidos constituídos pelo acontecimento e funcionamento da expressão **eixo** que particularizou Itália, Alemanha e Japão como os “Inimigos do Ocidente e da raça humana”.

A este ponto, percebe-se que, como nos acontecimentos que compõem os recortes referente a **eixo**, em **R10 (a)** e **R10 (b)**, o funcionamento da expressão/nomeação **eixo do mal** instituiu sentidos que formam um imaginário de que o *outro*, aquele de quem se fala e para quem se fala, é o mal, o lugar do mal, do inimigo da paz e da ordem. Desta forma, constitui-se aquilo que se diz no texto, “*um monumento ao maniqueísmo*”, ou seja, **eixo do mal**, ao ser enunciado, constitui os sentidos de uma luta entre o *bem* e o *mal*, entre um Estados Unidos defensor da democracia, da liberdade e da paz, e um Oriente opressor, ditatorial e que busca armar-se para ameaçar a paz.

Ou seja, os acontecimentos nos quais funcionam a expressão **eixo** são enunciações passadas recortadas como memorável pelos acontecimentos enunciativos da mídia ocidental onde a expressão/nomeação **eixo do mal** funciona constituindo sentidos e significações por aquilo que Guimarães (2002) estabelece como “uma nova atualização” (Idem), ou, de acordo com Veyne (1998), *uma ligação objetiva entre os acontecimentos*,

caracterizando a não repetição da história, mas, como já dissemos, uma atualização dos sentidos e das significações pelo acontecimento enunciativo.

Passemos agora às análises do recorte seguinte que também nos apresentará o funcionamento semântico enunciativo da expressão/nomeação **eixo do mal**.

No recorte **R11**, retirado do Jornal Folha de São Paulo do dia 2 de fevereiro do ano de 2002 do espaço Guerra sem Limites no lugar constituído pelo locutor-empresa como Caderno Folha Mundo, encontramos críticas feitas ao discurso do locutor-presidente dos Estados Unidos no qual “juntou” Irã, Iraque e Coréia do Norte no mesmo grupo de Estados que busca “aterrorizar” os Estados Unidos produzindo armas de destruição em massa. Neste recorte não apenas a ex-secretária de estado dos EUA como o chanceler britânico e o secretário-geral da Otan fizeram críticas à nomeação destes três países por **eixo do mal**. Esse recorte é apresentado em apenas uma sequência enunciativa, **R11 (a)**.

R11

- Folha de São Paulo. Caderno Folha Mundo, Guerra sem Limites. São Paulo, Sábado, 2 de Fevereiro de 2002. Pág. A9.

R11 (a).

“A ex-secretária de Estado americana Madeleine Albright criticou ontem o presidente dos EUA, George W. Bush, por ter classificado Irã, Iraque e Coréia do Norte como o ‘**eixo do mal**’.

Não foi a única voz dissonante: o chanceler britânico, Jack Straw, e o secretário-geral da Otan (aliança militar ocidental), George Robertson, advertiram que Washington deve refletir cuidadosamente antes de expandir a luta contra o terror a outros países”

Em entrevista à TV NBC, Albright, que chefiou a diplomacia americana no governo de Bill Clinton (1992-2000), disse que Bush cometeu um ‘sério erro’ ao juntar Irã, Iraque e Coréia do Norte em seu discurso terça-feira passada.

Nesse discurso, Bush acusou esses países de trabalhar para desenvolver armas de destruição em massa e disse que seu governo os impedirá de ‘aterrorizar os EUA’.

‘Em primeiro lugar, esses países são muito diferentes um do outro’, disse Albright.

A configuração da cena enunciativa em **R11** torna-se bastante interessante por uma característica específica. A divisão das figuras enunciativas dá entre 6 Locutores (L) e 6 lugares sociais de dizer (locutor-x ou apenas l-x). Em um primeiro momento temos a figura do locutor-empresa que tipificou e constituiu os espaços e lugares de dizer no interior do jornal. Em segundo lugar encontramos a figura do locutor-jornalista que diz de forma indireta o que disseram a locutora-ex-secretária de Estado dos EUA, o locutor-presidente dos EUA, o locutor-chanceler britânico e o locutor-secretário geral da Otan.

Temos então, que cada um desses locutores (a) (l-x) assimila um lugar específico de dizer, Enunciador (E). O locutor-jornalista assimila o lugar de Enunciador-individual assim como a locutora-ex-secretária de Estado dos Estados Unidos. Ou seja, são responsáveis individualmente por aquilo que se diz. O locutor-presidente dos EUA assimila aqui o lugar de dizer de Enunciador-universal por seu dizer assimilar o valor de verdade universal. Já os locutores, locutor-chanceler britânico e o locutor-secretário geral da Otan assimilam o lugar de dizer de Enunciador-coletivo, pois dizem por uma coletividade, por um país e por uma organização internacional.

Temos então em um primeiro momento, observa-se no texto uma crítica feita pela locutora-ex-secretária de Estados dos EUA quanto à *classificação* de Irã, Iraque e Coreia do Norte como **eixo do mal**. E, como supracitado, não nos colocamos, nas análises linguísticas, em uma condição lógica e pragmática de ligação entre a língua e um estado de coisa no mundo. Nos colocamos, sim, no lugar teórico da semântica da enunciação (Guimarães, 2002), que observa a constituição dos sentidos e dos significados por uma perspectiva enunciativa, materialista, na relação da língua/linguagem com o simbólico, com a história.

Portanto, não há, neste caso, a classificação destes países pela expressão, e sim, a identificação, a designação de *um grupo de países* particularizados, ou seja, referenciados dentro do próprio texto, pela expressão **eixo do mal**.

Em outro aspecto, quando se diz que há uma *crítica* referente a esta nomeação de um grupo formado por Irã, Iraque e Coréia do Norte, isso significa, no acontecimento a constituição de sentidos negativos pelas enunciações que partem do Ocidente em relação a estes três Estados orientais. Pelo processo de reescrituração será possível, pela análise, observar o deslocamento dos sentidos em relação a esta expressão na continuidade do texto.

Em uma primeira análise, os nomes dos três países, Irã, Iraque e Coréia do Norte são reescriturados por condensação pela expressão **eixo do mal**. Ou seja, nos dizeres *críticos* quanto à “*classificação*” destes três Estados, Irã, Iraque e Coréia do Norte são significados por **eixo do mal** instituindo, novamente, sentidos negativos de que estes países são a representação do mal, do terror.

Na sequência, **eixo do mal** é reescriturado por *outros países*, em relação à expansão da *luta contra o terror* que Bush declarou após os atentados de 11 de setembro. Adiante, ao dizer que “Bush acusou esses países [...]”, observamos uma retomada anafórica de Irã, Iraque e Coréia do Norte ao funcionar no texto a expressão “esses países”, ou seja, funciona neste caso, o processo de reescrituração por anáfora. Observamos então que os sentidos constituídos nestes dois últimos casos em **R11 (a)**, é o de que os três Estados orientais, Irã, Iraque e Coréia do Norte formam um grupo nomeado pelo locutor-presidente dos Estados Unidos por **eixo do mal** que busca *aterrorizar* os EUA produzindo armas de destruição em massa. São sentidos estes que formam uma imagem negativa sobre os três países no imaginário ocidental.

Em outro recorte, **R12**, retirado do jornal Folha de São Paulo do lugar constituído e tipificado pelo locutor-empresa como Caderno Folha Mundo, encontramos os dizeres de Ariel Sharon, ex-primeiro-ministro de Israel e principal *aliado* dos Estados Unidos na região do Oriente Médio, referentes à **guerra ao/contra o terror** e ao **eixo do mal**. Esse recorte é constituído por apenas uma sequência enunciativa, **R12 (a)**.

R12

Com Sharon, Bush Pressiona Arafat

- Folha de São Paulo. Caderno Folha Mundo, Oriente Médio. São Paulo, Sexta-feira, 8 de Fevereiro de 2002. Pág. A9.

“Em seu encontro ontem em Washington, Sharon também teria exortado Bush a ignorar os temores europeus em relação à sua ‘**guerra ao terror**’ e a não fraquejar nas iniciativas contra o que ele chamou de ‘**eixo do mal**’, que inclui dois dos maiores inimigos de Israel: Irã e Iraque”.

A cena enunciativa em **R12** é configurada em um primeiro momento por um Locutor (L), que se representa como a origem daquilo que se diz, predicado pelo lugar social de locutor-empresa que tipificou os espaços e lugares no interior do jornal Folha de São Paulo. Em um segundo momento, outro Locutor aparece aí predicado e autorizado a dizer pelo lugar social de locutor-jornalista que diz de forma indireta o que disse o locutor-primeiro-ministro de Israel e também, o locutor-presidente dos EUA. Assim, o locutor-jornalista ao se responsabilizar por aquilo que diz assimila o lugar de dizer de Enunciador-individual. O locutor-primeiro-ministro de Israel assimila o lugar de dizer de Enunciador-coletivo, falando por seu país, pela segurança do povo israelense. Já o locutor-presidente dos Estados Unidos assimila o lugar de dizer de Enunciador-universal ao declarar **guerra ao terror** e por nomear Irã e Iraque (que aparecem no recorte **R12**) por **eixo do mal** tendo seus dizeres um valor de verdade universal.

Em **R12 (a)**, pode-se observar um processo de referencialização interna no texto quando o ex-primeiro-ministro israelense diz em um encontro com Bush em Washington para: “[...] ignorar os temores europeus em relação à sua ‘**guerra ao terror**’ e a não fraquejar nas iniciativas contra o que ele chamou de ‘**eixo do mal**’, que inclui dois dos maiores inimigos de Israel: Irã e Iraque”.

Nas duas expressões empregadas por Ariel Sharon, **guerra ao terror** e **eixo do mal**, na mesma temporalização, percebe-se tanto o processo de referência interna no texto, quando **eixo do mal** faz referência a **terror**, e, portanto, as iniciativas contra este **eixo** correspondem à **guerra**, quanto ao de um memorável pelo acontecimento enunciativo do conflito existente há anos entre Israel, Irã e Iraque e a grande incidência de atentados terroristas na região. Ou seja, Israel coloca-se em uma posição favorável às

ações preventivas dos EUA e considera também Irã e Iraque como partes de um **eixo do mal**.

Este processo de referência interna no texto, no acontecimento enunciativo, não é realizado pela pessoa que diz e nem mesmo pela expressão que é dita. É a temporalidade específica do acontecimento que produz esta referência quando recorta um memorável que funciona como um “[...] passado próprio da temporalidade do acontecimento [...]” (Guimarães, 2002, p. 42). Ou seja, o fato de **eixo do mal** fazer referência a **terror** neste acontecimento enunciativo não é vontade e nem realização individual de um sujeito ou um Locutor que enuncia, é a especificidade própria do funcionamento da língua na e pela enunciação, no acontecimento enunciativo que atravessa um memorável que significa e faz significar.

Por não ser uma repetição, a *história* narrada, escrita, faz significar os dizeres do locutor-presidente dos Estados Unidos. E o que faz significar? Quais os sentidos instituídos por seus dizeres que trazem o funcionamento da expressão **eixo do mal** nomeando Irã, Iraque e Coreia do Norte? Estes acontecimentos enunciativos, poderíamos dizer, estão *carregados de história*, de acontecimentos passados que nos permitem observar esta divisão desigual do real (Guimarães, Idem) que tanto falamos neste trabalho.

Como pudemos observar no primeiro capítulo deste trabalho, trouxemos três formas de se compreender a origem e a formação da sociedade. Na terceira e última perspectiva de formação social esboçamos brevemente a teoria materialista de formação social a partir do trabalho e da produção material do homem. Apresentamos conjuntamente que a sociedade é formada por esta relação de contradição, de embate entre os homens. E, transferindo e observando que a linguagem é social, a linguagem funciona em sociedade, esta divisão desigual do real se dá pelo funcionamento do político na linguagem. A língua e a linguagem significam pela relação simbólica que têm com a história, com o real.

A contradição está no acontecimento enunciativo que constitui sentidos negativos sobre o Oriente que é dito, significado nas enunciações midiáticas ocidentais como o lugar do *mal*, do *terror*, do *inimigo da paz*. Assim, a *partilha* do real pelo funcionamento da língua se dá pelo direito de acesso à palavra de uns e o não-direito daqueles que mesmo *dizendo* e *entendendo* não dizem, não contam, não têm acesso à palavra, não entendem,

os lugares de enunciação são agenciados a falar na cena enunciativa atravessados regulados pela disputa própria do espaço de enunciação (Guimarães, 2002).

A divisão desigual do real se dá, também, pelo funcionamento de “marcas” da língua instituindo o “*nós*” – o Ocidente – e, o “*eles*” – o Oriente –, o *outro*, o *diferente* que é significado nos acontecimentos enunciativos cujo lugar social de locutor é o do Ocidente. Assim, tratando-se de um espaço de enunciação caracterizado por ser *global*, destaca-se certa hegemonia da língua inglesa americana na constituição dos sentidos na mídia ocidental, na política global e na ciência mundial.

Neste sentido, a expressão **eixo do mal** enunciada na mídia ocidental, tendo como “origem” um locutor-presidente dos Estados Unidos, ou seja, tendo como “origem” um lugar social de presidente da “maior potência global”, constitui sentidos *hegemônicos* em relação ao *não-acontecimento* que caracteriza os dizeres dos líderes, ou representantes, das nações significadas e reescrituradas por aquela expressão. Desta forma, o espaço de enunciação é configurado também por esta “*hegemonia político-enunciativa*” e caracterizado pelo embate linguístico que institui aquele que diz e pode dizer e aqueles que ocupam um *não-lugar*, ou seja, os excluídos que afirmam seu pertencimento no todo (Guimarães, 2002).

No caso da expressão **eixo do mal**, a principal diferença está no fato de que um grupo de países *nomeados* pelo locutor-presidente dos EUA, é significado por esta expressão como um grupo que ameaça a paz. Não há indícios históricos de relações diplomáticas ou da formação de um grupo entre estes três Estados com o objetivo de destruir os EUA e seus aliados do Ocidente. A discussão é passada então para o lugar da série de acontecimentos históricos e enunciativos que irão significar e instituir os sentidos da expressão **eixo do mal**.

Como já visto no primeiro capítulo, o lugar onde esboçamos um breve histórico das relações entre o Ocidente e o Oriente, as relações ocidentais com a região oriental do globo não foram, em toda sua extensão, amistosas e diplomáticas. Desde o fim da segunda guerra mundial, instalou-se uma “nova ordem mundial”, caracterizada por uma sociedade internacional *bipolar*, dividindo o mundo entre capitalistas (ocidentais aliados dos EUA) e comunistas (em sua maioria orientais aliados à URSS). Este período, delimitado *cronologicamente* de 1945 a 1991, foi um momento caracterizado pela tensão bélica e

nuclear e, também, por uma *certa* “tensão linguística” entre os EUA e a URSS no espaço de enunciação global compreendido no espaço do Conselho de Segurança da ONU.

É neste período de acontecimentos históricos caracterizados pela tensão diplomática, bélica e nuclear que encontramos então a significação e os sentidos da expressão **eixo do mal**. De 1950 a 1953 houve a “Guerra da Coreia” o que dividiu o território coreano em Coreia do Sul (capitalista) e Coreia do Norte (comunista); na década de 1970 houve a Revolução Islâmica, ou Revolução Iraniana, fazendo do Irã uma República Islâmica em 1979; a “Guerra Irã x Iraque” na década de 1980, na qual os Estados Unidos se colocaram como aliados do Iraque; e as duas “Guerras do Golfo” entre os EUA e seus aliados contra o Iraque de Saddam Hussein. De acordo com Vizentini (2004):

Ainda durante a guerra do Afeganistão, autoridades americanas declararam que outros países representavam uma ameaça à América, devendo ser invadidos, o que inquietou a opinião pública e os meios diplomáticos. Este ‘eixo do mal’, como definiu Bush em sua linguagem religiosa, seria integrado pela Líbia, Síria, Irã, Coreia do Norte e, em certa medida, Cuba. Durante o ano de 2002, a Casa Branca deixou clara sua intenção de atacar o Iraque, que acusava de possuir armas de destruição em massa e de ter conexões com a rede Al Qaeda (Idem, p. 131).

Este fragmento enunciativo do livro de Vizentini (Idem), recorta um memorável que constitui sentidos na direção de, em primeiro lugar, “outros países” nomeados e identificados como *aqueles que formam um grupo do mal*, são uma ameaça à América. Neste caso, América reescritura Estados Unidos pelo processo de substituição, instituindo o sentido de potência representativa do continente americano no cenário internacional. Ou seja, um ataque aos Estados Unidos, passa a ser um ataque à América.

Em um segundo momento, aparece a expressão “*linguagem religiosa*” em referência à expressão **eixo do mal**. Este acontecimento enunciativo recorta um outro memorável, o de enunciações religiosas que divide, de forma desigual, o “palco do mundo” entre aqueles que estão no lugar do bem e aqueles que estão no lugar do mal. A “linguagem” religiosa nos leva a observar esta constante batalha do bem contra o mal, do céu contra o inferno e rememora, até certo ponto, a épica batalha entre cruzados cristãos, ocidentais, contra os *bárbaros* turcos, orientais, durante a Idade Média.

Nesta relação que tem a língua com a história, com a *série de acontecimentos* (Guimarães, 2004), temos que o que significa os “novos inimigos do Ocidente” que

formam este **eixo do mal**, são as relações contraditórias e de embate que se dão em acontecimentos passados descritos e narrados pela produção histórica. O locutor-presidente dos Estados Unidos ao definir Irã, Iraque e Coreia do Norte dizendo “*Estados como esses* [...]”, o pronome “*esses*” no plural, funciona como um processo de reescrituração por anáfora (Guimarães, 2002), de retomada, dos três Estados soberanos, nomeados pela expressão **eixo do mal**. E, ao reescrever desta forma, no acontecimento enunciativo faz funcionar também o memorável instituindo sentidos de que estes três Estados, Irã, Iraque e Coreia do Norte, já foram “inimigos do Ocidente”, e o são novamente como aqueles que buscam “ameaçar a paz mundial”, produzindo armas de destruição em massa e mantendo relações com organizações terroristas.

O bibliotecário e professor de História, Whittaker (2005), em seu livro “TERRORISMO: UM RETRATO” (Idem), diz que:

Os pronunciamentos dos Estados Unidos sobre terrorismo enfatizam crescentemente um componente ético como força motriz da contra-ção coletiva. A retórica do perigo iminente foi percebida no discurso sobre o Estado da Coalizão que o Presidente George Bush pronunciou em Capitol Hill em janeiro de 2002. Os patrocinadores de terrorismo – Irã, Iraque, Coreia do Norte –, anteriormente fustigados como ‘Estados nocivos’ e mais tarde (pelo Presidente Clinton) como ‘Estados preocupantes’, foram então incluídos num ‘eixo do mal’. As pessoas tachadas como ‘más’ que portassem armas consideradas como ‘más’ foram igualadas a ‘terroristas’. A América não esperaria por eventos em que o Mal ameaçasse o Bem e os perigos fossem se acumulando. Mais tarde, em abril de 2002, o presidente insistiu que era inevitável uma escolha ética: *‘Desde 11 de setembro, venho repetindo esta mensagem. É preciso que todos optem. Ou se está com o mundo civilizado ou se está com os terroristas’* (Idem, p. 443). (Grifo nosso).

Neste longo fragmento que retiramos do livro de Whittaker (2005), temos em funcionamento enunciativo e histórico expressões como “Estados nocivos” e “Estados preocupantes”, fazendo referência e particularizando dentro do texto Irã, Iraque e Coreia do Norte. Estas expressões funcionam no discurso do locutor-presidente dos Estados Unidos como um memorável, recordações enunciativas, que irão significar o funcionamento da expressão (nomeação), **eixo do mal** a estes três mesmos Estados. Se antes, Irã, Iraque e Coreia do Norte formavam um grupo de países, para os EUA, caracterizados por “Estados nocivos” e “Estados preocupantes”, hoje são, estes, Estados que formam um **eixo do mal** ainda nocivos e preocupantes aos Estados Unidos e para o Ocidente.

Ao mesmo tempo, neste acontecimento, os três Estados soberanos são predicados como “Os patrocinadores do terrorismo [...]” e na sequência, como o “Mal” que ameaça o “Bem” (a América). É inevitável não se observar que nestes acontecimentos enunciativos o “político” funciona e que, o real é dividido de forma maniqueísta entre o “Bem” que repousa no Ocidente e o “Mal” que ameaça o mundo no Oriente. Ou seja, o real é dividido desigualmente em uma contradição às normatividades (Guimarães, 2002), ao Direito Internacional e à Declaração Universal dos Direitos Humanos. Porém estas normatividades do Direito Internacional e da Declaração Universal são “quebradas” ao funcionar a Política do Poder (Wight, 2002) em uma sociedade internacional predicada como anárquica (Idem, 2002). Ou seja, o poder bélico de grandes potências sobrepõe aquilo que está escrito e dito nas Cartas (Carta da ONU) e convenções internacionais.

Ainda, no final deste fragmento, temos uma pequena transcrição de enunciações do locutor-presidente dos EUA, dizendo que: “*Ou se está com o mundo **civilizado** ou se está com os **terroristas***”. Neste acontecimento esta divisão da qual falamos está mais “nítida”, mais “clara”. Ao dizer *Ou se está com o mundo **civilizado***, os sentidos que se constroem neste acontecimento, levam à formação no imaginário ocidental de que a *civilização* e o *bem* estão no próprio Ocidente, nos Estados Unidos e seus aliados enquanto que, aqueles “Estados nocivos e preocupantes” que formam o **eixo do mal**, Irã, Iraque, Coreia do Norte, e antigos inimigos do Ocidente, Líbia, Síria e Cuba, constituem um grupo de países não civilizados, onde o *mal* se encontra, ou seja, um grupo de Estados *terroristas*.

Considerações Finais

Observamos ao longo desse trabalho de pesquisa a constituição dos sentidos e a construção de significados em acontecimentos enunciativos que partiram do Ocidente em direção ao Oriente. Os sentidos constituídos e os significados construídos nas enunciações midiáticas ocidentais nos apresentam um Oriente como um lugar, em certos aspectos, ruim, mal, *fonte* do terror e da ameaça global à paz mundial. Além disso, observamos um Oriente Médio que, segundo o Ocidente, não aceita ou não responde a uma *linguagem diplomática*, a negociações.

Estes acontecimentos enunciativos que constroem um imaginário ocidental sobre o povo e a religião do Oriente Médio como dissemos, não é algo novo, não é uma “invenção pós atentados do 11 de setembro”. A figura do *orientalista* (Said, 2007) europeu do século XIX; as duas guerras mundiais; a criação do Estado de Israel; a revolução iraniana, ou islâmica; a guerra Irã x Iraque; as duas guerras do Golfo (1991-2003); e a invasão do Afeganistão pelos Estados Unidos e aliados, são acontecimentos que relatados nos jornais ocidentais significam a região médio oriental na direção que se deram nossas análises até o momento.

E em qual direção seguiram nossas análises sobre os recortes selecionados para essa pesquisa? Em primeiro lugar pudemos observar que os acontecimentos enunciativos nos quais funcionam a expressão **guerra ao/contra o terror** constituíram sentidos na direção de que esta não se trata de uma *guerra convencional*, ou seja, uma guerra entre Estados nacionais e soberanos que ocupam um espaço no território mundial e identificados nos mapas. O inimigo é *esquivo* e, até certo ponto, *invisível* nos mapas, significados construídos para as *redes terroristas de alcance global*.

Em um segundo momento, não apenas as *redes terroristas de alcance global* e *invisíveis* constituem sentidos na direção de uma ameaça aos Estados Unidos, ao Ocidente e à paz mundial. *Ditadores desequilibrados* que detenham armas de destruição em massa podem enviá-las por meio de mísseis balísticos contra o Ocidente ou transferir essas armas para seus *aliados terroristas*. Ou seja, a **guerra** não é apenas contra o **terror**, mas também, contra *ditadores desequilibrados* que detenham armas de destruição em massa.

Em terceiro lugar, nossas análises nos levam a observar a constituição de sentidos que apontam na direção de que existe uma relação entre as expressões analisadas e que

funcionam nos acontecimentos enunciativos da mídia ocidental. E esta não se trata de uma simples relação de expressões, mas, de uma relação delicada e que deve ser observada com cuidado.

Como observamos, a expressão **guerra ao/contra o terror** ao funcionar nos recortes selecionados constituem sentidos que nos apresentam que não apenas *redes* ou grupos terroristas constituem um risco aos EUA e ao Ocidente. *Ditadores desequilibrados*, e ditadores neste caso significa líder de um país, de um Estados, são também significados como possíveis *alvos* dessa **guerra**. Porém, ao enunciar e, no acontecimento enunciativo observa-se o processo de nomeação, a expressão **eixo do mal** nomeando um grupo de países formado por Irã, Iraque e Coréia do Norte, Estados de regime ditatorial, acaba por significar estes países como Estados que se *armam para ameaçar a paz mundial*.

Nesse aspecto, e de maneira muito específica, abre-se a possibilidade de relação entre essas duas expressões constituindo sentidos na direção de que essa **guerra ao/contra o terror** nada mais é do que uma **guerra contra o eixo do mal**. Ou seja, se esta **guerra** ultrapassa o sentido de que é apenas contra o terror e segue na direção de *ditadores desequilibrados* e, se o **eixo do mal** constitui sentidos de que o grupo de Estados, que têm como aliados grupos terroristas, nomeados e significados por essa expressão a partir de acontecimentos enunciativos ocidentais, pode-se concluir então que esta **guerra** constitui-se também em uma **guerra contra o eixo do mal**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERY, MARIA AMÁLIA PIE ABIB. SÉRIO, TEREZA MARIA DE AZEVEDO PIRES. **A Prática, a História e a Construção do Conhecimento: Karl Marx. In: Para Compreender a Ciência: Uma Perspectiva Histórica.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Garamond Ltda, 2007.

ARENDT, HANNAH. **A Condição Humana.** 10º edição. Rio de Janeiro, RJ: Editora Forense Universitária, 2007.

BARROS, JOSÉ MANOEL DE AGUIAR. **Terrorismo: Ação – Reação – Prevenção.** São Paulo, SP: Editora Arte & Ciência, 2003.

BENVENISTE, ÉMILE. **Problemas de Linguística Geral I.** 4º edição. Campinas, SP: Editora Pontes, 1995.

_____. **Problemas de Linguística Geral II.** 2º edição. Campinas, SP: Editora Pontes, 2006.

BULL, HEDLEY. **A Sociedade Anárquica.** São Paulo, SP: Imprensa Oficial Do Estado De São Paulo, 2002.

CARR, CALEB. **A Assustadora História Do Terrorismo.** (Coleção Assustadora História). Rio de Janeiro, RJ: Editora Ediouro, 2002.

CHOMSKY, NOAM. **Poder e Terrorismo: entrevistas e conferências pós – 11 de setembro.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2005.

CLAUSEWITZ, CARL VON. **Da Guerra.** 2º edição, 2º tiragem. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 2003.

DALLARI, DALMO DE ABREU. **Elementos De Teoria Geral Do Estado.** 24º edição. São Paulo, SP: Editora Saraiva, 2003.

DUCROT, OSWALD. **O Dizer E O Dito.** Campinas, SP: Editora Pontes, 1987.

GATTAZ, ANDRÉ. **A Guerra Da Palestina: Da Criação Do Estado De Israel À Nova Intifada.** 2º edição. São Paulo, SP: Editora Usina Do Livro, 2003.

GREGOLIN, MARIA DO ROSÁRIO. **A Mídia e a Espetacularização da Cultura. In: Discurso e Mídia: a Cultura do Espetáculo.** São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2003.

GUIMARÃES, EDUARDO. **Domínio Semântico. In: A Palavra: Forma e Sentido.** Campinas, SP: Editora Pontes, 2007.

_____. **Dois Modos de Não Dizer EU. In: Discurso e Políticas Públicas Urbanas: A Fabricação do Consenso.** Campinas, SP: Editora RG, 2010.

_____. **História da Semântica: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil.** Campinas, SP: Editora Pontes, 2004.

_____. **Texto e Argumentação: Um Estudo de Conjunções do Português.** 3º Edição. Campinas, SP: Editora Pontes, 2002.

_____. **Semântica e Pragmática. In: Introdução Às Ciências da Linguagem: A Palavra E A Frase.** Campinas, SP: Editora Pontes, 2006.

_____. **Os Limites Do Sentido: Um Estudo Histórico E Enunciativo Da Linguagem.** 3º edição. Campinas, SP: Editora Pontes, 2005.

_____. **Semântica Do Acontecimento.** Campinas, SP: Editora Pontes, 2002.

HOBBSAWM, ERICA. **Era Dos Extremos: O Breve Século XX 1914 – 1991.** 2º edição. 30º reimpressão. São Paulo, SP: Editora Companhia Das Letras, 2005.

KEEGAN, JOHN. **Uma História Da Guerra.** São Paulo, SP: Editora Companhia Das Letras, 2006.

LEWIS, BERNARD. **A Crise Do Islã: Guerra Santa E Terror Profano.** Rio de Janeiro, RJ: Editora Jorge Zahar, 2004.

LOSURDO, DOMENICO. **A LINGUAGEM DO IMPÉRIO: LÉXICO DA IDEOLOGIA ESTADUNIDENSE.** São Paulo, SP: Editora Boitempo, 2010.

MARIANI, BETHANIA. **O PCB e a Imprensa – Os Comunistas no Imaginário dos Jornais (1922-1989).** Rio de Janeiro, RJ: Editora Revan, 1998.

OLIVEIRA, SHEILA ELIAS. **Cidadania: História E Política De Uma Palavra.** Campinas, SP: Editora Pontes, 2006.

OLIVEIRA, SHEILA ELIAS. **SOBRE O FUNCIONAMENTO DO POLÍTICO NA LINGUAGEM. In: Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos, n° 34.** Campinas, SP: Unicamp, 2014.

ORLANDI, ENI PUCCINELLI. **Análise De Discurso: Princípios E Procedimentos**. Campinas, SP: Editora Pontes, 1999.

_____. **As Formas Do Silêncio: No Movimento Dos Sentidos**. 4º edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. **Discurso Em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia**. 2º edição. Campinas, SP: Editora Pontes, 2012.

_____. **Interpretação: Autoria, Leitura E Efeitos Do Trabalho Simbólico**. 6º edição. Campinas, SP, 2012.

_____. **Terra à vista: Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

RANCIÈRE, JACQUES. **O Desentendimento: Política e Filosofia**. São Paulo, SP: Editora 34, 1996.

RANCIÈRE, JACQUES. **A Partilha do Sensível**. São Paulo, SP: Editora 34, 2005.

SAHD, FÁBIO BACILA. **Oriente Médio Desmistificado: Fundamentalismo, Terrorismo E Barbárie**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2011.

SAID, EDWARD W. **Orientalismo: O Oriente Como Invenção Do Ocidente**. São Paulo, SP: Editora Companhia Das Letras, 2007.

SEITENFUS, RICARDO. **Legislação Internacional**. Barueri, SP: Editora Manole, 2004.

VEYNE, PAUL. **Como se Escreve a História e Foucault Revoluciona a História**. 4º edição. Brasília, DF: Editora UNB, 1998.

ANEXOS

GUERRA NA AMÉRICA

Bush promete destruir terrorismo

PRONUNCIAMENTO * Em discurso no Congresso, presidente tenta manter o país mobilizado e ameaça o Taleban

MARCIO ANTH

Nam discurso emocionado ao Congresso norte-americano, o presidente George W. Bush pediu paciência à população e atacou duramente o grupo extremista islâmico Taleban, que controla o Afeganistão e se nega a entregar aos EUA o terrorista saudita Osama bin Laden, principal suspeito de cometer os atentados do último dia 11, que podem ter matado mais de 6.000 pessoas.

Usando palavras que pareciam antecipar um ataque militar contra a liderança do Taleban, Bush acusou o grupo de cometer assassinatos e crimes não só a entrega de Bin Laden como também a abertura das fronteiras para que os EUA conseguissem o fechamento de bases de treinamento terroristas. "Fechem permanentemente os campos de treinamento e entreguem todos os terroristas para as autoridades apropriadas", exigiu Bush. "Essas exigências não estão abertas a negociações ou discussões".

Foi um pronunciamento de 30 minutos, muito apressado, que procurava proporcionar o fechamento maciço que o presidente acumulou desde os atentados contra Nova York e o Penilgion. O discurso continha elementos emocionais e belicosos. "Somos um país despertado pelo perigo e convocação a defender a liberdade". Bush alertou as Forças Armadas a ficarem de prontidão — "Já se aproxima a hora de entrar em ação" — e prometeu acabar com todos os terroristas em escala global, "trazendo os terroristas à justiça ou levando a justiça aos terroristas".

O discurso foi cercado de medidas extremas de segurança que refletem a vulnerabilidade da população e das autoridades. Um exemplo foi a decisão de manter o vice-presidente Dick Cheney ausente do Congresso (que preside) para evitar que um novo ato de terrorismo aconteça, ao mesmo tempo, a vida dos dois primeiros homens na linha de comando. No discurso, Bush anunciou a criação do Escritório de Segurança Interna, que será comandado pelo governador da Pensilvânia, o republicano Tom Ridge. O presidente carregava um crachá que lhe foi dado por um dos bombeiros mortos no estabelecimento das duas torres do World Trade Center em Nova York. Além disso, levou ao Congresso a mulher de um dos passageiros que teriam reagido aos sequestradores do voo 95 da United Airlines, que caiu no Estado da Pensilvânia.

Bush prometeu novamente os detalhes para a mobilização dos dois lados na batalha contra o terrorismo internacional. "Ou você está conosco ou está com os terroristas", segundo ele, a Casa Branca não poupará esforços militares e "infância financeira" para vencer o terrorismo. "Eliminaremos todos os recursos à nossa disposição — todos os meios diplomáticos, todos os instrumentos de inteligência, todos os instrumentos legais, toda inteligência científica e todas as armas de guerra necessárias — para desmantelar e derrotar a rede de terror global".

Embora os EUA tenham decidido a guerra contra um inimigo ainda invisível, a imprensa americana já confrontava ontem a importância de sua fala ao discurso de Franklin Roosevelt um dia depois do ataque japonês a Pearl Harbor, em 1941, e de seu próprio pai antes e durante os bombardeios contra o Iraque na Guerra do Golfo, em 1991. Nunca ocupação foi tão estreita e o momento de incerteza atual e o que se segue ao ataque a Pearl Harbor, Bush disse ontem que "a liberdade e o modo estão em guerra" e os EUA têm o dever de combater.

O presidente endossou-se para mostrar aos norte-americanos que os EUA ingressaram nessa guerra não tradicional e que o inimigo, embora invisível, deve ser combatido como numa guerra. "Não fomos os únicos atacados, mas também o mundo civilizado", disse. Para Bush, os EUA vencerão os terroristas porque já "vencemos o nazismo, o fascismo e todas as formas de totalitarismo". Para um presidente eleito nas circunstâncias mais polêmicas do último século, o discurso de Bush pode não ser mais importante de seu mandato.

Segundo Derive Boudroff, especialista em política presidencial da Universidade Purdue, presidentes dos EUA discursam no Congresso em tempos de guerra para mobilizar os militares e estimular o patriotismo. Em 1941, Roosevelt disse que "seríamos sem parar até a vitória absoluta". Anunciando o ingresso dos EUA na II Guerra Mundial, o presidente Woodrow Wilson disse que fazia "o mundo mais seguro". George Bush, pai do atual presidente, prometeu há dez anos que entrava em guerra contra o Iraque para reconquistar "nosso novo ordenamento mundial".



O presidente Bush segura crachá de bombeiros em discurso no Congresso (alto), com a presença do premi britânico, Tony Blair, de sua mulher, Laura, e do prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani

O discurso de Bush no Congresso dos EUA

...aqui a seguir o texto do discurso pronunciado por George W. Bush, com algumas alterações de ordem ortográfica.

Neste dia de grande importância, tenho o privilégio de falar ao Congresso dos Estados Unidos. Hoje é um dia de grande importância. O ataque de ontem nos trouxe de volta à realidade de que somos um país que vive em um mundo perigoso e que devemos estar preparados para enfrentar esse perigo.

Os atentados de ontem foram um ataque direto ao coração da liberdade americana. Eles foram um ataque à nossa identidade e à nossa segurança. Mas eles também foram um ataque à nossa esperança e à nossa fé.

Hoje, eu quero falar sobre a importância de manter a liberdade americana. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa democracia e a nossa maneira de vida.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de expressão e de religião. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de comércio e de movimento.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de pensamento e de consciência. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de escolha e de ação.

...aqui a seguir o texto do discurso pronunciado por George W. Bush, com algumas alterações de ordem ortográfica.

Neste dia de grande importância, tenho o privilégio de falar ao Congresso dos Estados Unidos. Hoje é um dia de grande importância. O ataque de ontem nos trouxe de volta à realidade de que somos um país que vive em um mundo perigoso e que devemos estar preparados para enfrentar esse perigo.

Os atentados de ontem foram um ataque direto ao coração da liberdade americana. Eles foram um ataque à nossa identidade e à nossa segurança. Mas eles também foram um ataque à nossa esperança e à nossa fé.

Hoje, eu quero falar sobre a importância de manter a liberdade americana. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa democracia e a nossa maneira de vida.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de expressão e de religião. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de comércio e de movimento.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de pensamento e de consciência. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de escolha e de ação.

...aqui a seguir o texto do discurso pronunciado por George W. Bush, com algumas alterações de ordem ortográfica.

Neste dia de grande importância, tenho o privilégio de falar ao Congresso dos Estados Unidos. Hoje é um dia de grande importância. O ataque de ontem nos trouxe de volta à realidade de que somos um país que vive em um mundo perigoso e que devemos estar preparados para enfrentar esse perigo.

Os atentados de ontem foram um ataque direto ao coração da liberdade americana. Eles foram um ataque à nossa identidade e à nossa segurança. Mas eles também foram um ataque à nossa esperança e à nossa fé.

Hoje, eu quero falar sobre a importância de manter a liberdade americana. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa democracia e a nossa maneira de vida.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de expressão e de religião. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de comércio e de movimento.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de pensamento e de consciência. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de escolha e de ação.

...aqui a seguir o texto do discurso pronunciado por George W. Bush, com algumas alterações de ordem ortográfica.

Neste dia de grande importância, tenho o privilégio de falar ao Congresso dos Estados Unidos. Hoje é um dia de grande importância. O ataque de ontem nos trouxe de volta à realidade de que somos um país que vive em um mundo perigoso e que devemos estar preparados para enfrentar esse perigo.

Os atentados de ontem foram um ataque direto ao coração da liberdade americana. Eles foram um ataque à nossa identidade e à nossa segurança. Mas eles também foram um ataque à nossa esperança e à nossa fé.

Hoje, eu quero falar sobre a importância de manter a liberdade americana. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa democracia e a nossa maneira de vida.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de expressão e de religião. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de comércio e de movimento.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de pensamento e de consciência. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de escolha e de ação.

...aqui a seguir o texto do discurso pronunciado por George W. Bush, com algumas alterações de ordem ortográfica.

Neste dia de grande importância, tenho o privilégio de falar ao Congresso dos Estados Unidos. Hoje é um dia de grande importância. O ataque de ontem nos trouxe de volta à realidade de que somos um país que vive em um mundo perigoso e que devemos estar preparados para enfrentar esse perigo.

Os atentados de ontem foram um ataque direto ao coração da liberdade americana. Eles foram um ataque à nossa identidade e à nossa segurança. Mas eles também foram um ataque à nossa esperança e à nossa fé.

Hoje, eu quero falar sobre a importância de manter a liberdade americana. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa democracia e a nossa maneira de vida.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de expressão e de religião. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de comércio e de movimento.

Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de pensamento e de consciência. Eu quero falar sobre a importância de manter a nossa liberdade de escolha e de ação.

CURTAS

DESESPERO

Ameaça fígura para Colegas antes do choque A aeronave Malefiz Army Sweeney, 35, que estava no voo 11 da American Airlines, ligou para um colega do aeroporto Logan de Boston e relatou uma terrível lista de sequestradores com tripulantes e passageiros, momentos antes de o avião se chocar contra a torre norte do World Trade Center, informou ontem o jornal "Los Angeles Times" a partir de um relatório do FBI. "Estou vendo prédios e água. O meu Deus", gritou Sweeney ao perceber que estava sobrevoando o rio Hudson em direção aos prédios de Nova York.

MÍDIA

TV árabe replica entrevista com Osama bin Laden Inspectores do canal Al-Jazeera assistiram ontem às gravações de uma entrevista levada ao ar em dezembro de 1998, em que o líder terrorista Osama bin Laden convocava, com o Al-Qaeda na mão, os muçulmanos a lutar contra os "infelizes" Estados Unidos. A rede de televisão justificou a transmissão como uma forma de permitir que a audiência tivesse uma visão mais clara da ideologia do milímetro saudita, apontado pelas autoridades americanas como o principal suspeito dos atentados da semana passada.

AMEAÇAS

Muçulmanos nos EUA acusam FBI de intimidação Lábios de vários grupos islâmicos sediados nos Estados Unidos declararam ontem que agentes do FBI (polícia federal dos EUA) encorajavam de investigar os atentados do World Trade Center e ao Penilgion estão intimidando árabes e muçulmanos. De acordo com as autoridades islâmicas, o FBI tem feito acusações infundadas contra a comunidade, detendo árabes em seus locais de trabalho e tirando estudantes secundários e universitários das salas de sala.

verôete

A nova doutrina americana

MARCIO AITH
de Washington

A Doutrina Bush é o conjunto de princípios e métodos adotados pelo presidente George W. Bush para proteger os EUA depois dos atentados de 11 de setembro, consolidar a hegemonia americana no mundo e perpetuá-la indefinidamente.

É a parte do pressuposto de que os EUA, única superpotência global, têm o papel de proteger o mundo civilizado de terroristas que vivem nas sombras, se superpõem aos Estados e planejam ataques "iminentes" com armas de destruição em massa.

Se necessário, a doutrina reserva aos EUA a prerrogativa de lançar ataques preventivos contra países ou grupos terroristas antes que eles ameacem interesses americanos.

Para entender melhor esse conjunto de idéias, vale a pena relembrar como a palavra "doutrina" foi usada para definir feições, linhas de conduta e métodos de alguns presidentes americanos no século 20.

O dicionário Aurélio define doutrina como o conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico ou científico. Doutrinas não são ações isoladas, mas diretrizes feitas para orientar políticas por períodos que, supõe-se, sejam mais longos que dias, semanas e meses. No passado, coube a historiadores, e não a governos, definir quais idéias e ações tiveram consistência ou duração suficientes para serem chamadas de doutrinas.

Foi assim com a Doutrina Truman, que formou o pilar da Guerra Fria em 1947 e acabou derrotando a União Soviética quatro décadas depois, e com a Doutrina Monroe, de 1823, que garantiu aos EUA a ascendência sobre a América Latina e afastou a influência europeia sobre a região. Essas doutrinas foram batizadas como tais anos depois, pelas mãos de observadores independentes.

Diferentemente, quem primeiro cunhou a expressão Doutrina Bush foram autoridades do próprio governo Bush, enquanto a divulgavam. Mais especificamente, foi a assessora de segurança nacional da Casa Branca, Condoleezza Rice, que primeiro a mencionou, durante conversa com jornalistas, em novembro de 2001.

Essa distinção é importante não só porque constata a rapidez com a qual idéias são embaladas em doutrinas atualmente, mas porque indica a intenção de Bush de projetar suas idéias no futuro, não deixan-

do que morram com o fim de sua administração.

Isso não significa que a Doutrina Bush não mereça ser chamada de doutrina. Ao contrário, ela mudou radicalmente o parâmetro da política externa dos EUA, substituindo os princípios da contenção e da dissuasão, típicos da Doutrina Truman, pela possibilidade de ataques preventivos.



GEORGE W. BUSH em discurso no congresso

A grande dúvida é saber se, como as duas outras doutrinas aqui citadas, a de Bush se projetará no futuro. Ou se, fugaz, será revogada pelo próximo presidente americano e ficará registrada na história como uma espécie de "solução".

A doutrina é composta por três pilares básicos: 1- "Todas as nações, em todas as regiões, agora têm uma decisão a tomar: ou estão conosco ou estão com os terroristas" (discurso de Bush ao Congresso norte-americano no dia 20 de setembro de 2001). Com essa afirmação, a Casa Branca prometeu caçar terroristas em todo o mundo e ameaçou países

FOLHA DE S. PAULO

Bush quer EUA sem rival militar

que abrigam terroristas ou que optaram pela neutralidade. Nesse discurso, Bush definiu o terrorismo como o principal inimigo da humanidade e condicionou qualquer apoio financeiro e diplomático dos EUA ao engajamento de outros países.

2- "A guerra contra o terror não será ganha na defensiva. Dissuasão — a promessa de retaliação maciça contra nações — nada significa contra esquivas redes terroristas sem nações ou cidadãos para defender. A contenção é impossível quando ditadores desequilibrados, com armas de destruição em massa, podem enviá-las por mísseis ou transferi-las secretamente para aliados terroristas" (discurso de Bush a cadetes da academia militar de West Point em 2 de junho passado). Esse discurso introduziu a opção de ataques militares preventivos como figura central de uma nova ordem mundial. Segundo o presidente, é necessário "levar a batalha ao inimigo e confrontar as piores ameaças antes que venham à tona". Em suma: durante a Guerra Fria, os EUA continham seus inimigos com ameaças. Agora, passá-los a destruí-los antes que eles ataquem.

3- "Nossas forças serão firmes o bastante para dissuadir adversários potenciais de buscar uma escalada militar na esperança de ultrapassar ou se equiparar ao poderio dos Estados Unidos" (trecho do documento "A Estratégia de Segurança Nacional dos EUA", enviado por Bush ao Congresso em 20 de setembro de 2002). O significado dessa afirmação é que os EUA não pretendem nunca mais permitir que sua supremacia militar seja desafiada.

Existem outros aspectos da Doutrina Bush que, embora menos importantes, têm relevância. Um deles é o econômico. O mesmo documento enviado ao Congresso no dia 20 de setembro diz que "comércio e investimento são os motores reais do crescimento" e que "livre comércio e livre mercado são prioridades-chave da estratégia de segurança nacional".

Os EUA sinalizam também oposição a qualquer tipo de modelo econômico baseado na intervenção estatal, "com a mão pesada do governo". Esse aspecto é importante para países como o Brasil, pois os EUA prometem usar sua influência em instituições como o FMI (Fundo Monetário Internacional) para obter esses e outros objetivos. ■

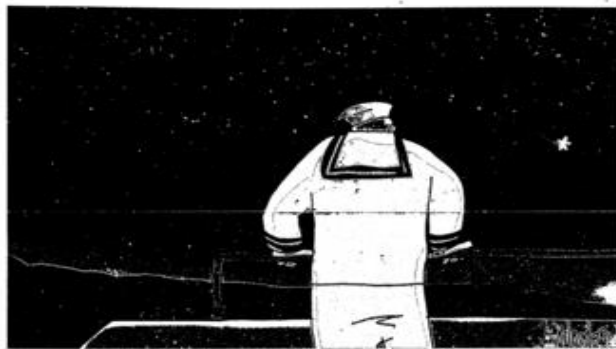
Marcio Aith, 35, jornalista, é correspondente da Folha em Washington desde 1999. Foi, no passado, advogado e craque de futebol.

TENDÊNCIAS/DEBATES

Diário publicado em colaboração com o Conselho Editorial de Opinião, sob a coordenação de Roberto de Mello e com a participação de outros colaboradores. O Conselho Editorial de Opinião é formado por membros de diversas instituições de pensamento contemporâneo.

PAINEL DO LEITOR

O "Painel do Leitor" recebe contribuições por correio (cf. Boletim de Opinião, 425, 430 e 435, São Paulo, SP, 12/10/2000, 12/11/2000 e 12/12/2000) e por e-mail (opinião@folha.com.br). Para que as contribuições sejam publicadas, os leitores devem enviar o endereço eletrônico e o endereço postal para o Conselho Editorial de Opinião. A Folha reserva o direito de selecionar cartas e publicar trechos.



A guerra contra o terror

CRISTOBAL OROZCO

OS ESTADOS UNIDOS não escolhe-ram a guerra no domingo à tarde. Os terroristas fizeram essa escolha no dia 11 de setembro, quando atacaram os valores da civilização e roubaram as vidas de mais de 6.000 homens, mulheres e crianças inocentes.

A guerra tornou-se necessária porque os responsáveis pelos acontecimentos de 11 de setembro — Osama bin Laden, Al Qaeda e o repositivo regime Taliban, que lhes dá guarda — não responderam de linguagem da diplomacia e da justiça. As repetidas e pacíficas exigências do presidente Bush para que os terroristas fossem entregues foram ignoradas. Sendo assim, o mundo civilizado não teve escolha, a não ser atacar o cerne do problema.

Devemos deixar claro uma coisa: esta guerra não é contra o Afeganistão e não é contra o povo afgão. Muito pelo contrário. Os americanos despejaram bombas e mísseis doados de suprimentos para os 2,5 milhões de refugiados afgãos na fronteira com o Paquistão. Além disso, milícias americanas despejaram comida para a população faminta do Afeganistão no mesmo momento em que as forças armadas atingiam aqueles que trouxeram tanta destruição para seu próprio país.

Esta guerra não é contra o Islã. Aquelas que acham que os Estados Unidos estão atacando o Islã devem ter memória fraca. Eles se esqueceram de que uma outra cruzada, liderada pelos Estados Unidos, defendeu o resgate islâmico de Kuwait uma década atrás. E eles ignoram a liderança dos Estados Unidos na defesa das minorias étnicas em Kosovo e

Não escolhemos a guerra, os ataques à Al Qaeda são justificados; tentar achar culpa dos Estados Unidos é tentar culpar a vítima

na Macedônia.

Esta não é uma guerra santa. É uma guerra contra o terror e tem por objetivo devolver a paz ao mundo — uma paz que nos foi tirada quatro semanas atrás. E o mundo não viverá em paz só que conseguimos erradicar os terroristas e aqueles que os protegem.

Como representante do presidente George W. Bush no Brasil, sinto-me fortalecido com o apoio do presidente Fernando Henrique Cardoso para "eliminar o flagelo do terrorismo". Como americano, senti-me reconfortado com os abraços recebidos de inúmeros milhões de amigos brasileiros.

Devo acrescentar, porém, que fico revoltado com aquelas poucas que encontram formas de justificar o injustificável. Os Estados Unidos, devido à sua própria natureza como potência econômica e política, estão acostumados a ser criticados por todo mundo.

Temos uma grande tradição de discordância democrática nos Estados Unidos; o debate interno é uma das liberdades que defendemos com paixão. Nós apreciamos esses debates e as críticas construtivas.

Entretanto fico perturbado ao ver os

"analistas" tentarem explicar as atrocidades cometidas em Nova York, Washington e Pensilvânia. Eles estão em má fé, querendo o mal em sua essência para e simples. O mundo foi vítima dos terroristas.

Os Estados Unidos, em aliança com as nações de todos os cantos do globo, estão enfrentando a ameaça que eles representam. Tentar culpar os Estados Unidos é tentar culpar a vítima.

Nós não escolhemos a guerra; os ataques à Al Qaeda, liderados pelos Estados Unidos, são justificados. As provas são muito contundentes, mais ainda depois que Osama bin Laden divulgou o vídeo de sua mensagem, no domingo à noite, ameaçando prosseguir com a sua campanha de terror.

Nossos líderes militares estão empunhados em atingir alvos bem específicos, mas a guerra não é longa nem cirúrgica. Lamentamos que poucas nações tenham morrido no Afeganistão, mas elas não foram atingidas deliberadamente, como aquelas que morreram no dia 11 de setembro últimos.

A guerra contra o terrorismo vai demandar paciência e diplomacia, cooperação política e coordenação financeira. Ela não vai ser fácil nem rápida. Mas este é um tempo que requer paciência e determinação.

Devemos nossa dedicação especial que morreram pelas mãos dos terroristas. E devemos isso aos nossos filhos, para que eles possam encontrar um mundo sem o terror que obscureceu os céus de Manhattan no mês passado.

Cristobal Orozco, 42, diplomata, é o embaixador do Instituto dos EUA no Brasil.

Retaliação

"Deveria ser feita uma enquete em que se perguntasse aos paulistanos se eles apoiariam uma retaliação caso o ataque tivesse ocorrido em São Paulo e caso tivesse provocado 6.000 mortos.

Pedir paz quando a vítima não é você, sua família ou sua pátria é muito fácil — isso sem contar que o agressor mantém a ameaça."

Alexandre Ballarín Nascimento (Londrina, PR)

Imposto de Renda

O editorial "Tabela congelada" (Opinião, pág. A2, 8/10) mostra que o governo Fernando Henrique Cardoso recomendou à sua base parlamentar que rejeitasse o projeto de alteração da tabela do Imposto de Renda, congelada desde 1996. Só temos a lamentar.

Por outro lado, as contas de luz devido ser ter idênticas para quem consome o valor menor recebido pelas concessionárias diante do racionamento recomendado pelo próprio governo. E o povo que se lamenta.

Meus votos são de que os eleitores estejam atentos e reciprocamente "congelarem" os candidatos do PSDB nas urnas em 2002.

Walter Lopes (Araucária, SP)

Terceira guerra mundial

O artigo do senhor Luiz Pinguelli Rosa sobre a utilização de armas nucleares ("Do terror ao risco de guerra nuclear", Tendências/Debates, pág. A3, 5/10) lembrou-me uma frase de Einstein, que disse ser ter idêntica de como seria a terceira guerra mundial, mas que a quarta seria com paus e pectas.

A humanidade só espera que a atual ainda não seja a terceira.

Walter Santos (Rio de Janeiro, RJ)



Amamentação

"Fiquei indignada e revoltada com as declarações de Simone Andréa Barcelos Coutinho nesta seção ontem ("Amamentação"). A leitura coloca a amamentação exclusiva por seis meses à sua centralidade com a introdução de outros alimentos até o segundo ano de vida ou mais.

Essa recomendação surgiu na última assembleia da OMS, aprovada pelos ministros da Saúde de todos os países, incluindo o Brasil.

A OMS, para acalmar essa polêmica (a antiga recomendava amamentação exclusiva por quatro meses e, se possível, seis), solicitou a um grupo de especialistas uma revisão de todos os estudos confiáveis sobre o tema. Essa revisão mostrou que o leite materno possui todos os nutrientes e imunorreguladores adequados para a criança de até cerca de seis meses de vida.

Para que essa prática seja realizada, a OMS recomenda políticas de proteção às mulheres que têm trabalho remunerado, proteção contra o marketing não ético de produtos que competem com a

amamentação e a adoção de práticas hospitalares adequadas — como colocar o bebê em contato com a mãe ao nascer, orientação das mães sobre o hospital etc.

A amamentação — pelo período acima citado — é recomendada pela OMS e por cientistas por razões de proteção não só à saúde da criança mas também à saúde da mãe."

Marina F. Rex, médica do Instituto de Saúde de São Paulo e membro da Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar (São Paulo, SP)

Greve

"Gostaria de parabenizar o colunista Walter Ceneviva pelo artigo "Greve do Judiciário" entre a Constituição e a Lei" (Colúmbio, pág. C2, 6/10).

Seu texto constitui um verdadeiro alerta à população para o cenário de inconstitucionalidade que os governantes brasileiros vêm criando. O risco é ficarmos em desespero perante a lei."

Rogério Barbosa da Silva, professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Rio de Janeiro, RJ)

Perdas

"Ostentem, o ministro da Educação se depare com manifestações no Rio de Janeiro, isso é reflexo do abandono que ele e o atual governo têm proporcionado no setor de educação deste país.

Não só os servidores da área de educação mas todo o funcionalismo federal está sem repouso e saúde há praticamente sete anos.

Em entrevista, o ministro Paulo Renato disse que havia determinado a suspensão dos pagamentos dos salários de docentes e de funcionários e que iria garantir a realização do vestibular. Assim, pode-se pensar que o governo federal e estadual saem vitoriosos e que os docentes e funcionários seriam perdidos. Mas quem perde na realidade são os estudantes e a sociedade.

O resultado é a queda na qualidade de ensino, a perda de motivação de ensino dos docentes e a inatuação dos funcionários."

Maria Vilasão Monteiro Delgado (Maripá, RJ)

Sociedade ordenada

"Entretanto não é importante o artigo do Dr. Antônio Cláudio Martins de Oliveira ("Combate à impureza ou ao direto", Tendências/Debates", pág. A3, 9/10).

Os aspectos abordados pelo articulista não da maior relevância para que possamos construir uma sociedade mais tranqüila e ordenada.

Não podemos, a propósito da busca da justiça, prescindir dos fundamentos elementares dos direitos individuais estabelecidos.

Se existem eventuais imperfeições em algumas leis, elas devem ser objeto de discussão. Atitudes arbitrárias, tomadas pelos detentores de algum poder, só podem acarretar consequências destrutivas para a sociedade.

Nessa questão, é fundamental que a mídia tenha uma posição lenta e responsável, pois ela tem mais poder do que os indivíduos tem para se manifestar."

Fernando Pires de Almeida (São Paulo, SP)

Escola e religião

"Está em um projeto — a ser votado no Congresso — sobre o ensino de religião nas escolas. E há muitos divergências sobre o assunto, que envolve a conscientização e o amadurecimento de quem vai passar a informação — que não pode ser dada de maneira direcionada, mas apenas como história das religiões.

O ensino das religiões nas escolas deveria ser uma disciplina normal, pois ajudaria na formação da personalidade da criança, contribuindo para que ela pudesse escolher o culto religioso que lhe interessasse.

Em consequência disso, ela estaria exercendo seu direito de livre exercício do culto religioso, que no Brasil é garantido pelo artigo 5º da Constituição."

João Luis Galvão, advogado (São Paulo, SP)

ERRAMOS

Em matéria publicada em 10/10/01, o texto do artigo "Entrevista com Medeiros" foi publicado incorretamente com o nome de Instituto Brasileiro de Estudos Sindicais. O texto publicado incorretamente com o nome de Instituto Brasileiro de Estudos Sindicais e como Instituto Brasileiro de Formação Sindical, respectivamente.

Após o fechamento da Ilustrada de hoje, a TV Globo adota a matéria da terceira edição do programa "No Limite" para o dia 28 de outubro, diferentemente do que informa a coluna "Outro Canal" (pág. E8).

Reverso do diagnóstico de LER/Dort

JOSÉ KNOPLICH

A OMS (Organização Mundial da Saúde) designou o período de 2001 a 2010 como a "Década do Oso e da Articulação", para que se realizem debates e revisões dessas termos relacionados ao trabalho e à atividade física. É louvável que o Danúbio tenha realizado uma pesquisa com portadores de LER (dores por esforços repetitivos) ou Dort (distúrbios neuromusculares relacionados ao trabalho), publicada no dia 7/10.

Na reportagem, falou-se que as LER/Dort não são consideradas doenças e, por isso, não constam da Classificação Internacional das Doenças (CID-10), da OMS. Não são reconhecidas pelo SUS nem pela portadora médica do INSS com essas designações, mas, sim, como síndrome cervicobraquial, com o código-M54.0 (doença relacionada à coluna vertebral), vide site www.msp.gov.br.

O portador de LER tem um distúrbio nervoso em relação à sensibilidade a dores em geral e ao cansaço muscular, chamado de fibromialgia. Pesquisas feitas na Universidade Federal de São Paulo revelaram que 70,3% destes portadores de LER/Dort têm, além das dores, cansaço e outros sintomas de origem física, como ansiedade, insônia, alterações da memória, história e depressão — sintomas que nada têm a ver com o tipo de trabalho que desempenham, o que não foi citado na reportagem.

Outros distúrbios como insônia, síndrome do túnel do carpo etc., que pioram com os movimentos, não têm nada a ver com LER, pois são doenças autoimunes. Apesar disso, um lobby organizado com auxílio de alguns sindicatos conseguiu algo que não existe em

As LER/Dort não são consideradas doenças e não são reconhecidas pelo SUS nem pelo INSS com essas designações

nenhum lugar do mundo: que essas supostas LER/Dort fossem equiparadas a doenças profissionais e consideradas acidente de trabalho. Isso dá à vítima direitos indenizatórios a serem pagos pela Previdência e aposentadoria precoce.

Afirmar que 47% das pessoas da equipe tiveram um dos sintomas da LER e depois declarar que existem 200 mil paulistanos com LER/Dort é um erro de interpretação, misturando sintomas que podem ser identificados nos exames e sintomas subjetivos, como dores difusas, formigamentos, choques etc., existentes em vários distúrbios psicológicos e depressivos.

Na década de 1990, no Reino Unido, 60% dos telegrafistas apresentaram dores do tipo LER; nos EUA eram apenas 4%. Os sindicatos mobilizados contra as novas tecnologias transmitiram inegrança aos trabalhadores; as LER não tinham nada a ver com o trabalho. Nos anos 1980, foi constatado que, na Austrália, 30% dos trabalhadores que trabalhavam com computadores em serviços públicos tinham LER; naqueles que trabalhavam por conta própria, esse tipo de afecção não passava de 1%.

Os dados estatísticos publicados na

Folha pecam pelo exagero. Essa síndrome, que é muito rara, é apresentada como sendo causa de aposentadoria do trabalho. Os números apresentados correspondem à totalidade das doenças reumáticas, ortopédicas, neurológicas e das doenças que acometem os trabalhadores, acumuladas durante toda a vida em qualquer profissão.

O diagnóstico de LER/Dort, que é inadequado sob o ponto de vista médico, dá direito, quando aceito pela Previdência, a estabilidade no emprego, a auxílio-acidente, a aposentadoria, a quitação da casa própria, a isenção de imposto na aquisição do veículo etc. Quando não aceito pela Previdência, os sindicatos, oferecem, gentilmente, advogados para defender os trabalhadores. O INSS tem de se defender em processos exaustivos para demonstrar o óbvio.

O diagnóstico de LER/Dort é impreciso e perigoso, pois, às vezes, há indicações de cirurgias íntimas. E também não se obrigam os pacientes a fazer tratamento de seus problemas psicológicos, tomando antidepressivos, que são os únicos analgésicos eficazes.

Nesta década, deve-se reafirmar que as condições de trabalho são fundamentais para a melhoria da qualidade de vida do trabalhador e da eficiência do rendimento da produção, mas chamar de dor na coluna e dores nos pés de LER, assim como ignorar os fatores psicológicos, é afastar no imaginário do trabalhador um assunto ignorado pela OMS.

José Knoplich, 47, médico neurologista, atua em São Paulo desde 1978 e é autor do livro "Entrevista com Medeiros".

O "eixo" Roma-Berlin transformado em aliança política e militar

(Continuação da página 3)
... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

... a Itália, após os efeitos da vitória da Itália no Eixo...

FAVORAVEL A CONSCRIPÇÃO MILITAR A MAIORIA DO POVO INGLEZ

(Observação de J. A. Paganini)
... a maioria do povo inglês...

... a maioria do povo inglês...

... a maioria do povo inglês...

... a maioria do povo inglês...

... a maioria do povo inglês...

... a maioria do povo inglês...

... a maioria do povo inglês...

... a maioria do povo inglês...

... a maioria do povo inglês...

... a maioria do povo inglês...

Encerrado o Congresso Internacional Eucharístico

(Continuação da página 3)
... o Congresso Internacional Eucharístico...

... o Congresso Internacional Eucharístico...

... o Congresso Internacional Eucharístico...

... o Congresso Internacional Eucharístico...

... o Congresso Internacional Eucharístico...

... o Congresso Internacional Eucharístico...

... o Congresso Internacional Eucharístico...

... o Congresso Internacional Eucharístico...

... o Congresso Internacional Eucharístico...

... o Congresso Internacional Eucharístico...

A ESTADO DO DIRECTOR DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM S. PAULO

(Continuação da página 3)
... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

... o Estado do Diretor do Departamento Nacional de Educação...

REGRESSA A MOSCÔU O SR. POTEMKIN

De passagem por Bucarest o vice-comissário do Exterior teve longa conferência com o sr. Calene

(Continuação da página 3)
... o vice-comissário do Exterior...

... o vice-comissário do Exterior...

... o vice-comissário do Exterior...

... o vice-comissário do Exterior...

... o vice-comissário do Exterior...

... o vice-comissário do Exterior...

Contrabandos de lã brasileira no fronteira do Uruguay

(Continuação da página 3)
... o contrabando de lã brasileira...

... o contrabando de lã brasileira...

... o contrabando de lã brasileira...

... o contrabando de lã brasileira...

... o contrabando de lã brasileira...

... o contrabando de lã brasileira...

... o contrabando de lã brasileira...

... o contrabando de lã brasileira...

III Congresso Eucharístico Nacional de Recife

(Continuação da página 3)
... o III Congresso Eucharístico Nacional...

... o III Congresso Eucharístico Nacional...

... o III Congresso Eucharístico Nacional...

... o III Congresso Eucharístico Nacional...

... o III Congresso Eucharístico Nacional...

... o III Congresso Eucharístico Nacional...

... o III Congresso Eucharístico Nacional...

... o III Congresso Eucharístico Nacional...

Desconto da taxa postal para a exportação de livros e impressos italianos

(Continuação da página 3)
... o desconto da taxa postal...

... o desconto da taxa postal...

... o desconto da taxa postal...

... o desconto da taxa postal...

... o desconto da taxa postal...

... o desconto da taxa postal...

O FECHAMENTO DA FACULDADE DE PHARMACIA E ODONTOLOGIA DE CAMPINAS

(Continuação da página 3)
... o fechamento da faculdade...

... o fechamento da faculdade...

... o fechamento da faculdade...

... o fechamento da faculdade...

... o fechamento da faculdade...

... o fechamento da faculdade...

Na RADIO EXCELSIOR (A Voz de Anchieta) todas as noites de 10 horas, o notável programa "Companhia Yvanna". 1.100 teleleitor

NOTAS DE ARTE O COLLABORADOR Uma edição brasileira de arte e de crítica de arte...

ENCIADAS AS OBRAS DE REMODELAÇÃO DA PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO Será retirada por estes dias a columna central da Praça do Patriarca

ASSOCIAÇÕES SOCIEDADE DE FARMACIA E ODONTOLOGIA DE CAMPINAS

SOCIEDADE DE FARMACIA E ODONTOLOGIA DE CAMPINAS

SOCIEDADE DE FARMACIA E ODONTOLOGIA DE CAMPINAS

SOCIEDADE DE FARMACIA E ODONTOLOGIA DE CAMPINAS

SOCIEDADE DE FARMACIA E ODONTOLOGIA DE CAMPINAS

SOCIEDADE DE FARMACIA E ODONTOLOGIA DE CAMPINAS

(Continuação de 1.ª página)

O 1.º de Junho, Roma recebeu... O 2.º de Junho, Roma recebeu... O 3.º de Junho, Roma recebeu...

O "Duce" na Albânia

Quando, no início de Junho, se viu surgir para a Albânia, aliás não se viu surgir para a Albânia, aliás não se viu surgir...

Mussolini Considera os E. U. "De Fato" na Guerra

estratégia em vista, a dita estratégia de Mussolini...

O que a Itália fez nesta guerra

Os meios aéreos que se empregaram no ataque à Itália foram os seguintes: 1.º - Bombardeiros...

As divisões do exército da Albânia

O exército da Albânia, sob o comando do general Biondi, possui as seguintes divisões: 1.ª Divisão...

Os mortos e desaparecidos

De acordo com os dados oficiais, o número de mortos e desaparecidos da Itália durante a campanha da Albânia...

Uma recompensa para os tropas

Muita coisa aconteceu com os soldados da Itália durante a campanha da Albânia. Muitos foram recompensados...

A retirada

Após a queda de Tirana, o exército italiano retirou-se para o sul. A retirada foi feita em ordem...

As perdas da aviação

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

Era certa a vitória italiana

Desde o início da campanha, a vitória italiana parecia certa. O exército italiano era muito mais numeroso...

A ressurção da Croácia

Após a queda de Tirana, o exército italiano retirou-se para o sul. A retirada foi feita em ordem...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

PAULISTA ANOSSA LOTERIA! S. PEDRO 12 MILHARES JOGAM SÓ 12 MILHARES MILHÕES DE CONTOS 6 FEIRA 100 contos

O SR. MUSSOLINI ANUNCIA A OCUPAÇÃO DE TODA A GRCIA POR FORÇAS ITALIANAS

Depois de Erevan, as forças italianas ocuparam toda a Grécia. O anúncio foi feito por Mussolini...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

A COLONIZAÇÃO DO "DESERTO"

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...



Foi assim comemorado festivamente em toda a Itália e "Terra do Erevan Italiana". No chão, uma das mais afilhadas unidades da Itália...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

AFRICA DO NORDE

De acordo com os dados oficiais, o número de aeronaves perdidas pela Itália durante a campanha da Albânia...

O GRUPO DE PAISES EM TORNO DOS DOIS "EIXOS", OCASIONADO PELA GUERRA

A Guerra Estaria Numa Fase em que a Estratégia Política é Mais Importante que a Militar

ATENÇÃO, 10 (R.) — Do ponto de vista político, a guerra atual é uma guerra de alianças. O grupo dos dois "eixos" tem sido formado por países que se uniram para enfrentar a ameaça soviética. A estratégia política é mais importante que a militar...

TROPAS INGLESA COOPERAM NAS GUERRILHAS PROMOVIDAS PELOS GREGOS EM CRETA

Helênicos Condenados à Pena de Morte pelo Tribunal Militar por Sabotagem e Porte de Armas

LONDRES, 10 (R.) — O Conselho Supremo de Guerra de Londres decidiu condenar à pena de morte cinco gregos por sabotagem e porte de armas. O tribunal militar também condenou outros gregos à pena de prisão...

FRAQUEZA PULMONAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS — DEBILIDADE GERAL — FÁSTIO — DESÂNIMO — EMAGRECIMENTO: «Cápsulas Nutro-Pectorais» Camargo Mendes

Violenta Insurreição Contra as Forças Italianas Manifestou-se em Várias Províncias do Novo Estado Croata

Consideráveis Referços Enviados para Enfrentar os Grupos de Revolucionários Armados — Avaliados em 50.000 os Rebeldes em Toda a Sérvia

ATENÇÃO, 10 (R.) — A situação política no Novo Estado Croata é extremamente tensa. Insurreições violentas ocorreram em várias províncias contra as forças italianas. O governo enviou referços consideráveis para enfrentar os grupos revolucionários armados...

SERIA DESASTROSA UMA TENTATIVA DE INVASÃO DA INDIA PELO PASSO DE KHYBER

A Importante Via Comercial Indo-afgã Constitui Centro de Engenhosas Defesas Inexpugnáveis

LONDRES, 10 (R.) — Uma tentativa de invasão da Índia pelo passo de Khyber seria desastrosa. A via comercial indo-afgã constitui um centro de defesas inexpugnáveis devido às engenhosas fortificações existentes...

Esquadrilhas de Aviões da "R. A. F." Voltaram a Atacar os Portos de Invasão, Particularmente o de Ostende

Quatro Navios Inimigos Foram Danificados — Aparelhos Costeiros Attingiram Objetivos em Alesund — Tonelagem de Vapor Afundada pelo Reici

LONDRES, 10 (R.) — Esquadrilhas de aviões da "R. A. F." voltaram a atacar os portos de invasão, particularmente o de Ostende. Quatro navios inimigos foram danificados e aparelhos costeiros atingiram objetivos em Alesund. Um navio de vapor foi afundado pelo Reici...

ATAQUE DE TANQUES ALEMÃES CONTRA O SETOR ORIENTAL DAS DEFESAS DE TOBRUC

Violento Bombardeio da R. A. F. Contra Trípoli e Benghazi — Marsa Matrô Atacada pela Luftwaffe

ATENÇÃO, 10 (R.) — Um ataque de tanques alemães contra o setor oriental das defesas de Tobruk ocorreu ontem. A R. A. F. realizou violento bombardeio contra Trípoli e Benghazi. A Luftwaffe atacou Marsa Matrô...

ESTARIAM SENDO TRANSPORTADOS SUPRIMENTOS DA AFRICA FRANCESA PARA A ITÁLIA

Anuncia-se que Numerosos "Turistas" Alemães Controlam os Estoques de Gêneros na Argélia

LONDRES, 10 (R.) — Anunciou-se que numerosos suprimentos da África Francesa estão sendo transportados para a Itália. Além disso, muitos "turistas" alemães controlam os estoques de gêneros na Argélia...

CATAPULTAS PARA AVIÕES EM CERTOS NAVIOS INGLESES QUE VIAJAM EM COMBOIOS

Aparelhos da R. A. F. Levantarão Vão dos Próprios Barcos que Foram Atacados em Alto Mar

LEIAM A "FOLHA DA NOITE"

DR. UZEDA MOREIRA RAIOS X
 Radiodiagnóstico em Fluoroscopia e Radiografia — Fluoroscopia — Raio X — Tratamento de Fracturas e de Anomalias.
 Consultas das 9 às 12 horas de manhã e das 2 às 4 da tarde.
 Rua Libero Badur 202 - Belfort, 2.021 - Telefone 22.828, 2-400

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

NECROLOGIA

Associação de Amigos do Câncer — O corpo cadavérico do Sr. Manoel Rabello, falecido em 27 de dezembro, foi encaminhado para o Instituto de Anatomia e Patologia, sob a direção do Sr. Dr. Manoel Rabello, para ser examinado e preparado para o sepultamento.

Messora Lavacini — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, a Sr. Maria Lavacini, conhecida por sua beleza e inteligência, filha de Sr. João Lavacini e Sr. Maria Lavacini, nascida em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Miguel Hoffa — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Miguel Hoffa, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Hoffa e Sr. Maria Hoffa, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Antonio Amado Rodrigues — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Antonio Amado Rodrigues, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Rodrigues e Sr. Maria Rodrigues, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Antonio Amado Rodrigues — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Antonio Amado Rodrigues, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Rodrigues e Sr. Maria Rodrigues, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Antonio Amado Rodrigues — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Antonio Amado Rodrigues, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Rodrigues e Sr. Maria Rodrigues, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Antonio Amado Rodrigues — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Antonio Amado Rodrigues, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Rodrigues e Sr. Maria Rodrigues, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Antonio Amado Rodrigues — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Antonio Amado Rodrigues, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Rodrigues e Sr. Maria Rodrigues, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Antonio Amado Rodrigues — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Antonio Amado Rodrigues, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Rodrigues e Sr. Maria Rodrigues, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Antonio Amado Rodrigues — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Antonio Amado Rodrigues, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Rodrigues e Sr. Maria Rodrigues, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Antonio Amado Rodrigues — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Antonio Amado Rodrigues, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Rodrigues e Sr. Maria Rodrigues, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

Antonio Amado Rodrigues — Faleceu em São Paulo, em 7 de janeiro, o Sr. Antonio Amado Rodrigues, conhecido por sua inteligência e caráter, filho de Sr. João Rodrigues e Sr. Maria Rodrigues, nascido em 18 de maio de 1878, em São Paulo.

VIDA RELIGIOSA

Reverliu-se de Brilho a Solenidade, no Odeon, da Formação dos Diplomandos do Instituto de Ciências e Letras Paranaíno — Expressivo Discurso Proferido pelo Ilustre Militar

Reverliu-se de brilho a solenidade, no Odeon, da formação dos diplomandos do Instituto de Ciências e Letras Paranaíno. O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante.

O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante. Ele falou sobre a importância da educação e da ciência para o desenvolvimento do Brasil.

O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante. Ele falou sobre a importância da educação e da ciência para o desenvolvimento do Brasil.

O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante. Ele falou sobre a importância da educação e da ciência para o desenvolvimento do Brasil.

O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante. Ele falou sobre a importância da educação e da ciência para o desenvolvimento do Brasil.

O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante. Ele falou sobre a importância da educação e da ciência para o desenvolvimento do Brasil.

Reverliu-se de Brilho a Solenidade, no Odeon, da Formação dos Diplomandos do Instituto de Ciências e Letras Paranaíno — Expressivo Discurso Proferido pelo Ilustre Militar



De alto, o general Manoel Rabello, proferindo o discurso proferido, e os alunos do Instituto de Ciências e Letras Paranaíno.

O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante. Ele falou sobre a importância da educação e da ciência para o desenvolvimento do Brasil.

O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante. Ele falou sobre a importância da educação e da ciência para o desenvolvimento do Brasil.

O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante. Ele falou sobre a importância da educação e da ciência para o desenvolvimento do Brasil.

O discurso proferido pelo ilustre militar, general Manoel Rabello, foi muito aplaudido e emocionante. Ele falou sobre a importância da educação e da ciência para o desenvolvimento do Brasil.

NA POLICIA E NAS RUAS

Serão mudados os cadernos de investigação

O chefe de polícia, Sr. João de Deus, anunciou que os cadernos de investigação da polícia serão mudados para facilitar o trabalho dos policiais.

O chefe de polícia, Sr. João de Deus, anunciou que os cadernos de investigação da polícia serão mudados para facilitar o trabalho dos policiais.

O chefe de polícia, Sr. João de Deus, anunciou que os cadernos de investigação da polícia serão mudados para facilitar o trabalho dos policiais.

O chefe de polícia, Sr. João de Deus, anunciou que os cadernos de investigação da polícia serão mudados para facilitar o trabalho dos policiais.

Briga no Praça da Sé

Dois jovens brigaram na Praça da Sé, resultando em ferimentos leves. A polícia foi chamada para resolver o caso.

Dois jovens brigaram na Praça da Sé, resultando em ferimentos leves. A polícia foi chamada para resolver o caso.

Dois jovens brigaram na Praça da Sé, resultando em ferimentos leves. A polícia foi chamada para resolver o caso.

Dois jovens brigaram na Praça da Sé, resultando em ferimentos leves. A polícia foi chamada para resolver o caso.

Dois jovens brigaram na Praça da Sé, resultando em ferimentos leves. A polícia foi chamada para resolver o caso.

Devem procurar seus cadernos de matriculas

Os alunos do Instituto de Ciências e Letras Paranaíno devem procurar seus cadernos de matriculas para a matrícula no próximo semestre.

Os alunos do Instituto de Ciências e Letras Paranaíno devem procurar seus cadernos de matriculas para a matrícula no próximo semestre.

Os alunos do Instituto de Ciências e Letras Paranaíno devem procurar seus cadernos de matriculas para a matrícula no próximo semestre.

Os alunos do Instituto de Ciências e Letras Paranaíno devem procurar seus cadernos de matriculas para a matrícula no próximo semestre.

Os alunos do Instituto de Ciências e Letras Paranaíno devem procurar seus cadernos de matriculas para a matrícula no próximo semestre.

Instituto dos Advogados

O Instituto dos Advogados realizará um curso de atualização profissional para os advogados paulistas.

O Instituto dos Advogados realizará um curso de atualização profissional para os advogados paulistas.

O Instituto dos Advogados realizará um curso de atualização profissional para os advogados paulistas.

O Instituto dos Advogados realizará um curso de atualização profissional para os advogados paulistas.

O Instituto dos Advogados realizará um curso de atualização profissional para os advogados paulistas.

Homenagem ao general Manoel Rabello

Um grupo de estudantes realizou uma homenagem ao general Manoel Rabello, apresentando um trabalho sobre sua vida e obra. O trabalho foi muito bem recebido e emocionante.

Um grupo de estudantes realizou uma homenagem ao general Manoel Rabello, apresentando um trabalho sobre sua vida e obra. O trabalho foi muito bem recebido e emocionante.

Um grupo de estudantes realizou uma homenagem ao general Manoel Rabello, apresentando um trabalho sobre sua vida e obra. O trabalho foi muito bem recebido e emocionante.

Um grupo de estudantes realizou uma homenagem ao general Manoel Rabello, apresentando um trabalho sobre sua vida e obra. O trabalho foi muito bem recebido e emocionante.

Um grupo de estudantes realizou uma homenagem ao general Manoel Rabello, apresentando um trabalho sobre sua vida e obra. O trabalho foi muito bem recebido e emocionante.

Um grupo de estudantes realizou uma homenagem ao general Manoel Rabello, apresentando um trabalho sobre sua vida e obra. O trabalho foi muito bem recebido e emocionante.

Um grupo de estudantes realizou uma homenagem ao general Manoel Rabello, apresentando um trabalho sobre sua vida e obra. O trabalho foi muito bem recebido e emocionante.

GUERRA SEM LIMITES Países citados como "eixo do mal" pelo presidente o acusam de estimular confrontos; Paris exprime reserva

Irã, Iraque e Coreia do Norte rebatem Bush

FRASES

Estados como esses [Irã, Iraque e Coreia do Norte] e seus aliados terroristas constituem um eixo do mal, armando-se para alcançar a paz mundial

GEORGE W. BUSH
presidente dos EUA

O povo americano deveria pedir a seus políticos que parassem de fomentar guerras e que utilizassem seus recursos para ajudar a alcançar a paz baseada na justiça. As acusações levaram a uma unidade ainda maior da nação iraniana contra países hegemônicos

MOHAMMAD KHATAMI
presidente do Irã

A declaração do presidente Bush é estúpida. Trata-se de um comentário impróprio feito pelo presidente de um país importante. Mas esse tipo de declaração por parte das autoridades americanas não é novo

TANAIA USSEINBAKHADAN
vice-presidente do Iraque



Bush durante o discurso sobre o estado da União, antontem

IRADIAÇÃO

O Irã, o Iraque e a Coreia do Norte reafirmaram ontem a afirmação de que formam um "eixo do mal", desmentindo as acusações de destruição em massa para armar os EUA e o restante do planeta, feita pelo presidente George W. Bush durante seu discurso sobre o estado da União.

Faça Teerã, as palavras de Bush denotam um desejo de hegemonia. Para Bagdá, elas podem significar um ataque iminente ao território iraquiano. Já Pyongyang as classifica de prova da "política de agressão" dos EUA.

Bush prometeu impedir que "os terroristas e os regimes que buscam armas químicas, biológicas e nucleares ameaças os EUA e o mundo" e citou o nome dos três países. Mas, segundo disse ontem Ari Fleischer, porta-voz da Casa Branca, Bush não quis dizer que um ataque seja iminente.

"O povo americano deveria pedir a seus políticos que parassem de fomentar guerras e que utilizassem seus recursos para ajudar a alcançar a paz baseada na justiça. As acusações feitas por Bush levaram a uma unidade ainda maior da nação iraniana contra países hegemônicos", declarou o presidente do Irã, Mohammad Khatami.

O Irã era um dos mais importantes aliados dos EUA na região até a Revolução Islâmica de 1979, que depôs o xá Reza Pahlavi. Os dois países cortaram relações após a tomada da Embaixada dos EUA em Teerã por revolucionários iranianos, em 1980. À época, 52 americanos foram mantidos como reféns durante 444 dias.

Iraque
Em Bagdá, as autoridades classificaram de "estúpidos e impróprios" os comentários de Bush. "A declaração do presidente Bush é estúpida. Trata-se de um comentário impróprio feito pelo presidente de um país importante. Mas esse tipo de declaração por parte das autoridades americanas não é novo", disse o vice-



Iraniano passa por mural com desenho antiamericano em Teerã

presidente Taiba Jasin Ramadan. "As acusações do pequeno Bush não são fundamentadas. A administração americana vem ameaçando o Iraque para preparar a opinião pública internacional para uma nova agressão ao Iraque", disse o deputado Salim al-Qubaili.

Alguns autoridades americanas já esportaram Bush a fazer do Iraque o próximo alvo da guerra. A mídia oficial da Coreia do Norte foi severa com Bush. "A

presidente, por sua vez, avisou o governo iraquiano que ele terá de enfrentar graves consequências se não permitir a retomada dos trabalhos de funcionários da ONU no país. Trata-se de especialistas que buscam inspecionar o arsenal iraquiano. O país vem sendo monitorado desde o final da Guerra do Golfo, em 1991.

A mídia oficial da Coreia do Norte foi severa com Bush. "A

ameaça apontada pelos EUA é um sofisma, cujo objetivo é justificar a presença militar americana na Coreia do Sul. Washington mantém uma política de agressão à Coreia do Norte", disse um editorial da agência de notícias oficial do país.

Grupos islâmicos
Dois dos principais grupos radicais islâmicos palestinos, o Hamas e o Jihad Islâmico, que são responsáveis pela maioria dos atentados ocorridos em Israel desde a assinatura dos acordos de Oslo (1993), também reafirmaram as acusações de Bush, invocando o "direito à resistência" à ocupação israelense.

O grupo extremista islâmico libanês Hizbolah disse que os comentários de Bush mostravam sua hostilidade em relação ao Oriente Médio e à sua população. "Não há nada de novo na lógica americana, que continua a alimentar a entidade sionista [Israel]. Essa é a mais dura das presenças terroristas", disse o grupo, que forçou a retirada das tropas israelenses do Líbano após 22 anos de ocupação em 2000. O Hizbolah é visto no Líbano como um movimento de libertação.

Nem todos os países de maioria muçulmana criticaram Bush. Autoridades da Somália disseram acolher calorosamente os comentários de Bush sobre a luta contra o terrorismo. No setor muçulmano da Índia, as autoridades disseram que trabalham em estreita colaboração com os EUA.

O premiê britânico, Tony Blair, um dos mais próximos aliados de Bush, disse que considerava correto que os EUA se preocupassem com a ameaça representada por outros países. Já o porta-voz da Chancelaria francesa, François Rivasseau, afirmou que a França não considera nenhum país um "Estado terrorista". Para o chancelier Hubert Védrines, o combate ao terrorismo "não pode limitar-se aos meios militares, pois suas causas têm de ser enfrentadas".

Com agências internacionais

ANÁLISE

Discurso amplia a 'doutrina Bush'

Associated Press



Soldados dos EUA desembarcam em base militar nas Filipinas

MICHAEL R. GORDON
DO "THE NEW YORK TIMES"

O presidente George W. Bush repassou antontem os perigos com que os EUA se confrontam e apresentou as bases de sua ambiciosa campanha por paz diplomática e potencial ação militar contra o Iraque e outros países hostis que procuram desenvolver armas de destruição em massa.

O presidente também listou sua disposição de levar a luta contra o terrorismo até Filipinas, Oriente Médio e África. Evocando o que já está sendo chamado de "doutrina Bush", ele voltou a lançar avisos aos governos que protegem terroristas.

Antontem, porém, ele ampliou essa doutrina de maneira significativa para incluir Estados que podem ameaçar os EUA com armas de destruição em massa.

O terrorismo, argumentou Bush, não é o perigo maior com que os EUA se confrontam. Igualmente preocupantes, afirmou, são os ataques feitos por Irã, Iraque e Coreia do Norte para desenvolver armas nucleares, químicas e biológicas. Bush descreveu esses perigos como sendo tão grandes que deu a impressão de, em alguns casos, estar preparando argumentos em favor de potenciais ações militares preventivas.

para descrever o esforço iraquiano para fabricar armas de destruição em massa e a determinação dos EUA de neutralizar essa ameaça. A administração Clinton, num primeiro momento, se referiu a Iraque, Irã e Coreia do Norte como "Estados delinquentes".

Mais tarde, passou a descrevê-los com um termo mais brando, "Estados que causam preocupação". Já Bush os caracterizou como a quintessência do mal. Descreveu sua busca por armas de destruição em massa como um perigo iminente que precisa ser enfrentado de maneira pronta e decisiva.

Como ele próprio disse: "Vamos agir de maneira pensada, mas o tempo não está do nosso lado".

Oficiais militares e funcionários civis de alto escalão dizem que a administração Bush se encontra apenas nas etapas iniciais de tentar decidir como lidar com o Iraque. Não existe consenso a esse respeito entre os altos representantes do governo, e Bush não fez antontem qualquer referência explícita a uma campanha militar.

Mas ele descreveu a ameaça em termos urgentes e lançou um chamado tão contundente à ação que deixou claro que, em essência, aceitou a definição do problema dada pela "doutrina" do governo.

Depois de a questão do Iraque ser aditada enquanto o governo se concentrava na guerra no Afeganistão, Saddam Hussein foi impellido para o primeiro lugar na pauta de política externa.

DISCURSO APROVADO

Reação ao pronunciamento de Bush entre os americanos

- Muito positivo
- Relativamente positivo
- Relativamente negativo
- Muito negativo
- Outras respostas/sem opinião



Fonte: L.A. Today (2001). Gráfico baseado em pesquisa de opinião por telefone realizada por uma empresa não identificada.

Para 94%, discurso de presidente foi positivo

DEBATE

O presidente dos EUA, George W. Bush, iniciou viagem para três Estados norte-americanos, onde pretende divulgar suas propostas sobre o futuro da guerra no terrorismo e o empenho para a retomada do crescimento econômico, principais temas do seu discurso para o estado da União, feito antontem e que recebeu ampla aprovação popular. Ele irá visitar os Estados da Carolina do Norte, da Flórida e da Geórgia.

Para 94% dos norte-americanos, o discurso de Bush foi considerado relativamente positivo ou muito positivo, de acordo com pesquisa do instituto Gallup. Mesmo entre os partidários do Partido Democrata, de oposição a Bush, o apoio ao pronunciamento do presidente norte-americano foi elevado: 72%.

Os principais diários do país evitaram criticar o presidente. O "New York Times" afirmou que o presidente possuiu capital político para seguir em frente com as políticas propostas no discurso de antontem. Segundo editorial, Bush fez parecer que "os americanos

podem tudo: gastar com defesa, segurança interna, programas sociais e corte de impostos. Se a economia caminhar na direção correta, a população ficará feliz com uma agenda pública pouco dolorosa." Mas, ressaltou o diário, "o teste da liderança de Bush se dará quando ele tiver de definir melhor as difíceis escolhas pela frente".

Para o "Washington Post", autor de qualquer coisa, é preciso avaliar que o discurso de Bush não aconteceu em uma situação similar à de outros pronunciamentos sobre o estado da União, pois o país vive em tempos de guerra.

Segundo o "Post", a ênfase do discurso do presidente em seguir no curso da guerra contra o terror é coerente.

Já o "USA Today" escreveu um editorial extremamente favorável ao presidente. "Bush fez a mais forte performance da sua Presidência. Suas palavras orientaram a nação nacional post-atentados de 11 de setembro", afirmou. "O presidente mostrou firmeza na sua campanha contra os ataques terroristas", disse o diário.

Foram as palavras mais contundentes usadas por Bush até agora

Com agências internacionais

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ***
Publicado desde 1961 - Propriedade da Empresa Folha de São Paulo Ltda.

Presidente: Lúcio Freixo
Diretor Editorial: Otávio Frias Filho
Supervisor Geral: Antonio Manoel Teixeira Mendes e Juvatei Brito
Editores-gerais: Edsonora de Lucena
Conselho Editorial: Luis Alberto Raulo, Rogério César de Albuquerque Leite, Marcelo Cortes, João de Freitas, Gilberto Demétrio, Luís Nassif, Flávio Passama, Cláudio Rossi, Carlos Heitor Cony, Celso Furtado, Antonio Manoel Teixeira Mendes, Lúcio Freixo e Otávio Frias Filho (Diretor Executivo)

EDITORIAIS

ESTÚPIDA INVASÃO

O SIGNIFICADO político da invasão da fazenda Córrego da Ponte, em Buritis (MG), é gravíssimo. Toda violação de privacidade é condenável. Mas, quando o ato se propõe a atingir o presidente da República, consuma-se, pelo efeito do exemplo, uma afronta aos fundamentos do sistema lastreado no domínio da lei. É de pelo caráter exemplar do acontecimento que se exige a aplicação rígida da lei penal aos responsáveis pela ocupação da fazenda. Agiu corretamente a Polícia Federal ao prender em flagrante os líderes da invasão. Por seu turno, se prometeu aos invasores do MST a liberdade em troca da desocupação da Córrego da Ponte, a dupla de ovidores agrários encarregada das negociações exorbitou de suas prerrogativas. Ninguém, em nome do Estado, pode oferecer o não-cumprimento da lei.

O governo falhou na vigilância da fazenda —alvo de tentativas de invasão anteriores. Correm nos bastidores versões que tentam ligar o lapso

na segurança a um pretérito interesse do Planalto de que a invasão da fazenda pelo MST gerasse um fato político contrário à oposição. Mas por ora é apenas uma hipótese.

O ministro Aloysio Nunes Ferreira, aliás, deu contribuição às teses conspiratórias ao apontar o dedo para o PT tão logo se soube da invasão da Córrego da Ponte. Há notórias ligações entre o PT e o MST. Mas, para lançar acusações contra os petistas, seria preciso que Ferreira, que zela pela honra da Justiça, revelasse indícios ou provas do envolvimento do partido na ação de Buritis. Alercações partidárias, ao desvirtuam o debate de seu posto principal, atuam em benefício do MST, que cometeu um dos mais graves erros de sua história. Foi criminoso, estúpido, afrontador e sem nenhum sentido para a luta por reforma agrária a violação da privacidade do presidente da República. O MST, que já vinha perdendo força, agiu diretamente em prol de sua própria desmoralização.

O PESO E O FMI

A PROFUNDAM-SE as incertezas sobre a economia argentina. Os grandes exportadores não trocam os dólares de suas transações por pesos. As famílias e as empresas não confiam no peso nem no sistema bancário. Procuram desbloquear seus depósitos. Quando o fuzil, correm para as casas de câmbio e transferem suas reservas para o dólar. A pequena circulação da moeda doméstica e o bloqueio dos depósitos bancários dificultam a recuperação da economia. O PIB caiu 4,5% em 2001 e se projeta queda de 8% neste ano. Dados do desempenho econômico de fevereiro apontam tendência à depressão.

Durante o dia de ontem, a cotação do peso variou de US\$ 2,90 (vendido por 12 bancos que fecharam um acordo com o BC) a US\$ 3,90 (nas casas de câmbio), no momento em que Banco Central determinou o fechamento do mercado.

Essa elevada desconfiança na moeda argentina decorre também de uma evidente luta entre o governo, os detentores da riqueza bloqueada, os exportadores e o Fundo Monetário In-

ternacional. Há uma discordância generalizada quanto à aceitação de uma moeda geral capaz de orientar os atos de troca, a fixação dos termos contratuais e a atribuição de valor à riqueza e aos rendimentos. O governo adotou mais um conjunto de medidas para manter as reservas disponíveis no Banco Central e tratar de ampliar a confiança na moeda nacional. Pretende comprar divisas diretamente dos exportadores, restringir as operações de resgate do Banco Central, limitar em 5% do patrimônio os ativos bancários em dólar e ampliar as opções para se realizar aplicações financeiras em pesos. Todavia, no estágio atual da crise, viabilizar condições mínimas de previsibilidade sobre a taxa de câmbio exige também um imediato aporte de recursos internacionais pelo FMI. O Fundo tem um papel estratégico a cumprir a fim de conter a especulação desenfreada contra o peso. Caso contrário, a crise política pode se aprofundar, levando a Argentina a um estado de completa desorganização, de consequências imprevisíveis.

O BRASILEIRO INFORMAL

S E O BRASIL tem uma legislação do trabalho excessivamente paternalista e que engessa a relação entre patrões e empregados, é verdade também que a maioria da população em idade ativa dela não se beneficia. A situação paradoxal foi captada por uma pesquisa do Datafolha, cujos resultados foram publicados ontem na Folha. Realizada em 126 municípios, a pesquisa revela que, nos últimos cinco anos, o número de assalariados com carteira assinada caiu de 22% da força de trabalho para 16%. No mesmo período, a porcentagem dos que sobrevivem de bicos cresceu de 13% para 16%. Direitos considerados incorporados à realidade do trabalhador não são desfrutados pela maioria: 53% não recebem o 13º salário e 54% não têm férias remuneradas. Os mais vulneráveis, obviamente, são os mais pobres. Nas classes de consumo D e E só 37% têm 13º e 36%, férias.

O resultado da pesquisa indica a urgência de uma reforma trabalhista. Se a tarefa de desregulamentação

for debatida por conta do mercado, os que mais precisam da proteção da lei tendem a ser os mais atingidos. Cria-se um círculo vicioso. O trabalhador abre mão das vantagens do mercado formal para manter o emprego. Mas, pressionado pela situação precária, acaba trabalhando mais, o que inibe a criação de novas vagas. O projeto do governo para flexibilizar os direitos trabalhistas objetiva criar empregos por meio da redução dos custos trabalhistas. Trata-se, no entanto, de uma iniciativa que não vai ao fundo da questão. A desconexão da folha de pagamentos, condição para o fim de pagamentos, condição para o fim de pagamentos, condição para o fim de pagamentos, condição para o fim de pagamentos. Embora a reforma trabalhista ainda não esteja incluída na agenda eleitoral, os candidatos precisam se posicionar. A sociedade identifica o desemprego como o principal problema do país. E o eleitor intui que a retórica inconsistente de campanha não combaterá o desemprego.



ALBUM DE CAMPANHA - Abaixo, o pré-candidato do Partido dos Trabalhadores à Presidência da República, acompanhado de sua esposa, deixa o local de uma reunião em busca de apoio, alança su coligação.

Injusto e pobre

SÃO PAULO - A pesquisa Datafolha que este jornal publicou domingo sobre direitos trabalhistas é um retrato desolador (malu um) do que o presidente Fernando Henrique Cardoso de que o Brasil não é um país justo, é apenas injusto. Não, presidente, o Brasil é injusto, sim, mas também tremendamente pobre. Se em países pobres, injustos não, há tão formidável desprezo à lei (no caso à legislação trabalhista) a ponto de a maioria dos trabalhadores viver à margem dela. Por extensão, vive privada também a direitos básicos, como 13º salário e férias remuneradas, além de receber salário inferior aos dias que estão protegidos pela lei. Note-se que estamos falando, aqui, da parcela dos brasileiros que está no mercado, que tem renda (pouca, é verdade, mas renda). Desse se diz qual degradação é a situação da massa de marginalizados. A pesquisa revela igualmente como são equivocadas as prioridades do

governo Fernando Henrique nessa matéria, como em tantas outras. Em vez de empenhar-se em flexibilizar os direitos trabalhistas, o governo deveria estar se mantendo para colocar a maioria dos trabalhadores sob o guarda-chuva da lei. De quatro, fica demonstrada a incoerência das centrais sindicais que se engajaram na campanha oficial para modificar a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Não que a CLT seja uma maravilha. Bem ao contrário. Ela precisa mesmo de modificações de fundo, porque já está provado que protege pouco e mal o trabalhador. Mas, quando uma lei, ainda que ruim, consegue o papel básico de proteger o mais fraco, o correto, especialmente em sendo dirigente sindical, é lutar para que a proteção legal se estenda à maioria. Depois, sim, pode-se até trabalhar em conjunto com Congresso para que a legislação seja aperfeiçoada. A pesquisa do Datafolha só comprova uma coisa: ruim com a CLT, pior sem ela.

A culpa é do Serra

BRASÍLIA - A Justiça mandou que fosse feita, e a Polícia Federal fez, uma operação de busca e apreensão numa empresa da governadora e presidencialista Rosaneia Sarney (PFL). A culpa é do Serra. Não operação, os policiais encontraram R\$ 1,34 milhão em dinheiro vivo. Ato contínuo, lá estava a bolada na TV e nos jornais, sustentando a candidatura Rosaneia. A culpa é do Serra. Quando surgiu a história de um "leak" jornalístico sobre Rosaneia, foi logo atribuído ao fazendeiro Márcio Fortes. No fim, era só um traque e não fora feito por Fortes, e sim por Ricardo Moura, casado de Rosaneia. Mas a culpa era e é de Serra. Depois de anos ameaçando invadir a fazenda de FHC e de seus filhos, o MST finalmente cumpre a ameaça. Os sem-terra passaram pela portões e cercas, esparramando-se pelos quintais e campos, bebendo tudo o que viciou pela frente. A culpa é do Serra. O Exército estava dormindo, o governador de Minas havia tirado as mãos, a Polícia Federal relaxou, a inteligência da Abin emburreceu. A

culpa, clara, é do Serra. Governistas querem colorir a ação do MST à campanha do petista Lula. Indício Lula da Silva, tentando forçar a imagem de radical que vive de títul com Fidel, aproxima-se de Chávez e defende os saques na Argentina. A culpa é do Serra. Anthony Gorocheiro vai tropeçar ali na escuridão? A culpa vai ser do Serra. Ciro Gomes vai engajar com Sampa? A culpa também vai ser do Serra. O presidente do TSE, Nelson Jobim, é "assado, ô" com Serra, principal beneficiário da sua verificação das eleições. E hoje, o tribunal deve anunciar que os partidos sem candidato do presidente poderão se aliar como bem entenderem nos Estados. Ótimo para a aproximação do PSDB com setores flexíveis do PFL. Nossa história de TSE, a culpa é mesmo do Serra? Eu acho. Mas atribuir tudo a ele, na eleição, no país e qual o mundo, parece demais. Quem quer transformá-lo em réu pode exagerar na dose e conseguir o mesmo. Daqui a pouco vai aparecer quem diga: "Candidato do Serra".

FRASES

A vingança paulista

PARIS - Passo adiante a teoria que ouvi, antes de minha, de um desses caras que a mídia classifica de "cientista político". Não lhe cito o nome porque, de certa forma, ele é aquilo que o jurgo do ofício chama de "jingle". E tenho o direito de guardá-lo em sigilo, conforme prescrevem todas as manuais de redação existentes. Lembrou a minha forma, que veio a Paris dar um curso em Nanterre, que vivemos a vingança da Revolução de 32, quando os paulistas, em nome da necessidade de uma Constituição que limitasse o arbítrio da Revolução de 30, levantaram-se contra Vargas, tentando depô-lo. O episódio é um divisor de águas em nossa recente história. Seus defensores garantem que o movimento era libertário, destinado a frear a ditadura emergente. O "outro lado" afirma que a revolta paulista foi essencialmente reacionária, tentando impedir uma legislação social que contrariava o grande capital, já então concentrado em São Paulo.

Seja como for, o fato é que os paulistas pegaram em armas e perderam, ao menos militarmente. Foi votada uma Constituição, que durou pouco. Mas, entre mortos e feridos, tivemos a legislação social da Era Vargas e a implantação de um projeto nacional que nos deu, afinal, uma estrutura moderna de Estado. De lá para cá, e na condição de unidade mais rica da federação, São Paulo tentou diversas vezes reconquistar a hegemonia política que combinasse com a hegemonia econômica que lhe pertencia. Levou anos para isso. De 1932 a 1994. Com FHC no governo, centrado no conceito poderoso do capitalismo e na prática neoliberal, a Revolução de 30 vem sendo gradualmente destruída. Invocando a instabilidade de um aparato moderno para o país, o PSDB está promovendo a restauração da República Velha, assinalada pela definitiva eliminação de Minas, que não foi possível em 32, e pela soberania absoluta de São Paulo.

MARCIO AITH

A origem do "eixo do mal"

POUR UM deslize de uma mulher orgulhosa, descobriu-se recentemente a origem trivial da expressão "eixo do mal", com a qual o presidente George W. Bush classificou, no dia 29 de janeiro, uma suposta aliança malvada entre a Coreia do Norte, o Iraque e o Irã. A escritora Danielle Crittenden, author do colunista canadense David Frum, distribuiu recentemente e-mails orgulhosos informando a amigos que fora seu marido o autor da ideia, lida no discurso anual do presidente sobre o Estado da União. Frum era um dos que escreviam os discursos da Casa Branca e teria criado o termo com o objetivo de projetar a segunda fase do combate ao terror. "Não é sempre que uma frase escrita por alguém ganha atenção nacional", escreveu Crittenden. "Irão, espero que vocês desculpem meu orgulho de esposa em vê-la repetida em manchete em todos os lugares." A mensagem acabou caindo nas mãos de jornalistas e foi tomada pública pela revista virtual "Slate". Como autor do discurso, Frum tinha o dever de contestar-se com o anfitrião. O episódio causou mal-estar no governo, e o escritor, alegando outros motivos, renunciou a seu emprego na Casa Branca. David Frum não perdeu o cargo pela infidelidade de sua criação, mas, sim, pelo dano causado pela incoerência de sua mulher na autoridade presidencial. Presidentes não costumam escrever os seus próprios textos, mas fornecem as linhas gerais a diplomatas ou a assessores supostamente competentes e discretos. O problema com o "eixo do mal" é que vários integrantes do próprio gabinete de Bush já consideravam a expressão um desastre diplomático antes de descobrirem a sua autoria. Frum achou que acertara ao inspirar-se na aliança formada em 1939 entre a Alemanha, a Itália e o Japão. Acabou construído um movimento ao manifesto. A ideia de um eixo pressupõe a existência de sinergia, de comunicação e de estratégia comum entre o Iraque, o Irã e a Coreia do Norte. Tal pressuposto ignora fatos óbvios, como a rivalidade entre o Irã e o Iraque e a falta de conexão desses dois países com a Coreia do Norte. Funcionários do governo garantem que Bush deu a ordem para que os três países fossem mencionados no discurso, mas relatam em confirmar que a palavra "eixo" tenha partido do presidente. Ao que tudo indica, teria sido criação livre dos autores do texto, que, depois de lido, desaprovaram as alianças dos EUA no mundo. É óbvio que Bush tem responsabilidade sobre a expressão pelo simples fato de tê-la lido. Além disso, seu gabinete tinha a obrigação de avaliar previamente o impacto de tal colocação na política externa. No entanto causa indignação imaginar que o homem mais poderoso do mundo possa ser guiado por um escritor free-lance.

Marcio Aith é correspondente da Folha em Washington. Não é jornalista, não é publicista e não é advogado. É apenas um cidadão comum que escreve às vezes para alguns jornais.

DEVERES "(...) a Polícia Federal estaria cometendo crime de prevaricação." Alcyon Nunes Ferreira, ministro da Justiça, disse que o PT não estaria cometendo crime de prevaricação por não ter permitido a entrada de investidores estrangeiros na bolsa brasileira.

CONTRA "Sou contra a invasão da casa do presidente como sou contra a invasão da casa de todo e qualquer cidadão brasileiro."

Lula tirou Lula da Silva, pré-candidato do PT à Presidência da República, emendando a moeda de Buritis, onde se deu a invasão.

GUERRA SEM LIMITES

E-mail dos supostos sequestradores afirma que Daniel Pearl foi morto; telefonema pede resgate para libertá-lo

Jornalista sequestrado pode estar morto



O jornalista Daniel Pearl (não destacado) é atirado em fogo enviada por seus sequestradores

DA REDAÇÃO

Dois informações divulgadas ontem divergem sobre o destino do jornalista Daniel Pearl, do diário "Wall Street Journal", sequestrado no Paquistão.

E-mail enviado ontem a vários órgãos de imprensa internacionais afirmava que Pearl teria sido morto e seu corpo estaria em um cemitério de Karachi (Paquistão). Porém, em telefonema feito aos contatos dos EUA na cidade paquistanesa, um grupo exigiu o pagamento de US\$ 2 milhões para libertar o repórter.

Até o encerramento desta edição, autoridades americanas não sabiam informar qual das duas mensagens seria a verdadeira, tampouco se alguma delas era real ou apenas um troço.

"Vimos na imprensa as informações. Mas não estamos em condições de confirmá-las", declarou Sean McCormack, porta-voz da Casa Branca. De acordo com o presidente americano, George W. Bush, os investigadores estão rastreando os e-mails para que se descubram pistas que levem aos sequestradores.

Porta-voz do "Wall Street Journal" afirmou que o jornal mantém as esperanças de que o repórter esteja vivo. O diário fez contraproposta aos sequestradores. Em troca de Pearl, daria o espaço que eles desejarem no jornal para expressarem suas opiniões.

O grupo autodenominado "Movimento Nacional para a Restauração da Soberania Paquistanesa" reivindicou o sequestro, ocorrido na semana passada. In-

claramente, os sequestradores acusaram Pearl de ser membro da CIA (serviço de inteligência dos EUA) e posteriormente do Mossad (serviço secreto israelense).

Para libertá-lo, o grupo exige a libertação de prisioneiros mantidos na rede terrorista Al Qaeda presos na base americana de Guantánamo, em Cuba.

Na quarta-feira, o grupo havia dado um ultimato ao governo dos EUA para atender à sua demanda. Caso contrário, Pearl seria morto. Anteriormente, o grupo decidiu postergar por um dia o ultimato, que terminaria ontem.

Como as mensagens anteriores do grupo foram todas enviadas por e-mail, a hipótese de que o jornalista tenha sido morto era mais factível. No primeiro contato, feito há uma semana, o grupo enviou fotos de Pearl segurando um jornal do dia e com uma arma apontada para a sua cabeça.

Nos e-mails seguintes, não foram enviadas fotografias, assim como no de ontem. Segundo o grupo, o jornalista estaria sendo submetido a condições semelhantes às dos prisioneiros da Al Qaeda e da milícia extremista Taliban em Guantánamo. Organizações de defesa dos direitos humanos dizem que o tratamento dos prisioneiros é inumano.

O secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, afirmou que o país não tem o que negociar. Em telefonema feito para o Conselho dos EUA em Karachi, no Paquistão, um homem dizendo ser integrante do grupo que realizou o sequestro exigiu US\$ 2 milhões para libertar Pearl. Alim

disse, pediu a libertação de Abdul Salim Zaheer, ex-embaixador do Taliban no Paquistão.

O desconhecido deu um prazo de 36 horas para que o dinheiro fosse providenciado. Ele não indicou nenhum detalhe sobre a forma como deveriam ser entregues os US\$ 2 milhões. Apenas afirmou que ligaria novamente.

"Estamos levando essa chamada tão a sério quanto os e-mails", afirmou um porta-voz da polícia paquistanesa. Segundo autoridades paquistanesas, a Índia pode estar envolvida com o sequestro, para que os EUA se voltem contra o Paquistão. Indonésios e paquistaneses são as duas principais potências da região e disputam a Província Indiana da Caxemira.

Fuam os investigadores, a perfida com que os sequestradores utilizam a internet não é comum em casos semelhantes.

Antes de ser sequestrado, Pearl entrevistara Mubarak Shah Gilani, líder do grupo extremista islâmico Taliban no Paqui. Gilani já foi interrogado pela polícia, mas não disse nada de relevante. Correspondente do "Wall Street Journal" em Islamabad, porém, investigava a ligação de grupos extremistas com a Al Qaeda.

O ex-carregado mundial de bone Maratona por paquistanês, pediu aos sequestradores que libertem Pearl. "Então não como vocês gostariam que os prisioneiros fossem tratados", disse.

Oito jornalistas morreram na cobertura da Guerra no Afeganistão ano passado.

Com reportagem internacional

Ameaça de Bush a outros países sofre críticas

DA REDAÇÃO

A ex-secretária de Estado americana Madeleine Albright criticou ontem o presidente dos EUA, George W. Bush, por ter classificado Irã, Iraque e Coreia do Norte como o "eixo do mal".

Não foi a única voz dissidente: o chanceler britânico, Jack Straw, e o secretário-geral da Otan (aliança militar ocidental), George Robertson, advertiram que Washington deve refletir cuidadosamente antes de expandir a luta contra o terror a outros países.

Em entrevista à TV NBC, Albright, que chefiou a diplomacia americana no governo de Bill Clinton (1993-2001), disse que Bush cometeu um "erro crasso" ao juntar Irã, Iraque e Coreia do Norte em seu discurso na terça-feira passada.

Nesse discurso, Bush acusou esses países de trabalhar para desenvolver armas de destruição em massa e disse que seu governo os impediria de "terrorizar os EUA".

"Em primeiro lugar, esses países são muito diferentes um do outro", disse Albright.

No caso do Iraque, disse ela, os EUA vêm tentando conter o ditador Saddam Hussein desde 1996. Mas, segundo Albright, a situação no Iraque é complexa para uma solução apressada. Sobre o Irã, os EUA precisam da ajuda de Teerã para lidar com o Afeganistão. Tão relativo à Coreia do Norte, Albright disse que é um erro os EUA se afastarem completamente do Estado comunista. Washington manteve conversações com a Coreia do Norte acerca de seu programa de armas, mas o processo não vem avançando.

"Quando saímos do poder, deixamos na mesa a possibilidade de fechar um acordo que interromperia a exportação norte-coreana de tecnologia de mísseis. É um erro deixar tudo isso de lado. Sabemos que a Coreia do Norte é perigosa, mas incluir esses três países no mesmo saco é estranho", disse Albright.

Cautela
O secretário-geral da Otan, George Robertson, por sua vez,

afirmou que o governo americano precisa ter provas claras de suas acusações contra Irã, Iraque e Coreia do Norte antes de tomar qualquer ação militar.

Em comentários feitos em Nova York, onde participou do Fórum Econômico Mundial, Robertson disse que o compromisso da Otan de apoiar os EUA se refere somente a casos relacionados aos atentados de 11 de setembro.

"Acho que, se os americanos obtiverem provas convincentes que ligem outros países ao 11 de setembro, seus aliados ficarão bastante interessados em combatê-los. Mas até agora isso não aconteceu", disse Robertson.

O chanceler Jack Straw, a exemplo de outros dirigentes europeus, seguiu linha de raciocínio idêntica. Ele pediu cautela aos EUA antes de empreender a expansão de suas operações militares.

Em Washington, após encontro com o secretário de Estado dos EUA, Colin Powell, Straw afirmou que seu governo continuará conversando com os reformistas iranianos, liderados pelo presidente Mohammad Khatami, apesar de ser tão crítico quanto os americanos a respeito do regime clerical de Teerã.

Guantánamo
A ex-secretária Albright questionou também o modo como o governo dos EUA está respondendo às críticas sobre a questão dos prisioneiros mantidos na base americana de Guantánamo (Cuba). Para ela, todo o episódio está sendo prejudicial ao país em termos diplomáticos.

Albright disse que, em lugar de mostrar ao mundo as condições da prisão — que, para ela, são adequadas —, os EUA se envolveram em discussões sobre a razão pela qual não vão conceder aos detidos o status de prisioneiros de guerra, o que lhes garantiria certos direitos. Ela sugeriu que seja divulgado um vídeo mostrando de que modo os prisioneiros estão sendo tratados. "Isso nos ajudaria, de maneira geral, não apenas em que a comunidade internacional acha que perdemos a razão."

Com reportagem internacional



Albright

ALBRIGHT

É um erro deixar isso [a chance de acordo com a Coreia do Norte] de lado. A Coreia do Norte é perigosa, mas incluir esses três países no mesmo saco é arriscado



Robertson

ROBERTSON

Se os EUA tiverem provas que ligem outros países ao 11 de setembro, seus aliados ficarão interessados em combatê-los. Mas até agora isso não aconteceu



Bush desembarca do helicóptero presidencial na Casa Branca

Al Jazeera dá versão de vídeo de Bin Laden

DA REDAÇÃO

A rede de TV Al Jazeera, do Qatar, afirmou ontem que não divulgou entrevista com Osama bin Laden realizada em outubro de 2001 porque temia ser mais uma voz acusada por paquistaneses de ser "porta-voz" do terrorista saudita — que admitiu, em vídeo, seu envolvimento nos atentados de 11 de setembro.

A entrevista, na qual o saudita afirma que a "batida contra os EUA" continua, foi transmitida anteriormente pela rede de TV americana CNN, que afirma ter obtido a fita por meio de uma fonte não governamental.

Segundo disse um jornalista da Al Jazeera para a agência de notícias Reuters, "devido às circunstâncias da ocasião, levar ao ar a entrevista acenaria a descon-fiança de que a famosa 'porta-voz' de Bin Laden". O nome do jornalista não foi divulgado.

Logo após os atentados de 11 de setembro, a Al Jazeera se tornou o foco das atenções internacionais por levar ao ar pronunciamentos de Bin Laden no Afeganistão.

Em comunicado oficial, a Al Jazeera afirmou não ter levado ao ar a entrevista com o saudita por considerá-la de má qualidade e com pouco conteúdo jornalístico. Afirmando que a CNN obtive a entrevista de maneira legal, a rede de TV do Qatar decidiu romper anteriormente suas relações com a rede de TV americana.

A CNN, que possuía acordo com a Al Jazeera, nega que tenha conseguido a fita de modo ilegal, segundo Jason Jordan, diretor de notícias da rede.

Na entrevista, Bin Laden afirmou que a "batida contra os EUA" continuará até a vitória ser conquistada. Questionado sobre o seu envolvimento nos atentados de 11 de setembro, o saudita afirmou: "Se incluir as pessoas, fazes isso é terrorismo, se matar aqueles que matam nossos filhos e terroristas, então deixamos que a história se desenrola de que somos terroristas".

Com reportagem internacional

ORIENTE MÉDIO Apesar de pedido do primeiro-ministro de Israel para romper com líder palestino, presidente mantém relações

Com Sharon, Bush pressiona Arafat



O primeiro-ministro israelense, Ariel Sharon (esquerda), dá a mão para o presidente George W. Bush após encontro na Casa Branca

BARBAÇÃO

O presidente dos EUA, George W. Bush, não aceitou pedido do premiê israelense, Ariel Sharon, para romper relações com o líder palestino, Yasser Arafat. Mas, após encontro entre os dois líderes ontem na Casa Branca, Bush afirmou que continuará pressionando o líder palestino. "Arafat deve acabar com o terrorismo de uma vez por todas. Ele escutou a minha mensagem da maneira mais clara possível", disse o presidente ao lado de Sharon.

O presidente acrescentou que ficou muito decepcionado com Arafat devido ao episódio do barco carregado com 50 toneladas de armas interceptado por Israel no início de janeiro.

Os EUA afirmam ter recebido provas de Israel que demonstram o envolvimento da Autoridade Nacional Palestina, presidida por Arafat, no episódio. O líder palestino, que no início negava qualquer ligação da sua entidade com o caso, agora admite que membros da ANP estavam envolvidos no carregamento.

Sharon, por sua vez, criticou novamente Arafat, afirmando que o seu governo o considera um obstáculo para a paz na região. "Ele [o líder palestino] utiliza uma estratégia de terror", disse o primeiro-ministro.

Sharon é favorável ao diálogo com outras autoridades palestinas. No último fim de semana, o premiê manteve conversações com outros membros da ANP.

Os dois líderes concordaram que, no fim do processo, acabará sendo criado um Estado palestino. Porém tanto Bush quanto Sharon afirmaram que, para atingir esse objetivo, os palestinos precisam demonstrar que querem a paz, desmantelando os grupos terroristas, prendendo múltiplos extremistas e não incitando mais a população contra Israel.

Arafat, que está confinado por Israel em Ramallah (Cisjordânia) desde o início de dezembro, afirmou que está disposto a se reunir com os israelenses para negociar a paz, com mediação dos EUA. Os norte-americanos apóiam o confinamento do líder palestino.

Israel afirma que somente se retirará Arafat quando ele demonstrar que está agindo contra o terrorismo e entregar os responsáveis pela morte de ministro israelense em outubro.

Eixo do mal

Em seu encontro ontem em Washington, Sharon também teria exortado Bush a ignorar os temores europeus em relação à sua "guerra ao terror" e a não fraquejar nas iniciativas contra o que ele chamou de "eixo do mal", que inclui dois dos maiores inimigos de Israel: Irã e Iraque.

Israel vem buscando aproveitar o clima beligerante manifestado por Bush, lançando ataques verbais contra Teerã, que acusa de ter fornecido 8.000 novos mísseis ao grupo extremista libanês Hizbollah, capazes de atingir boa parte do norte de Israel. A estratégia de Sharon é passar a ideia de que o Irã é uma ameaça importante, contra a qual é preciso agir.

Sharon também teria sentido Bush sobre os primeiros passos dos EUA contra o Iraque. Não é de hoje que Israel reclama dos programas nucleares e de mísseis do Irã, mas, após 11 de setembro, seus propagandistas hiperativos vêm lançando alegações de que Teerã controla uma cadeia de forças que se espóia a Israel. Especificamente, vem procurando fazer Bush lidar-se com Arafat, argumentando que existe um "tríângulo do terror" composto pelo Irã, pelo Hizbollah e pela Autoridade Nacional Palestina (ANP).

Com agências internacionais

Ao menos 27 palestinos deixam prisões

BARBAÇÃO

Ao menos 27 palestinos deixaram prisões em Nablus e Jericó, na Cisjordânia, entre eles um dos líderes do grupo extremista Jihad Islâmico. De acordo com Israel, a Autoridade Nacional Palestina (ANP), presidida por Yasser Arafat, teria facilitado a saída dos presos. Os palestinos negam que tenham permitido a fuga.

Horas mais tarde, helicópteros israelenses dispararam mísseis em direção da ANP em Nablus. Não houve feridos. A ação foi uma res-

posta ao atentado reivindicado pelo grupo extremista Hamas anunciado contra o assentamento judeu de Hama, que deixou quatro mortos: o terrorista, um soldado, uma israelense e sua filha de 11 anos. Capas de Israel já haviam bombardeado Nablus pouco depois do atentado.

De acordo com autoridades palestinas, mais de 20 presos fugiram da prisão em Nablus temendo que o local fosse alvo de um ataque israelense, pois o prédio ao lado, da ANP, foi atingido no bombardeio. A ANP afirmou que

não teve como conter a fuga.

Um dos presos que deixou a prisão é Mohammed Tawalbeh, líder do braço militar do Jihad Islâmico, que está na lista de militantes mais procurados por Israel. O extremista, preso desde novembro, enviou, segundo israelenses, 15 terroristas suicidas para realizarem atentados em Israel.

Em Jericó, palestinos portando armas teriam dominado policiais da ANP em um posto policial da cidade para libertar sete militantes que estavam presos. Segundo autoridades israelen-

ses, a polícia palestina não teria oferecido nenhuma resistência para impedir a saída dos presos.

Para Israel, Arafat prende extremistas apenas quando é pressionado pelos norte-americanos e pelos israelenses, mas os liberta mais tarde.

O líder palestino havia se comprometido em dezembro a deter todos os integrantes de uma lista de mais procurados de Israel. Israel diz que praticamente nada foi feito desde então.

Com agências internacionais

A GENTE SABE QUE VOCÊ PASSOU O ANO INTEIRO PENSANDO NISSO.

191 020 708 1000

SPEED UOL